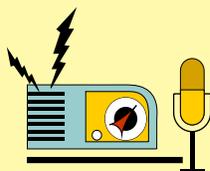


FIFA WORLD CUP
Brasil

**A mulher
no noticiário brasileiro
durante a
Copa do Mundo 2014**



**Vera Vieira
Sandra Duarte de Souza**

**São Paulo
2015**



Vera Vieira
Sandra Duarte de Souza

A mulher no noticiário brasileiro durante a Copa do Mundo 2014

São Paulo
2015

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO



Vera Vieira
Sandra Duarte de Souza



A mulher no noticiário brasileiro durante a Copa do Mundo 2014

São Paulo
2015



Título:
A mulher no noticiário brasileiro
durante a Copa do Mundo 2014

Publicação eletrônica

Local:
São Paulo

Autoras:
Vera Vieira e Sandra Duarte de
Souza

Ano da publicação:
2015

Editora:
Rede Mulher e Associação Mulheres
pela Paz

Edição:
1a.edição

Projeto Gráfico e Edição :
Vera Vieira

REDE MULHER DE EDUCAÇÃO
Praça da República, 376, cj. 71
01045-000 - São Paulo/SP
www.redemulher.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vieira, Vera

A mulher no noticiário brasileiro durante a
Copa do Mundo 2014 [livro eletrônico] / Vera
Vieira, Sandra Duarte de Souza. -- São Paulo :
Rede Mulher de Educação, 2015.

"Fifa World Cup Brasil".
Bibliografia.
ISBN 978-85-88197-06-0

1. Comunicação de massa - Brasil 2. Copa do
Mundo FIFA Brasil 2014 3. Entrevistas (Jornalismo)
4. Jornalismo esportivo 5. Mulheres jornalistas -
Brasil 6. Repórteres e reportagens I. Souza,
Sandra Duarte de. II. Título.

15-02083

CDD-07 9.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Repórteres e reportagens :
Jornalismo 079.81

Ao se romper com a
linguagem estereotipada e discriminatória
- tanto a escrita como a das imagens -,
presente em jornais, rádio, televisão,
internet, livros, revistas, etc.,
avança-se na influência do modo de percepção da
realidade pelas pessoas, quebrando-se padrões com-
portamentais que levam a uma
sociedade mais justa e igualitária.
As diversas mídias podem reforçar estereótipos,
mas também podem ser utilizadas
como instrumentos de transformação
da realidade vigente.

(Vera Vieira)

Sumário

Apresentação

Ler criticamente para interferir nos padrões estereotipados	9
---	---

I - O processo coletivo de diagnóstico das notícias

1. Monitoras(es) participantes Brasil afora	15
2. Veículos de comunicação monitorados	19
3. Principais manchetes do dia 23/6/2014	25
4. Incidência de características das pessoas nas notícias	27
5. Incidência da mulher e de estereótipos nas notícias	33
6. Contextualização do Brasil	49
7. Sobre a Copa do Mundo 2014	53
8. Parâmetros para a análise qualitativa	59
9. Análise qualitativa de notícias	63
10. Considerações finais	93

II - Contribuições teóricas

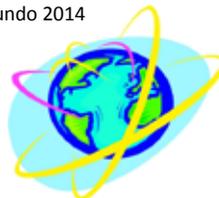
1. A discriminação à mulher está presa à tirania das palavras e imagens	99
Tabela de Recomendação para Utilização de Uma Linguagem Inclusiva	106
2. A Educomunicação e a importância da intervenção nas mídias	107

III - Monitoramentos anteriores da WACC com participação do Brasil

1. Projeto de Monitoramento Global de Mídia de 2010	121
2. Projeto de Monitoramento Global de Mídia de 2005	185

Anexos

1. Cartas enviadas às(aos) participantes	205
2. Certificado de participação	210
3. Guia e Folha de Codificação para jornal impresso	211



Apresentação

Ler criticamente para interferir nos padrões estereotipados

Somente 23% das notícias estão concentradas nas mulheres. Em geral, as mulheres permanecem extremamente sub-representadas na cobertura de notícias, em comparação com os homens, retratando um mundo em que elas se encontram ausentes, inclusive em termos de opinião e visão femininas. A transversalidade não é pauta valorizada. Esses são os principais resultados desta pesquisa que teve como objetivo o aprofundamento do estudo da representação das mulheres e dos homens nas notícias dos jornais, rádio, TV e online, no que concerne aos estereótipos sexistas, racistas e de orientação sexual/ identidade de gênero, no Brasil, um país com dimensões continentais, com a participação de ativistas e investigadoras(es), em caráter voluntário, por ocasião da realização da Copa do Mundo no país.

A iniciativa buscou documentar e instrumentalizar para alterar padrões estereotipados de representação da mulher e incidir em políticas públicas. Considerou-se estratégica a escolha de uma data de monitoramento durante o período de realização da **Copa do Mundo 2014** no Brasil, ou seja, **23 de junho**, para se analisar os estereótipos discriminatórios que prevaleceram nas notícias na ocasião, quer tivessem



ou não relação com o evento.

Parte-se do princípio de que os estereótipos discriminatórios nas mídias podem contribuir para reforçar as desigualdades. A construção assimétrica de gênero, raça-etnia e orientação sexual traz sérias consequências para a sociedade. A principal é a violência contra a mulher, que se materializa na vida cotidiana pela violência doméstica, violência sexual e tráfico de mulheres. Por outro lado, acredita-se que mecanismos de intervenção podem fazer com que os veículos de comunicação se tornem instrumentos de transformação da realidade vigente.

A presente atividade, em nível nacional, vem se somar às anteriores realizadas pela WACC (World Association for Christian Communication), uma rede de comunicação global com sede na cidade de Toronto, Canadá, em nível internacional, através do Projeto Global de Monitoramento da Mídia (GMMP, sigla em inglês), realizado em quatro edições, a cada cinco anos: 1995/2000/2005/2010). É imprescindível entregar às pessoas ativistas, nas questões de gênero e comunicação, uma ferramenta que lhes permita realizar lobby a favor de melhores políticas de comunicação, levando em conta a questão de gênero, raça e orientação sexual. Tais projetos incentivam as pessoas que trabalham em prol dos direitos da mulher a abordar a inter-relação com os meios de comunicação de massa, os quais podem, por um lado, reforçar estereótipos, mas, por outro, podem se tornar instrumentos de transformação.

Os guias de monitoramento, para cada um dos veículos, foram adaptação do GMMP. A coordenação do projeto ficou a cargo de Vera Vieira, que é coordenadora da Rede Mulher de Educação e diretora da Associação



Mulheres pela Paz, e por Sandra Duarte de Souza, professora da Universidade Metodista de São Paulo e coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora-Netmal).

Esta publicação, inicialmente divulgada online, retrata o empenho de ativistas no processo coletivo de diagnóstico das diversas mídias, em todas as regiões do Brasil, e de análise final das coordenadoras, visando instrumentalizar às pessoas interessadas na luta por um mundo mais equitativo, diverso e plural que, certamente, beneficiará à sociedade em geral. Infelizmente, o principal resultado é o de que as mulheres estão sub-representadas nos noticiários de todos os veículos, pois somente 23% das matérias estão concentradas nelas.

Nosso agradecimento ao conjunto de voluntárias(os) participante, assim como ao apoio da WACC, que propiciou realizar o retrato da representação da mulher pelos veículos de comunicação de massa, durante a Copa do Mundo, o maior evento esportivo mundial, contribuindo sobremaneira para aprimorar a leitura crítica das mídias, assim como embasar futuras políticas públicas de regulamentação desses veículos.

Vera Vieira e Sandra Duarte de Souza



As coordenadoras Vera Vieira (esq) e Sandra Duarte de Souza, durante reunião para sistematização dos resultados.

As autoras

Vera Vieira

É coordenadora da Rede Mulher de Educação e Diretora-Executiva da Associação Mulheres pela Paz.

É jornalista, com mestrado e doutorado na USP/ECA, focando a inter-relação Comunicação, Educação e Feminismo.

Sandra Duarte de Souza

É coordenadora da área de Religião, Sociedade e Cultura do Programa de Pós- Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/ Netmal. É doutora em Ciências da Religião, com pós-doutorado em História Cultural.

**I - O processo coletivo
de diagnóstico
das notícias**



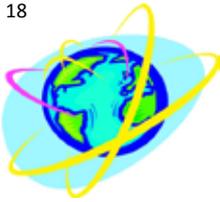
1. Monitoras(es) participantes Brasil afora

Inicialmente, foi feito um levantamento de possíveis monitoras(es) em todos os estados brasileiros, considerando-se tanto quem já havia participado de diagnósticos anteriores, no marco do projeto GMMP da WACC, como estudantes e pesquisadoras(es) de universidades, além de lideranças atuantes em organizações não governamentais.

Assim, foi enviada uma carta-convite (ver anexo 1) a 170 pessoas, abrangendo os 26 estados brasileiros e o distrito federal. Desse total, 30 voluntárias(os) realizaram, efetivamente, o monitoramento das notícias de jornais impressos, rádio, televisão e internet, do dia 23 de junho de 2014, abrangendo 23 estados e o distrito federal (com exceção do Acre, Goiás e Pernambuco).

Abaixo, a relação das pessoas participantes, com um agradecimento especial pelo excelente trabalho:

Alda Beatriz Fortes - Fórum Mulheres São Leopoldo - São Leopoldo / RS
 Ana Ester - PUC-MG - Belo Horizonte/Minas Gerais
 Bianca Daébs - CETEFEM - Salvador / BA
 Bruno Teles de Almeida - CETEFEM - Salvador / BA
 Edilene Garcia - UCDB - Campo Grande / MS
 Eduardo Meinberg - USP - São Paulo/ SP
 Emerson Roberto da Costa - UMESP e Mandrágora/Netmal - S.Bernardo do Campo/SP
 Fernanda Rocha - Mandrágora / Netmal - Linhares/ ES
 Hauley Valin - Mandrágora / Netmal - Linhares/ ES
 Iradj Eghrari - Comunidade Baha'i - Brasília / DF
 Itamar Silva - Ibase - Rio de Janeiro / RJ
 Josi Negreiros - jornalista - Porto Alegre / RS
 Maria Aparecida Cotti - Rede Mulher de Educação - Cuiabá / MT



Maria Reni da Silva - Cyberela - Macapá / AP

Marisa Sanematsu - Instituto Patrícia Galvão - São Paulo / SP

Nilza Iraci - Geledes Instituto da Mulher Negra - São Paulo / SP

Naira Pinheiro dos Santos - UESP e Mandrágora / Netmal - São Paulo / SP

Nilza Menezes - UESP e Mandrágora / Netmal - Porto Velho / RO

Ofir Maryuri Mora - Mandrágora / Netmal - Manaus / AM

Patrícia Cristina Alves - Mandrágora / Netmal - Campos de Goitacazes / RJ

Polyana Francisco - UESP - São Paulo/ SP

Renilda Martins - Mandrágora / Netmal - Rio de Janeiro/RJ

Sandra Regina Monteiro - Rede Mulher de Educação - São Miguel / TO

Silvana Ribeiro - jornalista - Brasília / DF

Talita Sene - UFSC - Florianópolis / SC

Taynara Moraes - UFMT - Cuiabá / MT

Teresa Higashi - ACER - Belém / PA

Vera Daisy Barcellos - Sindicato Jornalistas RS - Porto Alegre / RS

Vera Rodrigues - Unilab - Fortaleza / CE

Walkíria L. J. Ferraz - Associação Mulheres pela Paz - São Paulo / SP



Sandra Regina Monteiro, de São Miguel, estado do Tocantins, que realizou o monitoramento do jornal online de sua cidade.



2. Veículos de comunicação monitorados

Cada participante, das regiões Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, que se propôs a realizar o trabalho, fez a indicação do veículo e do noticiário que gostaria de monitorar.

Com relação aos **jornais impressos**, dos **44 indicados**, **23** foram efetivamente monitorados, conforme abaixo:

JORNAIS INDICADOS - NORTE

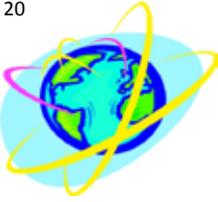
O Liberal (PA): 01
 O Estado do Pará (PA): 0
 Diário do Pará (PA): 01
 Jornal A Gazeta (AP): 01
 Jornal O Rio Branco (AC): 0
 A Gazeta (AC): 0

JORNAIS INDICADOS - SUL

Jornal Hoje (PR): 0
 Gazeta do Povo (PR): 0
 Folha de Londrina (PR): 0
 Correio do Povo (RS): 00
 Zero Hora (RS): 01
 Jornal do Comércio (RS): 01
 O Sul (RS): 0
 Jornal VS / Grupo Editorial Sinos (RS): 01

JORNAIS INDICADOS - SUDESTE

A Gazeta (ES): 01
 A Tribuna (ES): 01
 O Pioneiro (ES): 0
 Correio do Estado (ES): 0
 O Globo (RJ): 01
 O Dia (RJ): 01
 O Diário (RJ): 0
 Extra (RJ): 01
 Valor Econômico (RJ): 01
 Folha da Manhã (RJ): 01
 Folha de S. Paulo (SP): 01
 Correio Popular (SP): 0
 A Cidade (SP): 0
 O Estado de Minas (MG): 01
 Hoje em Dia (MG): 0



JORNAIS INDICADOS NORDESTE

Jornal do Comércio (PE): 0
 Diário de Pernambuco (PE): 0
 Folha de Pernambuco (PE): 0
 Jornal Correio da Bahia (BA): 01
 Jornal A Tarde (BA): 01
 Jornal da Paraíba (PB): 0
 Correio da Paraíba (PB): 01
 O Imparcial (MA): 01
 Diário do Nordeste (CE): 01

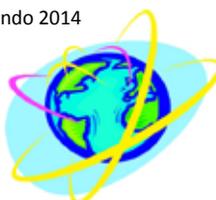


JORNAIS INDICADOS CENTRO-OESTE

Correio Braziliense (DF): 01
 O Popular (GO): 0
 Diário da Manhã (GO): 0
 O Hoje (GO): 0
 Folha do Estado (MT): 01
 Jornal do Tocantins (TO): 01



**Silvana Ribeiro, de Brasília/DF,
que realizou o monitoramento do Correio Braziliense.**



Dos **12 noticiários televisivos** de diferentes estados brasileiros das regiões Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste que foram indicados, **1** foi efetivamente monitorado:

NOTICIÁRIOS/TV INDICADOS - NORTE

TV Liberal / Globo (PA): 0

TV SBT (PA): 0

TV Tucuju (AP): 0

NOTICIÁRIOS/TV INDICADOS - SUL

TV Tarobá (PR): 0

RBS TV / Globo (RS): 0

NOTICIÁRIOS/TV INDICADOS - SUDESTE

Jornal Nacional / TV Globo (SP): 01

Jornal EPTV / TV Globo (SP): 0

NOTICIÁRIOS/TV INDICADOS

NORDESTE

Jornal Record – Correio Verdade (PB): 0

Jornal da Rede Globo – Nordeste NE TV
1ª e 2ª edições (PE): 0

Jornal da Rede Globo – Jornal da Mirante
(MA): 0

Jornal da Rede Globo – Jornal da emissora
de TV Sergipe (SE): 0

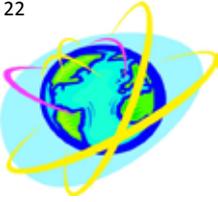
NOTICIÁRIOS/TV INDICADOS

CENTRO-OESTE

Jornal da Rede Globo – TV Anhanguera
(GO): 0



Walkíria Lobo Ferraz, de São Paulo, que realizou o monitoramento do Jornal Nacional (TV Globo) e Folha de S. Paulo.



Dos **9 noticiários radiofônicos** de diferentes estados brasileiros das regiões Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste que foram indicados, **2** foram efetivamente monitorados:

NOTICIÁRIOS/RÁDIO INDICADOS - NORTE

Rádio Amapá FM (AP): 0

Diário FM 90.9 (AP): 01

NOTICIÁRIOS/RÁDIO INDICADOS - SUL

Capital FM Cascavel (PR): 0

NOTICIÁRIOS/RÁDIO INDICADOS - SUDESTE

Rádio Itatiaia 610AM (SP): 0

Rádio 95.7FM (MG): 0

NOTICIÁRIOS/RÁDIO INDICADOS NORDESTE

Jornal da Rádio Tabajara (PB): 0

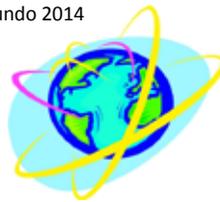
Jornal da Rádio Clube (PE): 0

NOTICIÁRIOS/RÁDIO INDICADOS CENTRO-OESTE

Jornal "O Mundo em sua Casa" da Rádio Brasil Central (GO): 0
Rádio Easy Centro América FM 99,1 (MT): 01



Maria Reni da Silva, de Macapá, estado de Amapá, que realizou o monitoramento do Canal Diário FM 90.9, de sua cidade.



Dos **29 produtos online** de diferentes estados brasileiros das regiões Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste que foram indicados, **15** foram efetivamente monitorados:

PRODUTOS ONLINE INDICADOS - NORTE

Rondoniaagora (RO): 0
Rondoniaaovivo (RO): 01
Tudorondonia (RO): 0
Jornal online G1 Amazonas (AM): 0
Em tempo online (AM): 01
Jornal online Folha de Boa Vista (RR): 01

PRODUTOS ONLINE INDICADOS - SUL

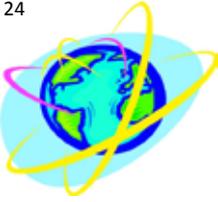
O Tempo online (PR): 0
Facebook (PR): 0
Hora de Santa Catarina (SC): 01
Diário Catarinense online click RBS: 01 (SC)

PRODUTOS ONLINE INDICADOS - SUDESTE

Site UOL: 0
Site G1: 0
BBC Brasil: 0
Folha de S. Paulo online: 01



Marisa Sanematsu, de São Paulo, que realizou o monitoramento de vários produtos online.



PRODUTOS ONLINE INDICADOS - NORDESTE

Arquidiocese da Paraíba <http://www.arquidiocesepb.org.br/> (PB): 0

Blogs Blogdasilviatereza e o Blog do John Cutrim (MA): 0

Jornal online “Tribuna do Norte” (RN): 0

Jornal Online Extra Alagoas: 01 disponível:

<http://www.extralagoas.com.br/>

Produto online: Jornal Meio Norte (PI): 01

Diário do Povo do Piauí (PI): 01

Site Nominuto.com

Disponível: WWW.nominuto.com/noticias (RN): 01

Correio do Sergipe: 01

PRODUTOS ONLINE INDICADOS - CENTRO-OESTE

Portal de Notícias do Senado Federal: <http://www.senado.gov.br/noticias/radio/> (DF): 0

Produto online site Vermelho.org.br (GO): 0

Produto online - Midia Mx News (MS): 01

Produto online – Correio do Estado (MS): 01

Jornal online de São Miguel (TO):

Jornal online T1 www.t1noticias.com.br (TO): 01

Site Cenário Tocantins – www.cenariotocantins.com.br/principal/ (TO): 01



**Nilza Iraci, de São Paulo/SP,
que realizou o monitoramento de vários produtos online.**



3. As principais manchetes do dia 23 de junho de 2014

Seguem, abaixo, as notícias que foram manchete no dia escolhido para o monitoramento - 23/6/2014 -, levando-se em conta quatro jornais impressos considerados de referência nacional e as respectivas versões online: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Correio Braziliense, três deles editados na cidade de São Paulo, que é considerada o centro financeiro do país, e o último em Brasília, a capital federal:



Empate do jogo entre Portugal e Estados Unidos, evitando a eliminação precoce de Portugal: o destaque é para o jogo que terminou empatado (2 x 2), aos 49 minutos do segundo tempo, com gol de Varela, depois do cruzamento do ídolo Cristiano Ronaldo. O jogo foi realizado em Manaus, capital do estado do Amazonas. Também foram manchete outras notícias relacionadas aos jogos da Copa do Mundo.



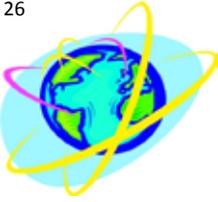
Jogai por nós, Brasil: sobre o jogo do dia, em Brasília, entre Camarões e Brasil, com 69 mil ingressos vendidos.



Seleção joga por classificação e 1º lugar no grupo: sobre o jogo contra a seleção de Camarões.



Alianças eleitorais do PT e PSDB: alguns subtítulos relacionados ao tema, retratando a movimentação dos dois partidos que possuem os candidatos favoráveis à eleição presidencial a ser realizada no final do corrente ano.



Polícia de São Paulo investiga só 1 em cada 10 roubos: Apenas boletim de ocorrência não basta para abrir inquérito, diz governo Alckmin. A Polícia Civil de São Paulo abriu inquéritos para investigar só um em cada dez roubos registrados no Estado entre 2004 e 2013, informa Marina Gama Cubas.



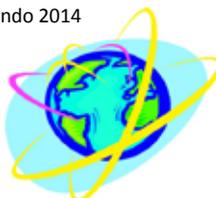
Dinheiro do Pré Sal é usado para fazer caixa: sobre a corrupção na Petrobras.



Xiitas e sunitas no Iraque: alguns subtítulos relacionados ao tema, em função de os sunitas da facção Estado Islâmico no Iraque e no Levante terem tomado mais cinco cidades iraquianas. Tropas do governo controlado por xiitas deixaram as cidades invadidas. O objetivo seria reforçar a defesa da capital, que o EIL promete invadir.



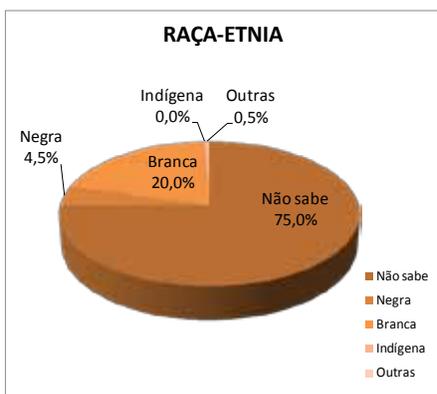
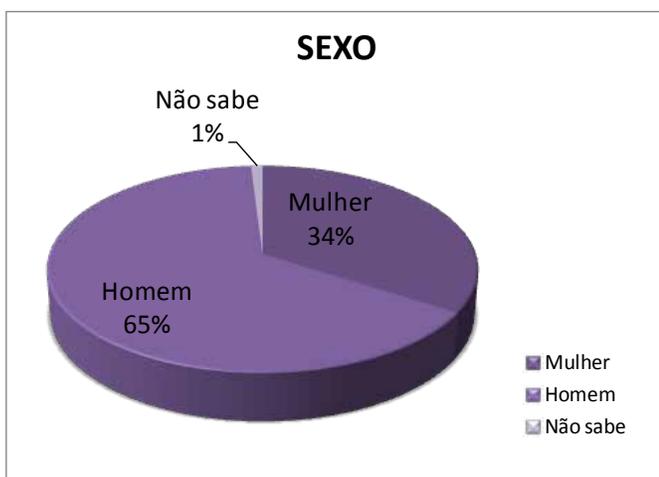
**Josi Negreiros, de Porto Alegre/RS,
que realizou o monitoramento do Jornal do Comércio.**



4. Incidência de características das pessoas nas notícias

Julgou-se importante, para além de detectar o sexo das pessoas presentes nas notícias, realizar o recorte de raça-etnia e orientação sexual/ identidade de gênero. Abaixo, os dados e gráficos dessa leitura complementar:

JORNAIS IMPRESSOS





Os totais retratados nos gráficos apontam para a seguinte realidade com relação às características das pessoas nas notícias dos jornais impressos:

 Os homens aparecem, em média, duas vezes mais nas notícias do que as mulheres.

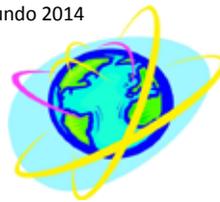
 Pessoas brancas aparecem quase cinco vezes mais do que pessoas negras nas notícias; pessoas indígenas nunca aparecem ou não são mencionadas.

 Quando possível a identificação da orientação sexual/ identidade de gênero, pessoas heterossexuais aparecem quinze vezes mais do que pessoas homossexuais e 30 vezes mais do que transexuais.

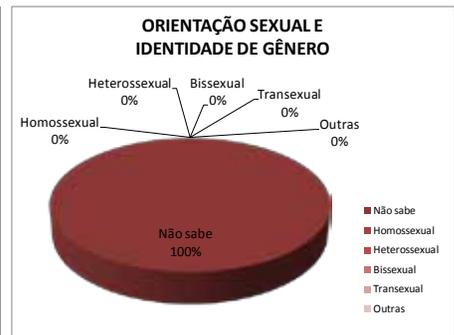
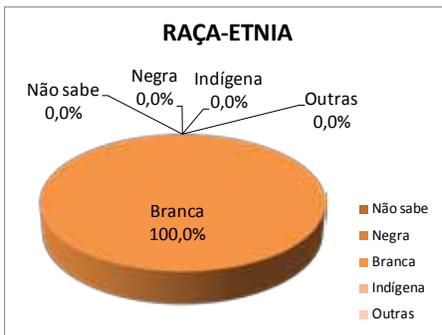
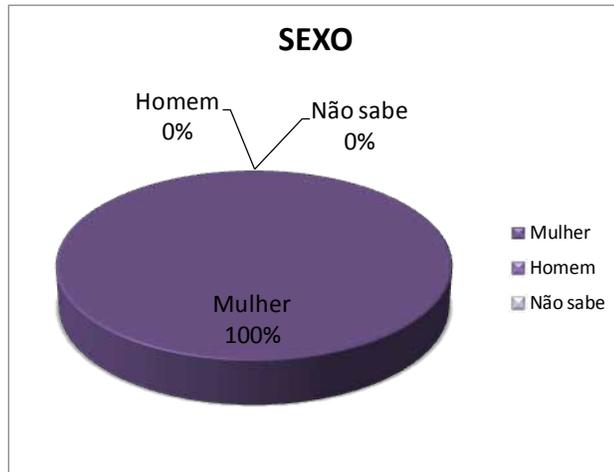
 Em geral, há uma forte invisibilidade da diversidade e pluralidade existente no Brasil - que tem, por exemplo, metade de sua população formada por pardos e negros.



Ana Ester, de Belo Horizonte, Minas Gerais, que realizou o monitoramento dos jornais Estado de Minas e Hoje em Dia.



JORNAIS TELEVISIVOS



O total de um único noticiário televisivo monitorado retrata a seguinte realidade com relação às características das pessoas:



Diferentemente do anterior, há prevalência total de mulheres.



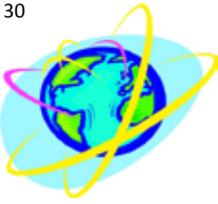
100% delas são brancas.



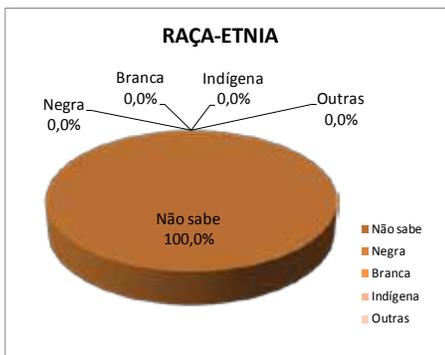
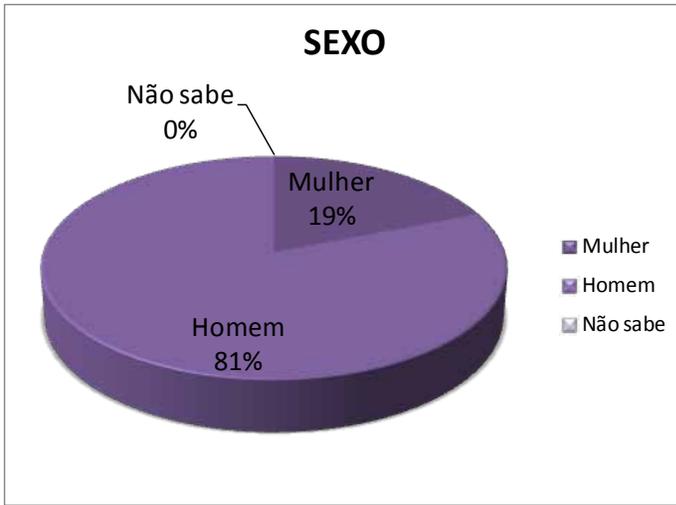
Não houve identificação com relação à orientação sexual/ identidade de gênero.



Em geral, há uma forte invisibilidade da diversidade e pluralidade existente no Brasil - que tem, por exemplo, metade de sua população formada por pardos e negros.



NOTICIÁRIOS RADIOFÔNICOS



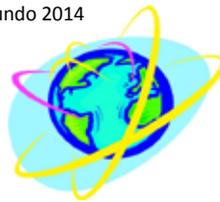
Os totais retratam a seguinte realidade com relação às características das pessoas nas notícias dos noticiários radiofônicos:



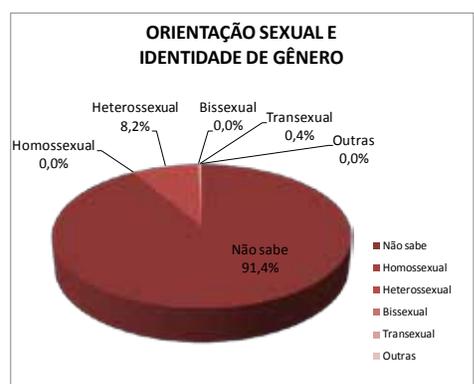
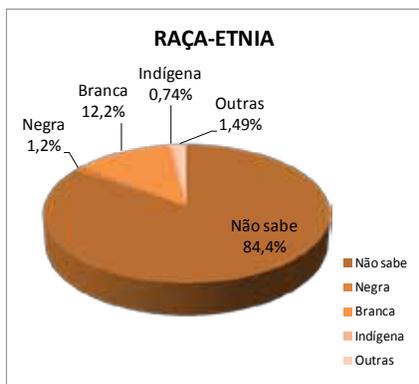
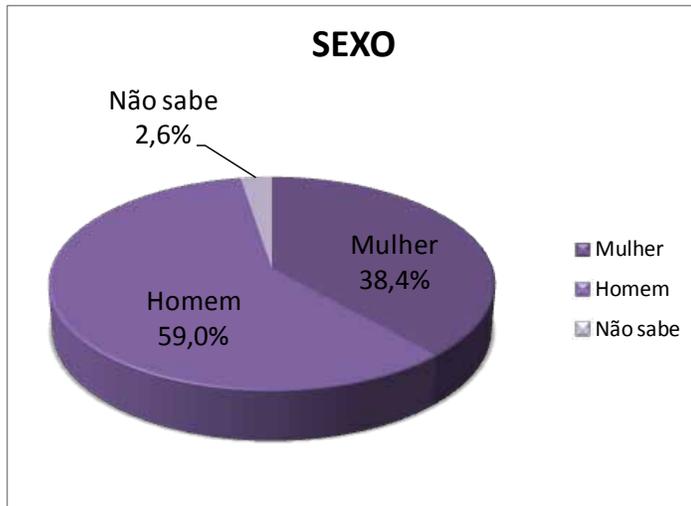
Os homens aparecem quase cinco vezes mais nas notícias do que as mulheres.



Por razões óbvias, não foram identificadas as características referentes à raça-etnia e orientação sexual/ identidade de gênero.



PRODUTOS ONLINE



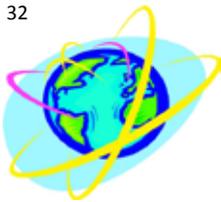
Os totais retratam a seguinte realidade com relação às características das pessoas nas notícias dos produtos online:



As mulheres aumentam sua aparição, mas os homens ainda aparecem quase duas vezes mais nas notícias.



Quando possível a identificação, pessoas brancas aparecem doze



vezes mais do que pessoas negras nas notícias e quase 17 vezes mais do que pessoas indígenas.



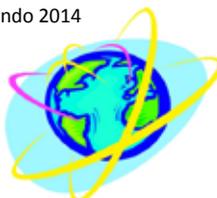
Quando possível a identificação da orientação sexual/ identidade de gênero, pessoas heterossexuais aparecem quinze vezes mais do que pessoas homossexuais e 30 vezes mais do que transexuais.



Em geral, há uma forte invisibilidade da diversidade e pluralidade existente no Brasil - que tem, por exemplo, metade de sua população formada por pardos e negros.



Maria Aparecida Cotti, de Cuiabá, estado de Mato Grosso, que realizou o monitoramento da Folha do Estado.

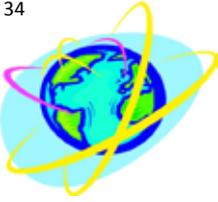


5. Incidência da mulher e de estereótipos nas notícias

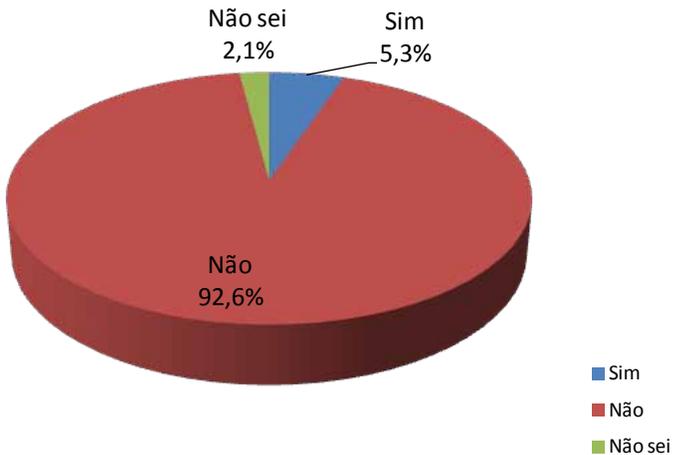
Quanto aos aspectos da Análise do Sistema de Codificação, que leva em conta se as mulheres são o centro da notícia, se o foco está na igualdade ou desigualdade de gênero, se a notícia desafia ou reforça estereótipos e se é importante a recomendação de uma análise adicional, chegou-se aos seguintes percentuais, nos quatro veículos monitorados, em cada uma das distintas regiões brasileiras:

REGIÃO SUL

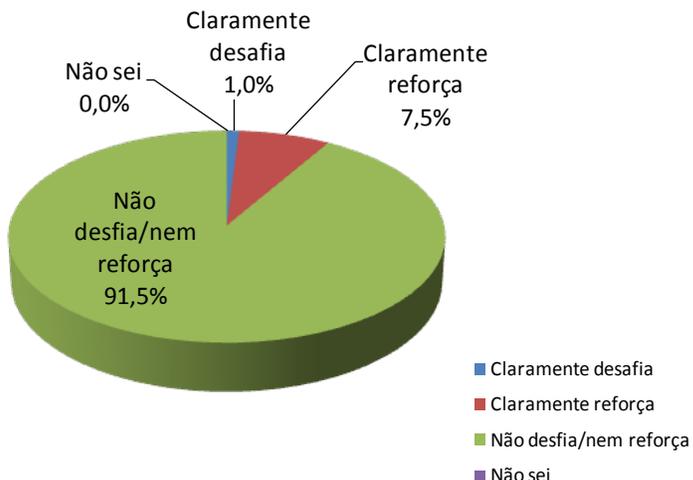


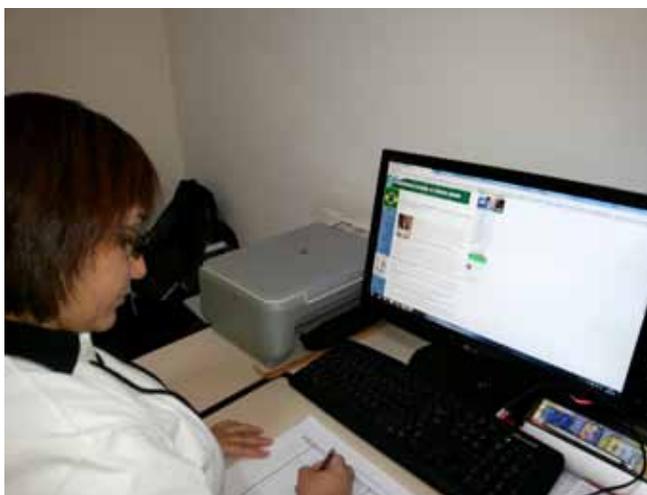
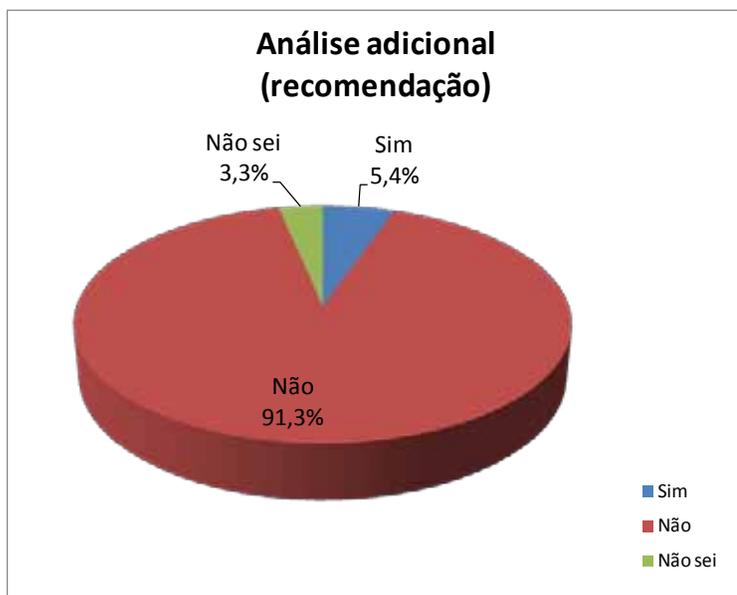
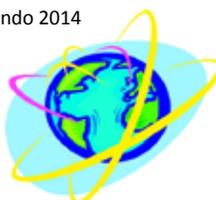


A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?

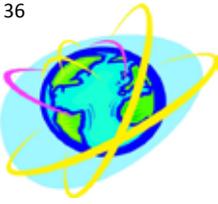


A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?



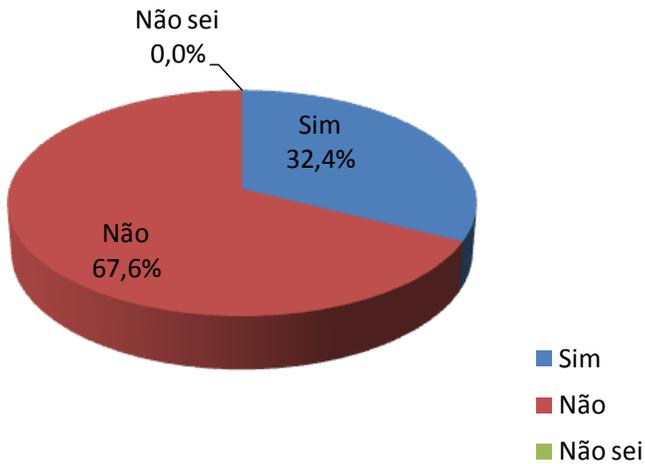


Edilene Garcia, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, que realizou o monitoramento dos produtos online Mídia Max News e Correio do Estado.



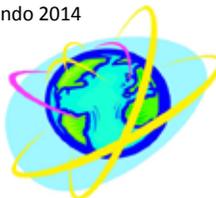
REGIÃO SUDESTE

As mulheres são o centro da notícia?

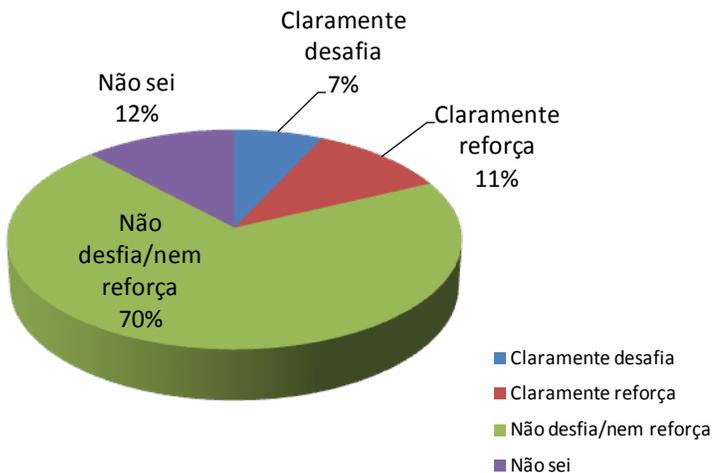


A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?



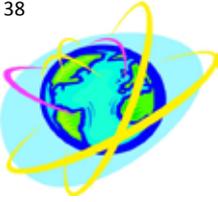


A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?



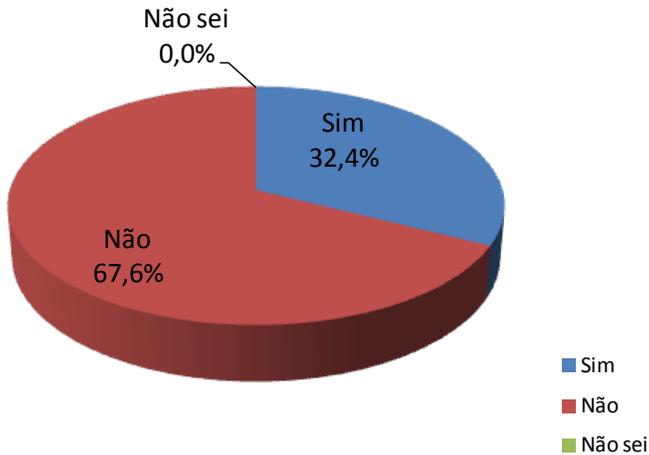
Análise adicional (recomendação)





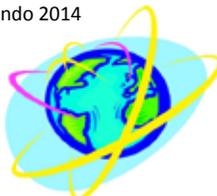
REGIÃO NORTE

As mulheres são o centro da notícia?

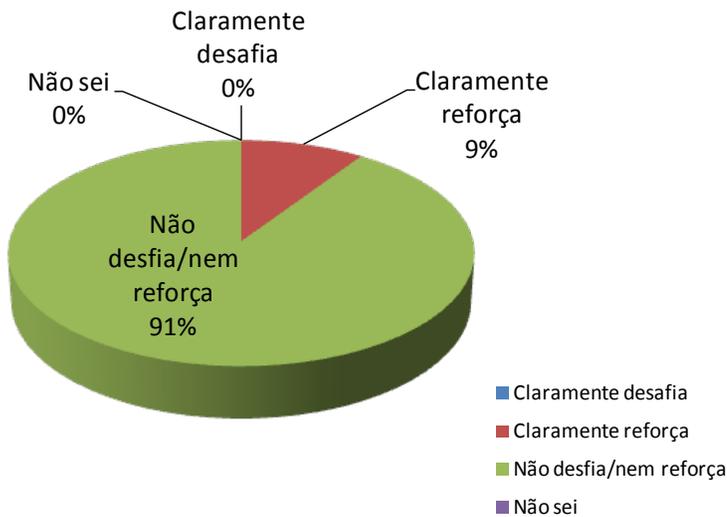


A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?

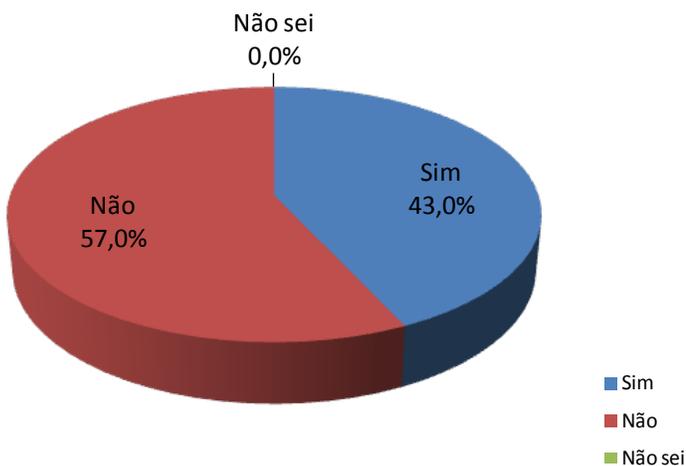


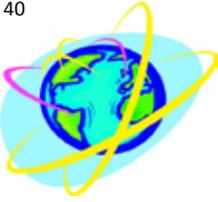


A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?



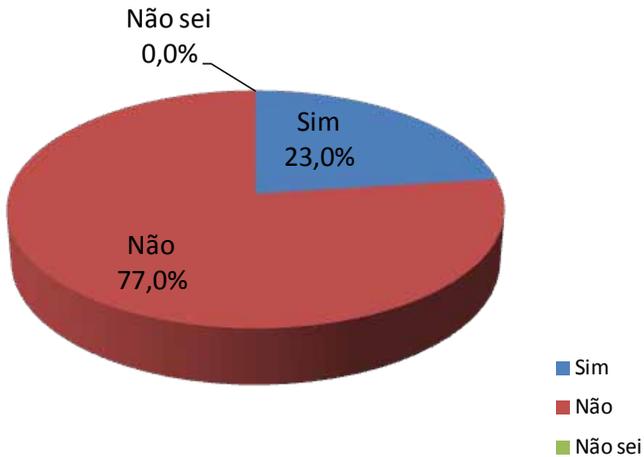
Análise adicional (recomendação)





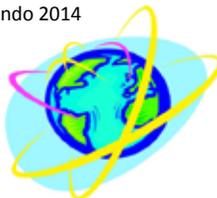
REGIÃO NORDESTE

As mulheres são o centro da notícia?

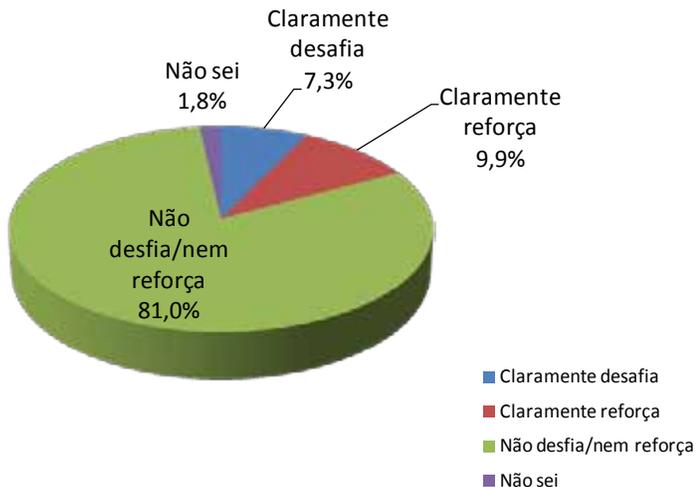


A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?



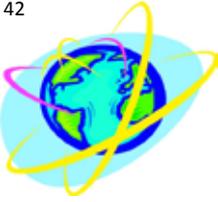


A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?



Análise adicional (recomendação)



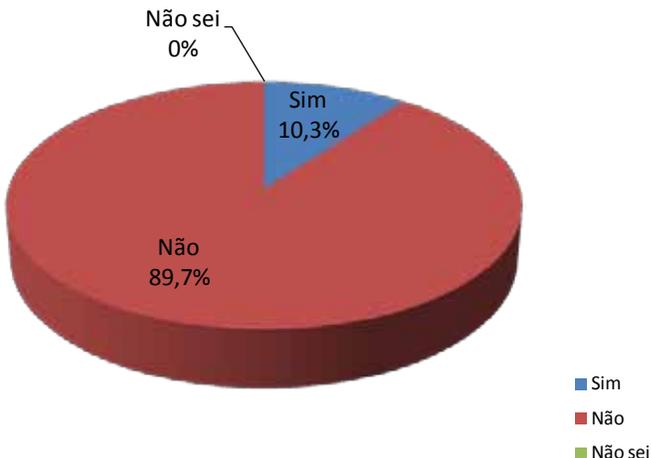


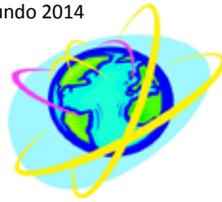
REGIÃO CENTRO-OESTE

As mulheres são o centro da notícia?

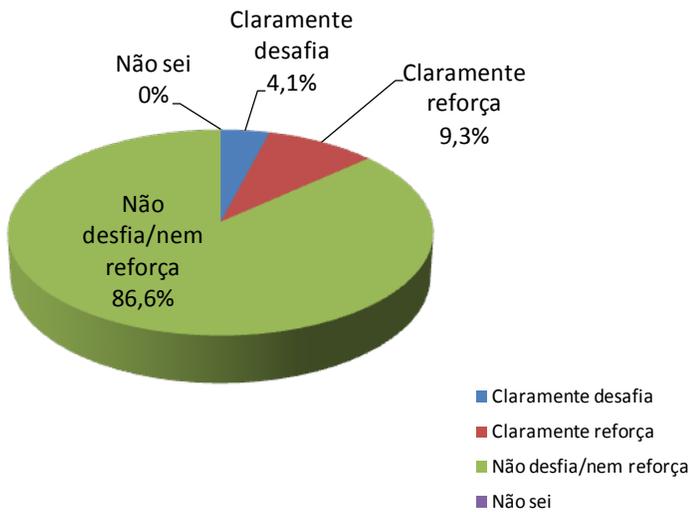


A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?



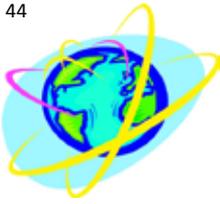


A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?



Análise adicional (recomendação)



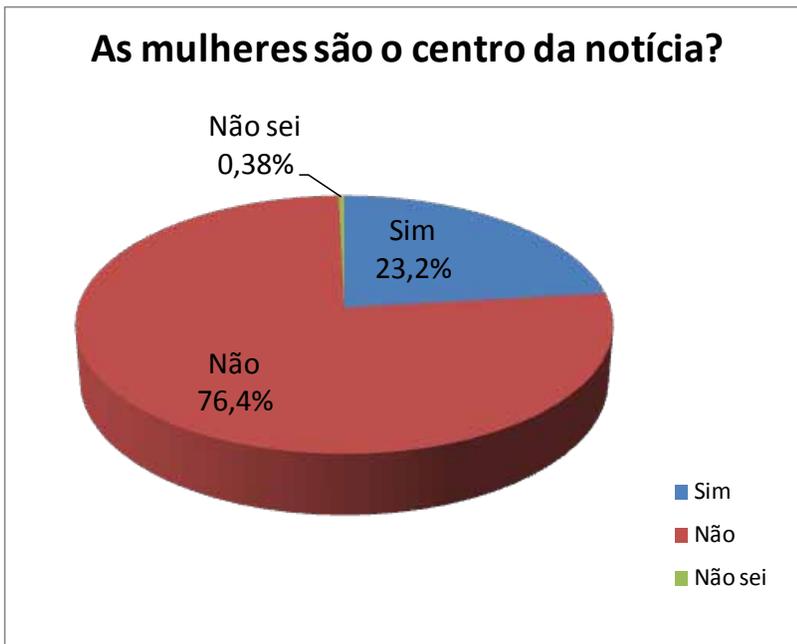


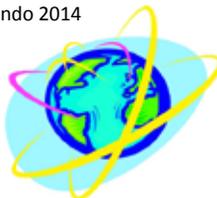
QUADRO GERAL, ENGLOBALANDO TODAS AS REGIÕES BRASILEIRAS

Observa-se que há uma grande incidência apontando para seguinte realidade em todas as regiões brasileiras:



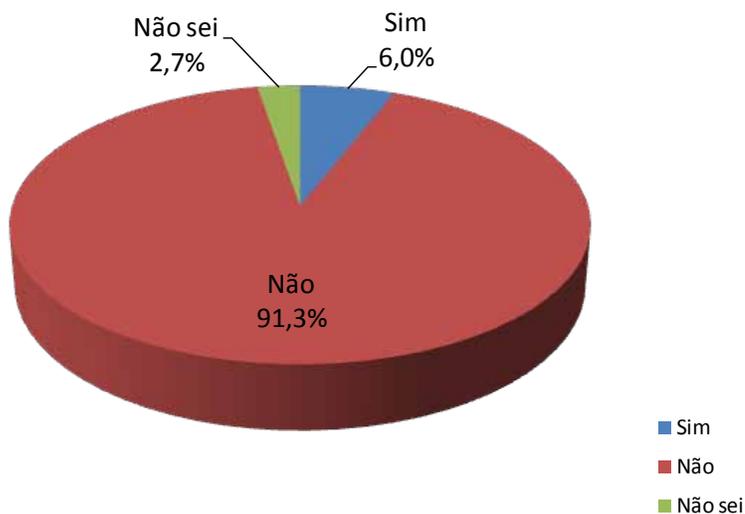
AS MULHERES NÃO SÃO O CENTRO DA NOTÍCIA

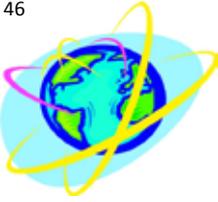




**AS NOTÍCIAS NÃO DESTACAM CLARAMENTE ASSUNTOS
RELACIONADOS À IGUALDADE ENTRE MULHERES E HOMENS (91%)**

**A notícia destaca claramente assuntos
relacionados à igualdade ou
desigualdade entre mulheres e homens?**





AS NOTÍCIAS NÃO DESAFIAM E NEM REFORÇAM OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS E/OU MASCULINOS (85%).



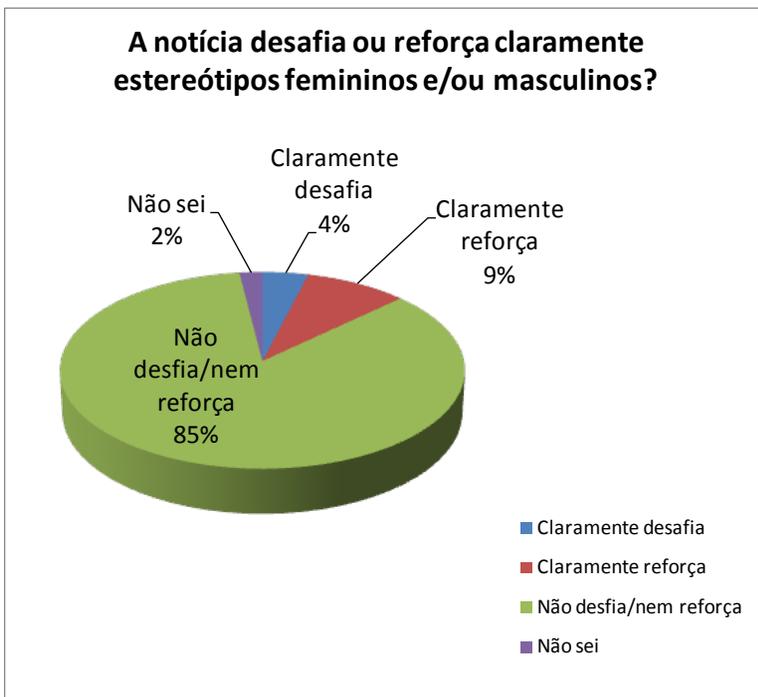
AS MULHERES EM NOTICIÁRIOS SÃO IDENTIFICADAS POR SEUS RELACIONAMENTOS FAMILIARES (ESPOSA, MÃE, FILHA), QUATRO VEZES MAIS QUE OS HOMENS.

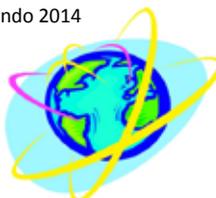


EM GERAL, HÁ MENOS MATÉRIAS APRESENTADAS POR REPÓRTERES FEMININAS DO QUE POR REPÓRTERES MASCULINOS.

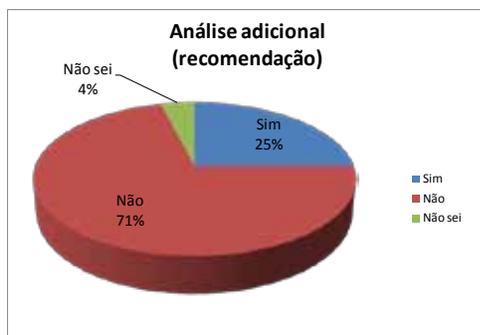


MATÉRIAS APRESENTADAS POR REPÓRTERES FEMININAS TÊM CONSIDERAVELMENTE MAIS FOCOS EM TEMAS FEMININOS DO QUE MATÉRIAS APRESENTADAS POR REPÓRTERES MASCULINOS, E QUESTIONAM ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO QUASE DUAS VEZES MAIS DO QUE MATÉRIAS DE REPÓRTERES MASCULINOS.





A MAIOR PARTE DAS NOTÍCIAS NÃO MERECE ANÁLISE ADICIONAL (71%)



CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES



NÃO HÁ VARIAÇÃO CONSIDERÁVEL ENTRE AS DIVERSAS REGIÕES NOS ASPECTOS DESCRITOS, COM EXCEÇÃO DAS NOTÍCIAS COM RECOMENDAÇÃO PARA ANÁLISE ADICIONAL, TENDO SIDO DETECTADO UM PERCENTUAL MAIOR NA REGIÃO NORTE (43%), EM COMPARAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE (22,3%), SUDESTE (17%), CENTRO-OESTE (14,4%) E SUL (5,4%), INDICANDO A EXISTÊNCIA DE PADRÕES DIFERENCIADOS DE ESTEREÓTIPOS.



EM GERAL, AS MULHERES PERMANECEM EXTREMAMENTE SUB-REPRESENTADAS NA COBERTURA DE NOTÍCIAS (23%), EM COMPARAÇÃO COM OS HOMENS (77%), RETRATANDO UM MUNDO EM QUE ELAS SE ENCONTRAM AUSENTES, INCLUSIVE EM TERMOS DE OPINIÃO E VISÃO FEMININAS.



A TRANSVERSALIDADE NÃO É PAUTA VALORIZADA.



COMPARANDO-SE COM O MONITORAMENTO ANTERIOR GMMP DE 2010, VERIFICA-SE QUE PERMANECE INALTERADO O PERCENTUAL DE 23% DE MULHERES QUE SÃO O CENTRO DAS NOTÍCIAS. HOUE, ENTRETANTO, UMA REDUÇÃO DRÁSTICA NO PERCENTUAL DE MATÉRIAS QUE REFORÇAM ESTEREÓTIPOS (DE 48% PARA 9%), O QUE É UM DADO POSITIVO.



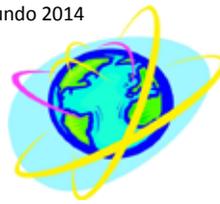
Taynara Morais Humbelino, de Cuiabá, estado de Mato Grosso, que realizou o monitoramento de produto online.



Vera Daisy Barcellos, de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, que realizou o monitoramento do jornal Zero Hora.

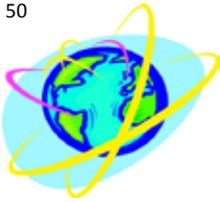


Vera Rodrigues, de Fortaleza, estado do Ceará, que realizou o monitoramento do jornal impresso Diário do Nordeste.



6. Contextualização do Brasil





 **População:** ultrapassa 200 milhões -51,3% mulheres e 48,7% homens (Branços: 47,3%; Pardos: 43,1%; Pretos: 7,6%; Amarelos: 2,1% e Indígenas: 0,3%).

 O Brasil tem a maior população **afrodescendente** fora do continente africano (51%)

 **Expectativa de vida:** 78 anos (mulheres) e 76 anos (homens)

 16,2 milhões de brasileiros vivem em extrema pobreza (R\$70,00/mês), sendo 70,8% negros e 50,9% têm no máximo 19 anos de idade.

 6 milhões e meio de mulheres exercem **o trabalho doméstico**, das quais 61,6 são **negras**.

 O **desemprego** atingiu 14,1% entre as mulheres negras, comparado a **6,3% entre homens brancos**.

 **2009-2011:** 16 mil mortes por **conflito de gênero**.

 **2013:** 38 mil homens autuados pela **Lei Maria da Penha** (Violência Doméstica).

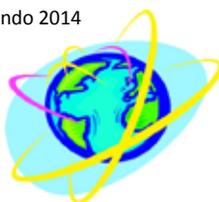
 **Lei de candidaturas:** 70% homens e 30% mulheres (cotas em 1997; obrigatoriedade em 2009).

 **Índice de participação política:** 7,4% governos estaduais e distritais; 9,2% Câmara dos Deputados; 8,6% Senado).

 Temos uma **mulher presidenta** pelo 2º mandato: DILMA ROUSSEFF.

 20% das mulheres são **chefes de família**.

 Mulheres ganham **28% a menos** que os homens.



 Brasil caiu 9 posições em **ranking de igualdade de gênero** (Fórum Econômico Mundial – 71ª posição – saúde, educação, e economia e indicadores políticos (Islândia, Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca, Nicarágua, Ruanda, Irlanda, Filipinas, Bélgica)

 A cada cinco minutos uma mulher é espancada.

 A cada duas horas uma mulher é assassinada.

 A cada 12 segundos, uma mulher é estuprada no Brasil; 50 mil mulheres são estupradas por ano no país, de acordo com o último estudo do Ministério da Justiça, realizado em 2012.





7. Sobre a Copa do Mundo 2014



A Copa do Mundo FIFA é um torneio internacional de futebol masculino organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). A 20ª edição aconteceu em 2014, no Brasil, país anfitrião pela segunda vez. Os jogos foram realizados no período 12/6 a 13/7, em doze cidades de diferentes estados: Manaus (Amazonas), Fortaleza (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte), Recife (Pernambuco), Salvador (Bahia), Cuiabá (Mato Grosso), Brasília (DF), Belo Horizonte (Minas Gerais), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), São Paulo (São Paulo), Curitiba (Paraná) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul). As seleções de 31 países foram classificadas por competições prévias, com início em

Chaves da Copa do Mundo 2014

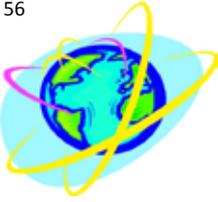
A	B	C	D
BR	ESP	COL	GRE
CHI	MEX	CHI	ITA
ARG	URU	USA	GER
ECU	ITA	JPN	FRA
COL	ESP	COL	ITA
CHI	MEX	CHI	ITA
ARG	URU	USA	GER
ECU	ITA	JPN	FRA



os itens mais bem avaliados pelos visitantes estrangeiros, com 98% e 93% de aprovação, respectivamente. A pesquisa também avaliou a opinião da imprensa internacional, que apontou como item melhor avaliado os atrativos turísticos brasileiros (98,4%), além da vida noturna e das informações turísticas disponíveis (96,2%). Uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) estimou que sediar a Copa de 2014 tenha injetado cerca de 30 bilhões de reais na economia brasileira, ou 0,7% do produto interno bruto (PIB) do país em 2013.

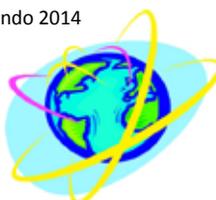
A Copa do Mundo aconteceu no Brasil poucos meses antes das eleições federais e estaduais. Os altos valores das obras de construção e modernização de estádios foram muito criticados em comparação com os serviços públicos de má qualidade. Também havia o temor de que o turismo sexual se intensificasse.

A despeito das inúmeras críticas à realização da Copa no Brasil e do temor de que um verdadeiro caos fosse verificado durante a organização da competição no país, o sucesso do evento, que se desenvolveu sem maiores sobressaltos e chegou a surpreender positivamente os turistas estrangeiros, superou o pessimismo difundido por vários segmentos da sociedade, especialmente pelos veículos da grande imprensa nacional. Se,



antes do pontapé inicial, pesquisas apontavam que menos da metade dos entrevistados apoiava o torneio, às vésperas das semifinais da competição, esse quadro se reverteu, com a maioria dos pesquisados aprovando a realização do evento.





RESUMO	
Participantes	32
Organização	FIFA
Anfitrião	Brasil
Período	12 de junho – 13 de julho
Gol(o)s	171
Jogos	64
Média	2,67 gol(o)s por partida
Campeão	Alemanha (4 ^o título)
Vice-campeão	Argentina
3 ^o colocado	Países Baixos
4 ^o colocado	Brasil
Melhor marcador	James Rodríguez – 6 gols
Melhor ataque (fase inicial)	Países Baixos – 10 gols
Melhor defesa (fase inicial)	1 gol: <ul style="list-style-type: none"> • Bélgica • Costa Rica • México
Maior goleada (diferença)	Brasil 1 – 7 Alemanha Estádio Mineirão, Belo Horizonte 8 de julho, Semifinais
Público	3 429 873
Média	53 591,8 pessoas por partida
Premiações	
Melhor jogador <small>(FIFA)</small>	ARG Lionel Messi
Melhor goleiro	GER Manuel Neuer
Melhor jogador jovem	FRA Paul Pogba
<i>Fair play</i>	Colômbia
<input type="checkbox"/> África do Sul 2010	<input type="checkbox"/> Rússia 2018



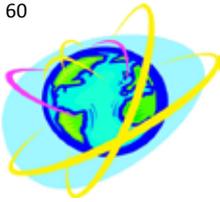
8. Parâmetros para a Análise Qualitativa

Para se obter uma noção mais precisa do conteúdo das notícias e das mensagens nelas contidas, é necessária uma análise da qualidade da cobertura jornalística. Esta é a etapa qualitativa do monitoramento.

Os números que são produzidos para o projeto contam só parte da história. Por exemplo, pode-se descobrir que as mulheres aparecem em 10% das matérias sobre política. Mas, como essas matérias representam realmente as mulheres? De fato, uma matéria sobre uma mulher que é política pode cair em tantos estereótipos quanto uma matéria sobre uma rainha de beleza. O estudo detalhado de notícias propicia a obtenção de um retrato mais completo do conteúdo, bem como ilustra padrões básicos na cobertura jornalística.

A estrutura para a análise qualitativa, enviada pela WACC, foi formulada com o intuito de orientar na seleção de notícias que possibilitem um estudo crítico e profundo. Essas notícias ajudam a destacar algumas das complexidades e nuances que não podem ser percebidas por meio da análise quantitativa, além de enriquecer e ilustrar os relatórios do GMMP. A estrutura apresentada, conforme abaixo, foi a única parte traduzida do material em espanhol para o GMMP 2009-2010, que se intitula *CLASSIFICAÇÃO GEM (GÊNERO E MÍDIA)*, que foi adaptado do sistema de classificação Gênero Vinculado a GEM, que deu origem ao Estudo Sulafricano de Referência para Gênero e Mídia:

1. Notícia abertamente estereotipada: artigos ou imagens que apresentam as mulheres em papéis estereotipados, como vítimas ou objetos sexuais.



2. Sutilmente estereotipada: a) Artigos ou imagens que reforçam noções de papéis do espaço doméstico para as mulheres e papéis do espaço público para os homens, de uma forma normal. Exemplo: preocupação maternal por um(a) filho(a), ao invés da preocupação de ambos – o pai e a mãe.

b) Artigos que fazem referência às mulheres de acordo com seus vínculos pessoais, que são irrelevantes para a matéria. Exemplo: referir-se à mulher de um ministro, como a esposa de alguém.

3. Oportunidades perdidas/ Ausência de uma perspectiva de gênero:

a) Artigos que não demonstram equilíbrio de gênero (e, portanto, de diversidade) nas fontes, resultando em uma única perspectiva sobre o tema em questão. b) Artigos com ausência de perspectiva de gênero em temas cotidianos, como eleições ou orçamento, privando a matéria de ângulos novos e interessantes, como, por exemplo, de que forma o corte de financiamentos afeta às mulheres pobres.

4. Consciência de gênero: 4.a) Artigos e imagens que desafiam estereótipos

e promovem debate sobre questões de gênero, a partir de uma perspectiva de direitos humanos. Exemplo: mulheres que exercem a profissão de pilotos ou homens que se ocupam de tarefas na área de saúde e bem-estar das pessoas. **4.b)** Artigos que apresentam equilíbrio de gênero em suas fontes,

demonstrando diferentes perspectivas/ impactos sobre mulheres e homens, mediante a inclusão de dados desagregados por sexo. Exemplo: quantas mulheres e quantos homens recebem certo tipo de financiamento; para que o utilizam e por quê os recortes podem apresentar distintos impactos.

4.c) Especificamente sobre gênero são aqueles artigos específicos sobre as desigualdades entre mulheres e homens; estruturas, processos; campanhas para o avanço da equidade de gênero, como romper com



barreiras que impedem o acesso das mulheres a certas ocupações.

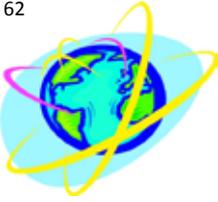
As coordenadoras brasileiras, de posse do excelente trabalho realizado por monitores(as) das cinco regiões do país, iniciaram o processo de sistematização, no qual se alicerça esta publicação. Obviamente, há um aspecto circunstancial do monitoramento brasileiro que merece destaque, para melhor compreensão das opções para as análises quantitativas e qualitativas, que é a Copa do Mundo 2014.



Emerson Roberto da Costa, de São Bernardo do Campo, São Paulo, que realizou o monitoramento do jornal online Extra Alagoas.



Iradj Eghrari, de Brasília/DF, que realizou o monitoramento do Jornal do Tocantins online.



**Maryuri Mora, de Cali, Colômbia,
que realizou o monitoramento do jornal online Em Tempo.**



**Naira Pinheiro, de São Paulo-SP, que realizou o monitoramento do
Jornal Meio Norte online, de Teresina, Piauí.**



**Patrícia C. Alves, de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro,
que realizou o monitoramento do jornal Folha da Manhã de sua cidade.**



9. Análise Qualitativa de Notícias

9.1. Noticiário de jornal online

9.1.1. Em tempo - cidade de Manaus/AM, região Norte, publicação diária -
website: www.emtempo.com.br

Coluna Dia a dia

a) Manchete: POLICIAIS SÃO PROCURADOS POR SUSPEITA DE ESTUPRO NO
BAIRRO SÃO FRANCISCO, ZONA SUL.

b) Fontes:

- Coronel Euler Carneiro, corregedor auxiliar da Polícia Militar.
- Coronel Almir David, comandante-geral da Polícia Militar.

Verifica-se somente duas fontes, ambas masculinas e pertencentes ao poder público.

Há, obviamente, discriminação no tratamento das fontes, já que os especialistas são homens. As mulheres não são sequer ouvidas para falar sobre um assunto que as afeta direta e tragicamente. A falta de fontes diversas demonstra que não houve esforço algum para mostrar os diferentes ângulos do caso e proporcionar um entendimento equilibrado pelo público leitor.

c) Imagens e Legendas:

Não há



d) Linguagem

Constata-se linguagem estereotipada, ao se aventar a hipótese de identificar a vítima do estupro: "...a vítima, de nome ainda não identificado...". A ética jornalística prevê a não identificação de tais vítimas, para que a humilhação e os danos psicológicos e emocionais não se tornem ainda mais graves.

Por outro lado, fica a pergunta com relação a não identificação dos dois policiais pela PM (também constante do texto): como seria possível a não identificação se o crime foi registrado por câmeras existentes dentro da viatura? O equipamento não deveria identificar o carro em que estava e, conseqüentemente, os policiais seriam conhecidos pelo veículo em utilização naquela hora e dia?

e) Análise:

- Notícia que é abertamente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero, racial ou de orientação sexual/ identidade de gênero

A notícia é abertamente estereotipada levando-se em conta tanto a análise feita no item "d" como pela reflexão realizada pela voluntária Maryuri Mora, aqui transcrita: "O conteúdo da notícia mostra claramente que houve, sim, estupro, mas a manchete mantém ainda a possível inocência dos policiais. Ao que parece, há um cuidado jornalístico para não imputar tão diretamente (na manchete) o crime de estupro ao poder público. Além do abuso masculino sobre o corpo feminino encontramos o abuso de autoridade (polícia/ sociedade civil), mas também o abuso midiático que faz da mulher estuprada novamente vítima, ao não reconhecê-la enquanto



vítima. Não aponta claramente os policiais como os estupradores, embora exista um vídeo mostrando sua responsabilidade. Embora ela seja a vítima, o foco não é na mulher; o foco da notícia está na busca pelos policiais ‘suspeitos’”.

A notícia também se classifica, nitidamente, como uma oportunidade desperdiçada em termos de ausência total de perspectiva de gênero e raça, em um fato cruel e rotineiro que atinge às mulheres, e principalmente as negras. A delegada da Delegacia da Mulher, assim como lideranças do movimento feminista seriam fontes importantíssimas a serem exploradas, contribuindo sobremaneira para o debate junto à sociedade sobre a trágica realidade da violência sexual contra mulheres, em busca da diminuição das chocantes estatísticas: a cada 12 segundos, uma mulher é estuprada no Brasil; 50 mil mulheres são estupradas por ano no país, de acordo com o último estudo do Ministério da Justiça, realizado em 2012.

Quando o fato é descrito exclusivamente a partir da perspectiva criminal, há um bloqueio do entendimento global da complexidade do trágico fenômeno, o que beneficiaria a sociedade toda no sentido de compreender as causas do problema. Por outro lado, contribuiria para que policiais reduzissem as possibilidades de reincidência.



9.1.2. Em tempo - cidade de Manaus/AM, região Norte, publicação diária - website: www.emtempo.com.br

Coluna Dia a dia

a) Manchete: APÓS OS JOGO, GOVERNADOR ANUNCIA INVESTIMENTOS EM SAÚDE E SEGURANÇA PÚBLICA



b) Fontes:

- Assessoria da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejus)
- Louismar Bonates, secretário estadual de Justiça
- Com informações da Sejus (supõe-se que se trata de texto divulgado por relise)

O desequilíbrio de gênero é nítido nas fontes apresentadas, além de apresentar apenas a perspectiva do poder público.

O veículo também não deveria se limitar ao relise enviado pelo órgão governamental.

c) Imagens e Legendas:

Não há

d) Linguagem:

Não se verifica estereótipos na linguagem.

e) Análise:

- Notícia que é sutilmente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero, racial ou de orientação sexual/ identidade de gênero

Por um lado, a notícia descreve uma política pública benéfica às mulheres presidiárias, já que elas passarão a ter dependências exclusivas, com berçário para acomodar as que são mães e têm a companhia dos bebês menores de seis meses, inclusive com arquitetura adequada, sem grades, visando minimizar impactos negativos da vivência no local. Por outro lado, em função da ausência de outras informações e de fontes diversificadas



(em termos dos diferentes segmentos da sociedade e da pluralidade), a notícia se tornou sutilmente estereotipada, ao reforçar a noção do papel de cuidadora dos(as) filhos(as) exclusivamente a cargo da mulher. Não se sabe quantas mulheres se encontram nessa situação, nem se possuem marido, namorado ou parceiro. Obviamente, as crianças “não são filhas de chocadeira”, então, perdeu-se a oportunidade de discutir relações de gênero, com um aprofundamento de ângulos que levassem ao entendimento de como elas são afetadas em tal situação e quais os problemas decorrentes da igualdade ou desigualdade entre homens e mulheres.



9.1.3. Midiamaxnews – O jornal eletrônico de Mato Grosso do Sul – região Centro Oeste, publicação diária – website: <http://www.midiamax.com/>

a) Manchete: BRITNEY SPEARS PASSEIA DE SHORTINHO E DEIXA CELULITES À MOSTRA

b) Fontes:

F5/J.E – ao que tudo indica trata-se de matéria publicada em outro local/veículo. Não há mais nenhuma explicação das fontes, e a mulher que é o centro da notícia foi fotografada à revelia, indicando o flagrante desrespeito da mídia em relação aos sujeitos noticiados, não raras vezes tratados como meros objetos de notícia.

c) Imagens e legendas:

A foto da cantora, como se pode ver a seguir, tomou mais espaço



do que a notícia propriamente dita, e foi apresentada como prova cabal do desleixo estético da artista:



d) Linguagem

A linguagem utilizada na notícia é estereotipada e marcada por representações de gênero que demandam das mulheres extrema atenção para o corpo. O texto, sem assinatura, critica a cantora por usar um “traíçoeiro shortinho” que teria deixado “à mostra as celulites da perna da artista”.

e) Análise

- Notícia que é abertamente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero e de raça/etnia

A notícia é abertamente estereotipada, pois é marcada por representações de gênero que demandam das mulheres extrema atenção para a aparência física. Conforme a voluntária do monitoramento, Edilene Garcia, que destacou essa notícia como relevante para análise adicional, “o estereótipo de que a mulher – principalmente a famosa - tem que ser ‘perfeita’ fisicamente”. A mídia tem sido um dos mecanismos mais eficazes no processo de afirmação de uma estética paradigmática para as mulheres, e pessoas públicas como artistas têm sido os alvos preferenciais de suas críticas.



Essa estética paradigmática afirma a prevalência dos corpos brancos, jovens e “malhados”. A notícia não possui qualquer crítica de gênero, ao contrário, o título “Britney Spears passeia de shortinho e deixa celulites à mostra”, reproduz as representações dominantes de gênero. O título resume o conteúdo da notícia que sugere ter flagrado a artista em momento de descuido com o visual, desaprovando sua exposição. Somente em um contexto cultural de forte controle sobre os corpos femininos, até a celulite de uma mulher famosa é objeto de notícia.



9.1.4. Midiamaxnews – O jornal eletrônico de Mato Grosso do Sul – região Centro Oeste, publicação diária – website: <http://www.midiamax.com/>

a) Manchete: MAIS PELADÕES: MULHERES NUAS POSAM EM PONTOS TURÍSTICOS DE CIDADE NO INTERIOR DE MS

b) Fontes: a jornalista Renata Portela baseou a matéria em dados obtidos do site Rádio Caçula. A Rádio teria coletado informações de redes sociais e do whatsapp, e teria buscado informações junto à polícia da cidade de Três Lagoas, onde foram feitas as fotos. Não houve qualquer preocupação em entrevistar as mulheres que estavam se deixando fotografar nuas em lugares públicos, para saber de suas motivações para tais atos.

c) Imagens e legendas: Como se pode ver a seguir, as fotos tomaram mais espaço do que a notícia propriamente dita, e são exclusivamente de mulheres jovens brancas:



d) Linguagem

A linguagem utilizada na notícia é estereotipada e marcada por representações de gênero que demandam das mulheres um comportamento recatado, que indique o sucesso das tecnologias sociais de disciplinamento.

e) Análise:

- Notícia que é abertamente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero, racial ou de orientação sexual/ identidade de gênero

A notícia é abertamente estereotipada. A matéria intitulada “Mais peladões: mulheres nuas posam em pontos turísticos de cidade no interior de MS”, de autoria de Renata Portela, informa que a polícia está buscando identificar as mulheres, e que tais atos podem ser classificados como “infração de ultraje público ao pudor que varia entre crimes contra os costumes, ofensa à pudícia (sic), ao sentimento de moralidade, à compostura exigida diante dos atos de natureza sexual”. Os corpos expostos das mulheres deram a tônica da notícia, para indiretamente criticar e



ameaçar suas atitudes, consideradas perigosas para a “moral e os bons costumes”. A notícia reforça a cobrança social sobre os corpos das mulheres, reforçando consequentemente as representações dominantes de gênero.

A notícia é também uma oportunidade desperdiçada para uma crítica de gênero da forma como a mídia, o poder público e a sociedade em geral lidam de maneira diferenciada com os corpos dos homens, menos sujeitos à regulação, e os corpos das mulheres, constantemente sujeitos ao controle social.

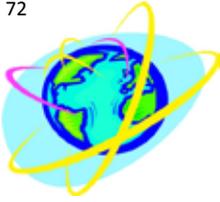


9.1.5. MeioNorte.com – Notícias do Piauí, do Brasil e do Mundo – Piauí – www.meionorte.com

a) Manchete: ACUSADA DE MATAR GAROTA DE PROGRAMA É PRESA E LEVADA PARA CASA DE CUSTÓDIA

b) Fontes: Delegado Josimar de Sousa Brito. A notícia foi baseada exclusivamente nas informações fornecidas pelo delegado.

c) Imagens e legendas: Apesar do texto escrito ser bastante breve em relação ao crime, a reportagem abusou das imagens, tendo publicado quatro fotos da jovem presa e uma foto da viatura que a levou para a delegacia. Vale ressaltar que a jovem não queria se deixar fotografar, como podemos ver nas imagens a seguir:





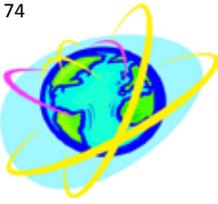
d) Linguagem:

A linguagem empregada na notícia é estereotipada e carregada de preconceito, a começar pelo próprio título da matéria, que se refere à mulher assassinada como “garota de programa” e que a causa do crime “foi briga entre as mulheres por bebedeira e consumo de drogas”.

e) Análise:

- Notícia que é abertamente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero

A notícia intitulada “Acusada de matar garota de programa é presa e levada para Casa de Custódia”, se refere ao assassinato de uma mulher de 30 anos, identificada como profissional do sexo, assassinada por sua colega de trabalho e por uma adolescente de 17 anos na cidade de Teresina, no Piauí. A suspeita é que a divergência entre as mulheres teria sido motivada pelo consumo de drogas. A matéria se restringe a “dar a ficha” do crime, sem qualquer análise. Especialmente em crimes que envolvem profissionais do sexo e consumidoras(es) de drogas os noticiários se eximem de perspectivas analíticas, tratando o tema como mais um dado estatístico. O aumento de mulheres vivendo nas ruas, expulsas de suas casas por causa da violência doméstica, por exemplo, poderia ser considerado para entendermos melhor o que está acontecendo nas ruas das grandes cidades do país. Outro aspecto a ser analisado são as disputas travadas pelas profissionais do sexo na luta por clientes, e como esse “mercado” tem sido gerenciado de tal forma que essas profissionais ficam à mercê da exploração sexual por parte de agenciadores.



9.1.6. MeioNorte.com – Notícias do Piauí, do Brasil e do Mundo – Piauí – www.meionorte.com

a) Manchete: SUSPEITO DE ESTUPRAR SOBRINHA E MATAR SOBRINHO TEM PRISÃO DECRETADA

b) Fontes: G1 - supõe-se que se trata de texto divulgado por relise. O interlocutor principal para a coleta de dados sobre o crime foi a própria polícia civil.

c) Imagens e legendas: a matéria está ilustrada com uma foto de manifestação pela paz realizada por moradores da cidade de Jarinu (SP), onde o crime foi executado:





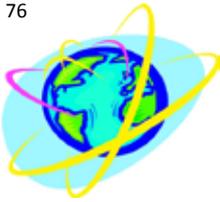
d) Linguagem:

A linguagem da notícia pretende ser neutra, apresentando os “fatos” de forma objetiva, porém, a abordagem do tema termina indicando para uma forma estereotipada de relatar crimes que envolvam estupro.

e) Análise:

- Notícia que é abertamente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero

A notícia intitulada “Suspeito de estupro sobrinha e matar sobrinho tem prisão decretada”, trata do assassinato de um menino de um ano e nove meses pelo tio, que também espancou e estupro a sobrinha de 12 anos. A matéria é um relise do G1 e se limita a dar informações sobre quem é o agressor e sobre os supostos motivos que o levaram a praticar os crimes: consumo de drogas e vingança contra sua irmã, que é a mãe das crianças. Mais uma vez, o noticiário é genérico e prescinde de uma análise de gênero. A perspectiva de gênero permitiria, mais do que simplesmente informar sobre crimes, explicitar a íntima relação existente entre esses e a socialização de gênero. No caso noticiado, temos várias frentes que possibilitam um olhar de gênero, e podemos destacar pelo menos duas: a) no caso relatado, o elemento de gênero que não pode ser desprezado é a maternidade: uma desavença entre irmão e irmã teria motivado uma vingança do irmão que, para atingir a irmã, agride seu filho e sua filha; b) outro aspecto do caso em questão é o do abuso sexual da menina: o tio mata o menino, mas no caso da menina, além de tentar matá-la por espancamento ele também a



estupra. Os crimes sexuais contra crianças, especialmente contra meninas, são frequentes no país, e normalmente são praticados por um familiar ou conhecido da família. Isso indica para a necessidade de desconstruir o mito de que a casa é um lugar seguro para crianças e mulheres. No Brasil, mais de 70% dos casos de violência contra mulheres adultas e meninas acontece dentro de casa.



9.2. Noticiário de jornal impresso

9.2.1. Correio Braziliense – Brasília/DF

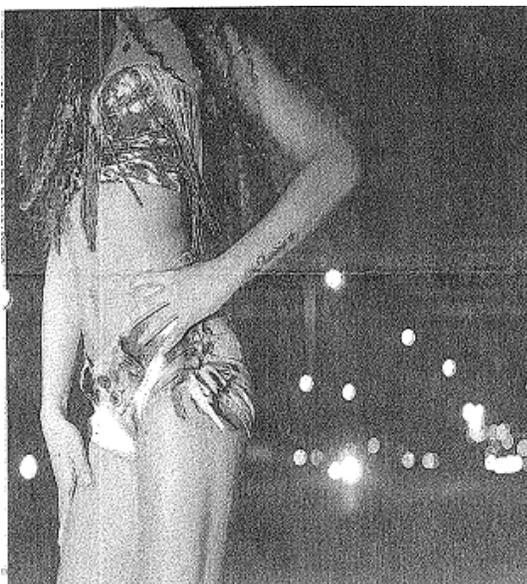
a) Manchete: EM CAMPO, AS PROFISSIONAIS DO SEXO

b) Fontes: a matéria foi escrita por André Shalders, Braitner Moreira e Lorrane Melo, e teve como fonte principal as(os) próprias(os) profissionais do sexo. Os nomes das pessoas entrevistadas não são revelados, possivelmente para lhes garantir o direito do sigilo, mas características como idade, local de procedência, identidade de gênero ajudam a nos aproximarmos do perfil das(os) mesmas(os). O fato da matéria ter se baseado no levantamento de depoimentos de profissionais do sexo permitiu uma análise crítica da situação por elas experimentadas e demonstra um diferencial em relação à maioria esmagadora de notícias sobre esse segmento, que tem sido abordado de forma preconceituosa nos noticiários do país.



c) Imagens e legendas:

A notícia foi ilustrada com duas fotos que não permitem a identificação dos rostos, garantindo o sigilo de quem participou da matéria, sendo que em uma delas, além da(o) profissional, está o cliente.



d) Linguagem

A linguagem utilizada na notícia não é estereotipada.

e) Análise

- Notícia que não é abertamente estereotipada
- Notícia que é uma oportunidade de aprofundamento da perspectiva de

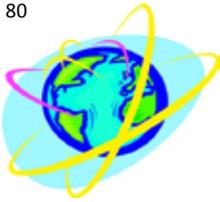


gênero, racial e de orientação sexual/ identidade de gênero

O jornal Correio Braziliense, de Brasília/DF, apresenta uma notícia que merece destaque, tanto pela temática apresentada como pela abordagem realizada. A notícia se refere à prostituição, e tem como título: “Em campo, as profissionais do sexo”. Escrita por três jornalistas (dois homens e uma mulher), a matéria analisa “a rotina da prostituição em quatro das doze cidades sede da copa do mundo”: Manaus, Fortaleza, Salvador e Brasília/DF. A chamada para a matéria é bastante sugestiva, e chama a atenção para as dificuldades que profissionais do sexo estavam enfrentando para trabalhar durante a Copa do Mundo. Aspectos como dificuldade de comunicação por causa do idioma, dificuldade de recebimento pelos serviços prestados por causa das diferentes moedas e retirada provisória de alguns pontos de prostituição pelo poder público foram apontados pelas pessoas entrevistadas. Apesar de indicar que “homens, mulheres, travestis e transexuais” estão trabalhando na noite, a matéria se concentrou na entrevista com mulheres e travestis, e destacou a partir de fragmentos da história dessas pessoas, a difícil realidade de quem se dedica a essa atividade nas grandes cidades, e as estratégias adotadas para sobreviver à repressão do poder público, especialmente durante o mundial. Em Manaus, por exemplo, a presença das forças de segurança nas ruas inibiu a captação de clientes nas ruas, e a estratégia foi apelar para a tecnologia, marcando encontro pela internet. Mas a matéria chama a atenção para as desigualdades geracionais nesse quesito, lembrando que as de mais idade “acabaram exiladas perto do porto local” ou em “ruas mal-iluminadas e bordéis distantes”, o que termina diminuindo as possibilidades de ganho



econômico. Em Salvador o foco da entrevista foram travestis, que seriam mais procuradas por turistas do que por gente local. Essas profissionais também chamam a atenção para as dificuldades com clientes que dizem ter sido enganados, que não querem pagar ou que barganham para a diminuição dos preços. Segundo a reportagem, a estratégia da marcação de encontro pela internet também é utilizada, especialmente por questões de segurança. A cidade de Fortaleza teve destaque por ter recebido três jogos da copa até o dia 23, o que rendeu importante movimentação financeira na capital e também teve reflexo nas atividades de prostituição. A matéria, porém, demonstra que os ganhos não foram para as prostitutas que trabalham nas ruas, mas sim para “donos de boates que exploram o turismo sexual”. Também em Fortaleza a prostituição de rua foi afastada das regiões mais centrais. No Distrito Federal as entrevistadas reclamaram da pouca movimentação, inclusive do afastamento de seus clientes habituais, dentre eles alguns políticos. Dentre as entrevistadas, apenas uma travesti relatou ganhos significativos, destacando a preferência de estrangeiros por ela e dela pelos estrangeiros, que a tratariam “muito melhor do que os brasileiros”. A matéria é bem escrita e não trata do tema de forma estereotipada, explicitando que a expressão “mulher de vida fácil” não encontra eco na dura vida de profissionais do sexo. As questões de gênero aparecem de forma sutil, faltando ampliar a percepção da prostituição para além de suas bases materiais. A violência experimentada por profissionais do sexo é, não raras vezes, violência de gênero, e precisa ser analisada como tal. Outro aspecto de gênero que precisa ser pensado no debate sobre a prostituição é que os sonhos de uma “vida melhor” relatados pelas pessoas entrevistadas e que



as leva a se aventurarem nas ruas, muitas vezes é motivado por violências experimentadas fora das ruas, em suas próprias casas.



9.2.2. Jornal da Paraíba – João Pessoa-PB

a) Manchete: MAIS 2 PARTIDOS HOMOLOGAM CANDIDATAS À PRESIDÊNCIA

b) Fontes: Da Folhapress – supõe-se que se trata de texto divulgado por relise. É interessante como um tema de interesse nacional, que envolve duas candidaturas à presidência da República, faltando quatro meses para as eleições, é apresentado de forma tão breve e por meio de relise. Em que medida o fato das duas candidaturas serem de mulheres tornou a notícia menos importante para o investimento de recursos humanos do próprio jornal na elaboração da matéria?

c) Imagens e legendas: A matéria não apresentou fotos das candidatas nem qualquer outra imagem.

d) Linguagem:

A linguagem se pretende neutra, mas especialmente em relação à candidata Dilma Rousseff, a seleção de trechos de seu discurso que sugeriam uma posição mais defensiva, demonstra uma associação entre ser mulher e “ficar na defensiva”.

**e) Análise:**

- Notícia que é estereotipada de forma sutil
- Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de perspectiva de gênero

No Jornal da Paraíba, as notícias predominantes no dia do jogo do Brasil foram sobre homens, seja na seção de esportes, de política e nas notícias de forma geral. A homologação das candidaturas de Dilma Rousseff (PT) e Luciana Genro (PSOL) à presidência foi a única notícia que envolveu diretamente mulheres. Intitulada “Mais 2 partidos homologam candidatas à presidência”, a pequena matéria, reproduzida da Folhapress, apresentou breves trechos dos discursos das candidatas durante as convenções de seus partidos. Apesar dos destaques do discurso de Dilma Rousseff terem sido a economia e os programas sociais, a matéria se concentrou especialmente nas frases que indicavam tensões entre o governo de Dilma e alguns segmentos da sociedade. No caso de Luciana Genro, destacou-se a aprovação unânime de sua candidatura pelo PSOL e algumas de suas propostas de governo, que inclui a auditoria da dívida pública e a reforma do sistema tributário brasileiro. A matéria apontou ainda os temas que a candidata prometia tratar durante sua campanha, como a descriminalização da maconha, os direitos da população LGBT e a “legalização do aborto como política pública de saúde”. A matéria em questão ficou “apertada” entre várias outras na mesma página, e as questões de gênero ficam veladas. As três minúsculas colunas foram incapazes de dar destaque ao importante fato de que o Brasil tem visto mulheres ascenderem politicamente nos últimos pleitos



eleitorais, e que isso pode ter importantes impactos sobre a discussão das desigualdades de gênero na sociedade. Vale lembrar que as mulheres, apesar de constituírem a maioria da população brasileira (51,3%), não correspondem a 10% dos políticos do país. A ideia de que “política não é coisa de mulher” ainda impera no imaginário coletivo brasileiro, e isso é bastante reforçado pela mídia. Também se perdeu a excelente oportunidade de dar destaque a temas de gênero que envolvem os direitos da população LGBT e a descriminalização do aborto e que formaram parte da pauta política de Luciana Genro e também foram tratadas por Dilma Rousseff.



9.2.3. Folha de S. Paulo - cidade de São Paulo/SP, região Sudeste, publicação diária de referência nacional

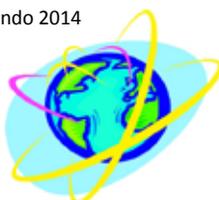
Caderno Copa

Coluna COPA & COZINHA - página completa D2

a) Manchete da Charge: ADÃO CONTRA A RAPA

b) Fontes: a charge é assinada pelo cartunista Adão

c) Imagens e Legendas: charge medindo 10cm de largura x 13cm de comprimento, do lado direito, quase ao final da página (antes de uma propaganda que encerra a página).



d) Linguagem:

Há estereótipos sexistas na linguagem escrita e imagética, de forma explícita.

e) Análise:

- Imagens e legendas abertamente estereotipadas

As imagens mostram homens alvoroçados pelas mulheres estrangeiras, cantando um refrão de samba brasileiro que é alterado para chamar ao ato sexual: *Esquindô!! Esquindá!!!*. (o verbo “dar” sugerindo “oferecimento do sexo”). Elas, por sua vez, estão todas de saia,



em condição passiva, com semblantes abertos à conquista dos homens brasileiros, por meio de frase e palavras de receptividade, em variados idiomas: em francês, *Je veux coucher avec toi!* (Eu quero dormir com você!); em inglês, *Gorgeous!* (Deslumbrante!); em holandês, *Schattig!* (Doce!); em espanhol, *Guapo!* (bonito).

Os estereótipos sexistas também são nítidos no título e nas frases/interjeições.

O título da charge “Adão contra a rapa” faz um trocadilho entre o nome do cartunista e a figura religiosa, sugerindo um paraíso onde ele é soberano perante às mulheres, aqui denominadas de “rapa”, expressão pejorativa no Brasil para sugerir “o resto”. Atente-se para o fato de que não é usual o nome do chargista compor títulos ou frases.

Os homens são denominados “figuraças da Copa”, o que os coloca como criaturas superiores, prontas para o “abate”, o que é comprovado pela mensagem escrita a seguir, mais uma “pérola” do sexismo, que também demonstra a posição ativa masculina, em oposição a das mulheres: “O brasileiro que finge que sabe sambar para pegar as gringas...”.

Trata-se, assim, de uma mensagem estereotipada, com o poder duplicado da imagem e das palavras, que contribui para reforçar o sexismo em nossa sociedade. Com isso, há um retrocesso na busca da desconstrução das desigualdades de gênero, que são caracterizadas pela dominação masculina e a subordinação feminina, além de diferentes níveis de poder e oportunidades entre os sexos, acarretando sérias consequências a toda a sociedade. A mais forte expressão dessas desigualdades é a violência



contra a mulher, que se materializa na vida cotidiana pela violência doméstica, tráfico de mulheres e violência sexual. E, lembrando: no Brasil, a cada doze segundos uma mulher é estuprada; a cada cinco minutos uma mulher é espancada; a cada duas horas uma mulher é assassinada.

As mídias podem ser utilizadas tanto para exacerbar como para transformar as relações de poder desiguais e as discriminações. Os veículos de comunicação influenciam, em diferentes níveis, a produção dos sentidos e o comportamento humano, partindo da constatação de que a recepção não é passiva, isto é, reage contaminada pelo entorno - família, igreja, escola, amigos(as)... Daí a importância deste diagnóstico e a análise das notícias dos diferentes veículos, para avançar na questão instrumental, leitura crítica e nos mecanismos de intervenção, visando alterar os padrões vigentes.

É um grande desafio utilizar as mídias para potencializar a intervenção conjunta de uma coletividade que busca a equidade de gênero e o enfrentamento de todas as consequências da assimetria entre mulheres e homens, uma construção social, que vem sendo aceita culturalmente e mantida historicamente por milênios.

A linguagem - escrita ou imagética - não é apenas um universo de signos, que serve somente como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. É interação e um modo de produção social. Não é neutra nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade, e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação



social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. (BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: Editora Hucitec. 9ed. 1999).

A necessidade que o ser humano tem de atribuir sentido às coisas leva à produção de estereótipos, cuja característica básica é a simplificação. É uma crença rígida, não raro exagerada, aplicada tanto a uma categoria inteira de indivíduos como a cada indivíduo na mesma. Os preconceitos têm uma estreita relação com os estereótipos, pois pertencem à categoria do pensamento e do comportamento cotidianos (BOSI, E. *Entre a opinião e o estereótipo*. In: *O tempo vivo da memória – Ensaios de Psicologia Social*. Ateliê Editorial. SP: 2004. 2ª ed.).

Nesse emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário, vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos – no sentido de perpetuar as desigualdades de gênero – ou afrouxados, visando desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social.

Partindo-se da constatação de que a realidade é construída a partir de aspectos objetivos e subjetivos, o exercício de atentar para as consequência das mensagens discriminatórias é tarefa de quem busca promover a cidadania para um mundo melhor, com valores éticos, de equidade e justiça social. É pelo trabalho educativo e de comunicação, que transforma seres humanos em agentes políticos, que se consegue alterar os condicionamentos provocados por mitos e imagens, além de se considerar que as mídias digitais trazem a perspectiva de novas dinâmicas de representação da mulher. (VIEIRA, V. *Comunicação e Feminismo – as possibilidades da era digital*. Tese (Doutorado). Eca, USP, 2012).



DEPOIMENTO DE PAULO FREIRE:

(...) Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “Quando falo homem, a mulher está incluída”. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo?”

....

(...) A discriminação à mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa.

(...) A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo.

*(...) Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. **Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo.***

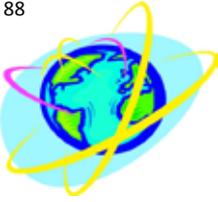
(FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. RJ: Paz e Terra. 7ªed. 2000).



9.2.4. Folha de S. Paulo - cidade de São Paulo/SP, região Sudeste, publicação diária de referência nacional

Caderno Copa

Coluna BIORRÍTIMO DA COPA - página completa D12



a) Manchete: APESAR DA PEQUENA QUEDA NA MÉDIA DE GOLS, JOGOS SEGUIRAM COM BOM NÍVEL; NA ORGANIZAÇÃO, MARACANÃ PROTAGONIZOU PIORES MOMENTOS.

O FUTEBOL / A ORGANIZAÇÃO / A INFRAESTRUTURA

b) Fontes: para a maioria das informações não há fontes, com exceção daquelas ligadas à segurança: Polícia Militar e Polícia Federal.





c) Imagens e Legendas: cinco fotos de jogadores espalhados pela página, com destaque para Luis Suárez, do Uruguai (que deu “show”), além de uma foto ao final da página, do lado direito, medindo 17,5cm de largura x 8cm de altura, com torcedores chilenos discutindo com policial no Rio (eles invadiram o estádio do Maracanã antes do jogo contra a Espanha, por causa da falta de ingressos, danificando a sala de imprensa.

e) Análise:

- Notícia (ou página) que contraria o prognóstico alarmista da mídia quanto ao turismo sexual

Esta página intitulada BIORRÍTIMO DA COPA, do caderno Copa, se propõe a realizar um diagnóstico semanal do evento mundial, analisando os aspectos relacionados ao futebol, à organização e à infraestrutura.

O diagnóstico da primeira semana, de segunda-feira, dia 16/6/2015, a domingo, 22/6/2015, oferece um panorama sobre os principais fatos no que concerne aos aspectos citados. O único destaque negativo refere-se ao comportamento de torcedores chilenos que, por falta de ingressos, invadiram o estádio do Maracanã e danificaram a sala de imprensa. Afora isso, não foram registrados incidentes no estádio. Tal panorama contrasta com o quadro desenhado pelos principais meios de comunicação de massa, nos meses anteriores à realização da Copa do Mundo, que associou o evento mundial ao turismo sexual, à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao tráfico de pessoas. A mídia também “colocou no mesmo pacote”, com requintes de moralismo, a prostituição voluntária, a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico



humano (cuja maioria das vítimas é de mulheres para fins de exploração sexual). A cobertura foi feita a partir da perspectiva criminal, o que impede o entendimento global do fenômeno social.

Tal comportamento por parte dos diferentes veículos de comunicação não se restringe ao Brasil. A Global Alliance Against Trafficking in Women (GATTW) divulgou relatório em 2011 em que analisa dados das Copas do Mundo da África do Sul (2010) e Alemanha (2006), dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e o Super Bowl (final da liga de futebol americano) de 2008, 2009 e 2011. Não foi constatado aumento significativo ou mesmo casos de tráfico de pessoas por ocasião desses eventos. No Brasil, o Relatório do Observatório da Prostituição (LeMetro/IFCS/UFRJ), publicado dois meses após a Copa do Mundo 2014, mostra que houve retração do comércio de sexo e não houve aumento considerável da prostituição e nem da exploração sexual de menores (pesquisa etnográfica em 83 pontos de prostituição no Rio). “São discursos de ordem moral, com uma pitada de xenofobia. Há um senso comum de que a exploração e o abuso sexual de crianças e adolescentes são práticas exclusivas de estrangeiros. Na verdade, os turistas estão longe de serem os exploradores. Os abusos são geralmente perpetrados por pessoas dos círculos mais íntimos, como familiares, ou por religiosos e policiais”, observa o antropólogo e professor da UFRJ Thadeus Banchette, integrante do Observatório da Prostituição.

De acordo com o boletim do CLAM (Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos), de 24/9/14, “a mobilização de setores feministas também tem contribuído para que o imaginário moral



e repressivo em relação à prostituição se fortaleça. Thaddeus Blanchette atribui esse deslocamento ao ‘feminismo carceral’, termo cunhado pela socióloga norte-americana Elizabeth Bernstein para a tendência contemporânea de lidar com problemas sociais através de políticas de segurança. ‘É uma ideia que infelizmente domina a política para as mulheres em nível federal no Brasil e conta com muitos adeptos do movimento feminista, como a Marcha Mundial das Mulheres.(...)’”.

Felizmente, nem todos os segmentos do movimento de mulheres e feminista endossam tal entendimento. A Associação Mulheres pela Paz, ao percorrer nove localidades brasileiras das diferentes regiões, com o projeto “Mulheres e Homens trabalhando pela Paz e contra o Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual”, teve a oportunidade, com suas atividades de educação popular feminista, de fomentar e aprofundar tais discussões, inclusive com a contribuição de lideranças que atuam junto às prostitutas. Nos eventos em João Pessoa/PB e em São Paulo, por exemplo, Tatiana Pinangé, explicou o quanto elas são estigmatizadas: “A grande mídia reforça o senso comum de que prostituição no Brasil é crime, o que tem dificultado muito a realização de campanhas que tragam visibilidade para a questão do tráfico de mulheres. Há também o fato de o feminismo se dividir com relação à aceitação da prostituição enquanto uma profissão como qualquer outra. A mídia costuma colocar no mesmo bojo a exploração sexual, o tráfico de mulheres e a prostituição voluntária e involuntária. Tudo é crime! E aí a gente começa a ter muitos problemas. O exercício livre da prostituição é diferente do exercício escravizado. Nossas campanhas já diziam que lugar de criança não é na zona, que exploração sexual infantil



é crime.” (VIEIRA, Vera. CHARF, Clara. *Mulheres e Homens trabalhando pela Paz e contra o Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual*. Associação Mulheres pela Paz: São Paulo, SP, 2014)

Tais resultados e análises preliminares também reforçam a necessidade de acúmulo de discussão por parte do movimento feminista e dos movimentos sociais em geral, no que concerne ao tema da prostituição, exploração sexual e do tráfico de mulheres.



10. Considerações finais

Ao encerrar as ações do estudo de representação da mulher - com perspectiva étnico-racial e de orientação sexual/ identidade de gênero - desencadeadas por ocasião da Copa do Mundo 2014, pode-se afirmar que, sem dúvida, tratou-se de um rico processo dialógico entre as coordenadoras do projeto e monitoras(es) de todas regiões de um Brasil de dimensões continentais.

Os resultados abaixo resumidos estão carregados de um potencial de ressonância que levará a um aumento da consciência sobre a necessidade de lutar pela desconstrução de estereótipos discriminatórios e de ter veículos de comunicação de massa que possam contribuir para a transformação da realidade vigente.



Apenas 23% das notícias estão centradas nas mulheres.



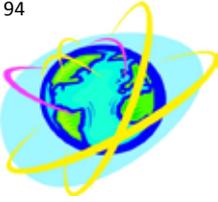
As mulheres permanecem extremamente sub-representadas na cobertura de notícias (23%), em comparação com os homens (77%), retratando um mundo em que elas se encontram ausentes, inclusive em termos de opinião e visão femininas.



Pessoas brancas, em jornais impressos, aparecem quase cinco vezes mais que pessoas negras nas notícias; pessoas indígenas nunca aparecem ou não são mencionadas (metade da população brasileira é formada por pardos e negros).



Quando possível a identificação da orientação sexual/ identidade de gênero, em jornais impressos, pessoas heterossexuais aparecem 15 vezes mais



do que pessoas homossexuais e 30 vezes mais do que transexuais.



A transversalidade de gênero, raça-etnia e orientação sexual/ identidade de gênero não é pauta valorizada.



As notícias não destacam claramente assuntos relacionados à igualdade entre mulheres e homens (91%)



As notícias não desafiam e nem reforçam os estereótipos femininos e/ou masculinos (85%)



A maior parte das notícias não merece análise adicional (71%).



As mulheres em noticiários são identificadas por seus relacionamentos familiares (esposa, mãe, filha), quatro vezes mais que os homens.



Em geral, há menos matérias apresentadas por repórteres femininas do que por repórteres masculinos.



Matérias apresentadas por repórteres femininas têm consideravelmente mais focos em temas femininos do que matérias apresentadas por repórteres masculinos, e questionam estereótipos de gênero quase duas vezes mais do que matérias de repórteres masculinos.



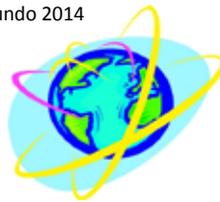
Comparando-se com o monitoramento anterior GMMP (2010), verifica-se que permanece inalterado o percentual de mulheres que são o centro das notícias. Houve, entretanto, uma redução drástica no percentual de matérias que reforçam estereótipos (de 48% para 9%), o que é um dado positivo.



As mulheres são protagonistas, quando as notícias envolvem violência e escândalo.



A perspectiva unicamente criminal nas notícias bloqueia o



entendimento global da complexidade de fenômenos como a violência e a prostituição, por exemplo.

 A mídia traçou um panorama prévio à Copa de caos organizativo, turismo sexual, exploração sexual de crianças e adolescentes e tráfico de pessoas. Na realidade, isso não ocorreu.

 A mídia também colocou “no mesmo pacote”, com requintes de moralismo, a prostituição voluntária, a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico humano para fins sexuais.

 A metodologia de monitoramento da WACC (GMMP) continua a ser considerada a mais completa e abrangente, de análise de gênero nas notícias.

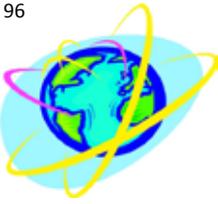
 Os guias de monitoramento continuam a ser instrumentos importantes. Necessitam de constantes atualizações. Há a urgência de se elaborar um guia específico para as mídias digitais.

 Números são importantes, mas a análise qualitativa de diversas notícias, possibilita entendimento aprofundado do fenômeno do sexismo, racismo e da homofobia.

 Seria mais produtivo ter um número menor de voluntários(as), oferecendo-lhes uma pequena ajuda de custo para o monitoramento.

 O rigor acadêmico se faz necessário no trabalho de coordenação, principalmente para a fase de sistematização dos resultados e de análise final.

 Há a necessidade de se pensar em ações estratégicas de incidência para alterar os padrões vigentes, nos diferentes países, de forma continuada, incluindo manual que explicita as fases necessárias: gestão interna da comunicação, instrumentalização, leitura crítica e mecanismos de intervenção.



Especialmente em função da era digital, a comunicação mostra-se como um caminho de reformulação da agenda feminista, balizada por novas estratégias de intervenção política e de atuação, levando em conta outras dinâmicas e a revolução das formas de expressão pessoal e interpessoal. Os movimentos sociais e o próprio movimento feminista necessitam deixar de resistir a incorporar os meios de comunicação de massa em suas ações estratégicas, visando abarcar um público mais amplo, para além do gueto. Há que se aproveitar as brechas, como diz Jesús Martín-Barbero. As mídias são a maior fonte de entretenimento e informação, o que requer qualificar o público para a leitura crítica.

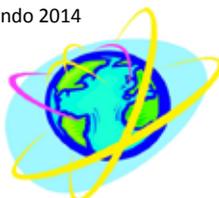


Levar em conta que o debate sobre a qualidade de conteúdos está vinculado a um contexto mais amplo que diz respeito ao Direito à Comunicação. Não cabe atribuir às mídias a responsabilidade pelo sexismo/ racismo/ homofobia e suas manifestações, o que não as isenta de cumprir sua função pública.



No Brasil, a discussão sobre a regulação dos meios se reduz à censura e restrição da liberdade de expressão. O marco regulatório das comunicações é que vai garantir mais liberdade de expressão (regulação econômica e de conteúdo). A lei que rege o setor, o Código Brasileiro de Telecomunicações, tem mais de 50 anos. A Constituição de 1988 estabelece princípios para os meios de comunicação de massa, mas o capítulo que trata disso até hoje não foi regulamentado. Conter lembrar que 1/3 do Congresso Nacional está ligado direta ou indiretamente à concessionárias de rádio e TV. A sociedade civil criou um projeto de lei de iniciativa popular para propor um novo marco regulatório, que está em fase de recolhimento de assinaturas. É importante acompanhar e participar.

II - Contribuições Teóricas



A discriminação à mulher está presa à tirania das palavras e imagens

por Vera Vieira

**Quando se diz “A salvação do planeta está nas mãos dos homens”,
ao invés de “ A salvação do planeta está nas mãos da humanidade”,
reflete-se a posição que o homem vem ocupando na história,
reforçando-se seu papel hierárquico
e as relações de poder e dominação masculina na sociedade.**

**Ao romper com a linguagem discriminatória
- tanto a escrita como a das imagens -,
presente em jornais, rádio, televisão, internet, revistas, livros, etc.,
avança-se na influência do modo de percepção da realidade pelas pessoas,
quebrando-se padrões comportamentais
que levam a uma sociedade mais justa e igualitária.**

Ao longo dos tempos, tem ficado bastante evidenciado o papel da linguagem sexista no reforço dos estereótipos machistas que contribuem sobremaneira para o desequilíbrio das relações sociais entre homens e mulheres, caracterizadas pelo binômio dominação/ subordinação. Ao nascermos, nosso sexo é definido pela natureza. Já o comportamento diferenciado tem a influência direta da formação e educação que recebemos no meio social, historicamente marcadas pela subordinação da mulher ao homem. Trata-se de um fenômeno cultural que se arrasta ao longo de milênios e que deve ser mudado.



As pessoas são educadas e formadas tanto pelas escolas como pela família, Igreja, meios de comunicação de massa, leis do Estado, etc., que são responsáveis pela clara definição dos papéis desiguais da mulher e do homem, com consequências dramáticas na sociedade. Bastam somente alguns dados para essa comprovação: alto índice de violência doméstica sofrida pela mulher (com um número assustador de mortes), independente de raça, cor, etnia, classe social ou escolaridade; a média salarial baixa, mesmo com maior formação; pouca ocupação de cargos de liderança e número elevado de mulheres chefes de família, entre outros.

É fundamental estarmos conscientes da relação da linguagem com o conhecimento e a cultura. É somente depois da fase da aquisição da linguagem que a pessoa atinge o campo da abstração. O pensamento conceitual é inconcebível sem a linguagem, em consequência do processo complexo da educação social. O ser humano não só aprende a falar, mas a pensar. Enquanto ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado – portanto, ditatorial -, e o que é individual, criador, no pensamento de cada pessoa. A linguagem não só constitui o ponto de partida social e a base do pensamento individual, mas influencia também o nível de abstração e de generalização desse pensamento. Ela influencia o nosso modo de percepção da realidade. A experiência individual implica em esquemas e estereótipos de origem social. O estereótipo vem à tona na relação emocional do ser humano com o mundo. Por ser um processo não consciente, exerce sua ação com força tanto maior quanto mais se identifica em um todo unitário como conceito dentro da consciência humana. Este é o segredo da famosa ‘tirania das palavras’.



A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. É interação e um modo de produção social. Não é neutra, nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade, e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

Mitos da identidade masculina e feminina

O consenso social e histórico na construção da imagem e mitos da identidade masculina e feminina, desde os primórdios, é fator preponderante na continuidade do 'poder do macho'. Não obstante as pressões para se alterar suas estruturas, seu enraizamento é extremamente profundo, exigindo uma incidência maior de ações educativas.

Mas, qual seria exatamente a diferenciação entre os termos mito, símbolo, arquétipo, esquema? Gilbert Durand (2001, p.18), ao explicar a palavra mito, consegue incorporar e diferenciar as demais. De forma sintética, mito pode ser definido como um sistema formado por esquemas, arquétipos e símbolos, compondo-se em narrativa: "(...) No prolongamento dos esquemas, arquétipos e simples símbolos podemos considerar o mito. Não tomaremos este termo na concepção restrita que lhe dão os etnólogos, que fazem dele apenas o reverso representativo de um ato ritual. Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema tende a compor-se em narrativa. O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. O mito explica um esquema ou um grupo de esquemas. Do mesmo modo que o arquétipo



promovia a ideia e que o símbolo engendrava o nome, podemos dizer que o mito promove a doutrina religiosa, o sistema filosófico ou, como bem viu Bréhier, a narrativa histórica e lendária. É o que ensina de maneira brilhante a obra de Platão, na qual o pensamento racional parece constantemente emergir de um sonho mítico e algumas vezes ter saudades dele. Verificaremos, de resto, que a organização dinâmica do mito correspondente muitas vezes à organização estática a que chamamos de ‘constelação de imagens’. O método de convergência evidencia o mesmo isomorfismo na constelação e no mito.”

Paulo Freire reconhece a própria linguagem machista

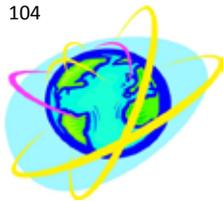
Ao publicar, em 1992, *A pedagogia da esperança - um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire (2000, p.66/67/68) faz, com muita humildade, uma análise do volume imenso de cartas que recebeu, em Genebra, com críticas de mulheres norte-americanas, depois do lançamento do livro, em sua primeira edição no início de 1971. Eram tempos de exílio, em função do longo regime militar brasileiro, e a primeira edição foi publicada em inglês: “(...) É que, diziam elas, com suas palavras, discutindo a opressão, a libertação, criticando, com justa indignação, as estruturas opressoras, eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres. (...) Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: ‘Quando falo homem, a mulher está incluída’. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: ‘As mulheres estão decididas a mudar o mundo’? (...) A discriminação da mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada



em práticas concretas é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa. (...) A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. (...) Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória.”

As conclusões a que chegou Paulo Freire remetem a Bakhtin (1999, p.35/41/126), que se aprofundou na relação da linguagem e da cultura, considerada enquanto relação de causa e efeito, isto é bilateral: trata-se da influência da cultura sobre a linguagem, como da ação da linguagem sobre o desenvolvimento da cultura: “(...) A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. (...) As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (...) A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo.”

Durante o desenvolvimento de um projeto da Rede Mulher de Educação, intitulado Gênero e Educação para os Meios, a etapa denominada ‘diagnóstico dos meios’ apresentou exercícios críticos por parte das participantes, apontando, com bastante regularidade, a presença de linguagem sexista, como os exemplos abaixo destacados:



As chamadas são feitas sempre no masculino, mesmo quando os programas suscitam ou têm a participação de ouvintes, e essas, em sua grande maioria, são mulheres. Isto é feito tanto por locutores masculinos, como pelas poucas locutoras femininas. (Programa 'Pop de Chapa Cruz' - FM-101,1 - Cuiabá/MT, monitorado por Madalena R. Santos).



As fotos de mulheres predominam na coluna social. As de mulheres negras, só aparecem no caderno policial. (Jornal 'Vale dos Sinos', de São Leopoldo/RS, monitorado por Clair Ribeiro Ziebell)



São comuns as imagens de mulheres donas-de-casa ou infratoras. (Jornal Nacional, da TV Globo, monitorado por Denise Gomide)



É um escândalo! Tem muita gente que se espelha nas novelas... Nunca aparece a família das empregadas domésticas. As mulheres casadas estão sempre cozinhando e lavando; os homens, solicitando comida e cerveja. (Telenovela 'Laços de Família', da Rede Globo, monitorada por Sandra Monteiro, de São Miguel do Tocantins)



O filho é sempre da mulher; o homem não precisa ter responsabilidade - ou ele é condenado pelo auditório, ou é aplaudido por causa da 'lei de Gérson', no sentido de levar vantagem em tudo. (Programa do Ratinho, da SBT, monitorado por Thereza Ferraz, de Santos/SP)

A linguagem - escrita e imagética -, carregada de estereótipos, há tempos vem merecendo ênfase nas ações do movimento feminista, como bandeira fundamental para o avanço da luta, tanto que, a partir de 1991, a REPEM (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e Caribe) passou a designar o dia 21 de junho, com uma série de atividades, como a



data “Por uma educação sem discriminação”.

Vamos romper com a linguagem sexista, em busca de um mundo com igualdade entre mulheres e homens! Quando se quebra com a linguagem, quebra-se também com padrões comportamentais.

REFERÊNCIAS:

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução: Hélder Coutinho. SP. Martins Fontes. 2ª ed. 2001. p.18

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. RJ. Paz e Terra. 7ªed. 2000. p.66-67-68

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Oliveira. SP. Editora Hucitec. 1999. p.35/41/126



A educomunicação e a importância da intervenção nas mídias

por Vera Vieira

Além de coordenadora da Rede Mulher de Educação, sou diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, uma entidade fundada em 2003 que tem dois principais objetivos: visibilizar o trabalho das mulheres e lutar contra a violência à mulher, em três principais focos - violência doméstica, violência sexual e tráfico de mulheres. Considera-se que a construção assimétrica de gênero, que coloca a mulher em posição de inferioridade ao homem em termos de poder e oportunidades, tem como consequência mais grave a violência contra a mulher.

Durante os anos de 2013-2014, ao coordenar o projeto “Mulheres e Homens pela Paz e contra o Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual”, com atividades em todas as regiões brasileiras, uma vez mais, foi concebida a diretriz estratégica de incidir nos meios de comunicação de massa locais e nas mídias sociais. A intervenção nas mídias teve como objetivo abarcar um público mais amplo e heterogêneo na proposta do enfrentamento ao tráfico de mulheres e à violência sexual, além de contribuir para alterar os padrões vigentes de cobertura, geralmente sensacionalistas, estereotipados e preconceituosos. Para tanto, desde a etapa de preparação da metodologia de educação popular feminista, havia o entendimento conjunto com as lideranças locais para o levantamento das possibilidades de incidência nos diferentes meios de comunicação de massa, incluindo televisão, jornais, revistas, rádios e internet.



Na maioria das localidades, houve a contratação para o trabalho pontual de um(a) jornalista que fosse familiar com as questões sociais e tivesse facilidade de diálogo com os veículos de comunicação da cidade ou região. Juntando-se esses fatores com a consistência e relevância do conteúdo da proposta, os números e a qualidade da divulgação superaram as expectativas, em todas as localidades. Em alguns locais, as atividades se tornaram um dos assuntos principais dos noticiários/programas de todos os canais de televisão e dos jornais impressos. Foi, também, o tema do momento nas redes sociais, que são essenciais para uma estratégia feminista de intervenção comunicacional a distância, pois elas se tornaram o ancoradouro de produção e difusão independentes, consolidando uma cultura de participação que expressa, de forma inovadora, valores e atitudes primordiais à evolução da cidadania plena. Foi possível ampliar enlaces e conexões para além da zona de influência física e geográfica, relacionando-se com redes de indivíduos ou grupos, para o trabalho de promoção da agenda feminista. Essas mídias contribuíram para “enredar” grupos com interesses similares, que de outra maneira não entrariam em contato. É porque cada grupo desenvolve seu próprio trabalho, mas está consciente de que esse trabalho participa de uma iniciativa mais ampla; por conseguinte, as atividades que vinculam as pessoas e que contribuem para a criação de alianças podem ser interpretadas como meios ou instrumentos de mudanças positivas.

É por isso que foi possível atingir a um público muito amplo de mulheres e homens, incluindo jovens, para além das lideranças efetivas e potenciais que atuam nas organizações governamentais e não governamentais, bem como universidades, integrando a rede local de serviços pelo enfrentamento da



violência contra a mulher, cujo principal foco difere no sentido de estar voltado para o processo de multiplicação. Com ambas as estratégias, o impacto do projeto ocorreu em públicos diferenciados que se somam em busca do mesmo objetivo, ou seja, o fim da violência contra a mulher - que se expressa na vida cotidiana pela violência doméstica, o tráfico de mulheres e a violência sexual.

Enxergando as mídias como aliadas

Partindo-se da constatação de que a realidade é construída a partir de aspectos objetivos e subjetivos, o exercício de atentar para as consequências das mensagens discriminatórias é tarefa de quem busca promover a cidadania para um mundo melhor, com valores éticos, de equidade e justiça social. Na chamada era digital, onde prevalece o slogan “estou na mídia, logo, existo!”, a população brasileira pode encontrar referenciais de identidade que não reforcem as relações de subordinação que são impostas às pessoas fora do modelo ocidental: homem, branco, magro, sem deficiências, jovem, heterossexual, culto, e que vem sendo construído ao longo dos milênios.

As mulheres vêm conseguindo grandes conquistas no espaço público, mas ainda encontram muitas dificuldades para desconstruir os mitos da identidade feminina “a la Barbie”, a boneca que apresenta padrões irreais de beleza. Não se trata de puro discurso de movimentos sectários, mas uma realidade cruel facilmente demonstrável por estatísticas confiáveis, comprovando uma conquista desproporcional de poder e oportunidade baseada na tríade classe-gênero-raça. A materialização das discriminações de gênero, classe e raça é facilmente perceptível em nossa sociedade, como, por exemplo, quando se observa quem compõe as estruturas de poder político



(executivo, legislativo e judiciário) ou econômico (proprietários de empresas e ocupantes de cargos executivos).

O primeiro passo para alterar os padrões estereotipados é conscientizar-se de que, ao romper com as discriminações na linguagem escrita e imagética, avança-se na influência do modo de percepção da realidade pelas pessoas, quebrando-se padrões comportamentais. Soma-se a isso, a adoção de mecanismos de intervenção nas mídias, que levam, sem sombra de dúvidas, a resultados positivos ao considerarmos que vivemos em um mundo onde as forças de mercado tentam se equilibrar ao sofrer pressão de um público com consciência cidadã.

Na era digital, as estratégias de comunicação mostram-se como um caminho para impulsionar a agenda feminista, balizadas por novas estratégias de intervenção política e de atuação, levando em conta outras dinâmicas e a revolução das formas de expressão pessoal e interpessoal. As propostas feministas e a comunicação caminham lado a lado, colocando-se como um trajeto inegável e necessário para o avanço da luta pela equidade das relações de gênero. O radicalismo (no sentido marxista de ir à raiz das coisas) desta luta deve estar acima do sectarismo vigente na visão sobre os meios de comunicação de massa, por parte de um grande número de organizações não-governamentais. A mídia não representa a salvação e nem a destruição, mas é um fundamental campo de intervenção para o avanço da cidadania ativa. É esta a *aura* que deve revestir o percurso das ações.

O entendimento sobre a interface entre a comunicação e o feminismo tem como premissa o fato de que ambos os saberes possuem uma existência



intrinsecamente entrelaçada. Reconhece, também, que, nas lutas pela emancipação da mulher, a mídia tem exercido uma função importante, prestando um papel incontestante nessa trajetória que vai dos meios impressos, passando pelos analógicos até os digitais, seja no cenário nacional ou internacional. Essa intervenção transformadora caminha na contracorrente da linguagem estereotipada, seja escrita ou imagética, que reforça o sexismo e outras discriminações. Assim, uma prática efetiva necessita de um olhar positivo ao potencial transformador propiciado pelas mídias. Sem dúvida, na era digital, as possibilidades de intervenção feminista encontram uma ressonância ainda mais potente. Pela primeira vez é possível a interação virtual em tempo real, além da amplificação do papel do público que passa de mero consumidor para produtor de mensagens.

As novas noções de tempo e espaço, o novo modo de sentir, pensar e agir podem acelerar a harmonização das relações de gênero construídas socialmente, aceitas culturalmente e mantidas historicamente por milênios. No emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos, mas que também podem ser afrouxados no sentido de desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social (Citelli, 2000). Pela comunicação é possível alterar os condicionamentos provocados por mitos e imagens. Além disso, as mídias digitais trazem a perspectiva de novas dinâmicas de representação da mulher. As narrativas feministas e a sociedade em rede estão redefinindo o conceito de democracia, bem como as possibilidades de diferentes dinâmicas de construção simbólica nas novas formas comunicacionais digitais.



Para propor uma prática efetiva de comunicação a distância — centrada na identificação de discursos e maneiras de veiculá-los —, é necessário ser contrária(o) à visão massificante da Escola de Frankfurt e adepta(o) ao potencial político transformador abalizados por autores como Jürgen Habermas, Jesús Martín-Barbero e Paulo Freire. Assim, torna-se necessário, como premissa básica, **gestar a comunicação, internamente**, com objetivos claros e partilhados entre integrantes dos grupos envolvidos nas atividades, o que significa buscar permanentemente a resposta-base à pergunta enfatizada por Habermas (1989, p.91), e que pode ser resumida da seguinte forma: “com que modo de agir em comum as pessoas querem se comprometer?”. Para ele, a comunicação traduz-se na busca de entendimento, reconhecendo as conexões entre a dimensão da subjetividade e da intersubjetividade. Uma ação comunicativa deve ter um destinatário capaz de recebê-la. Nenhuma ação se caracteriza como tal, se do outro lado não houver quem receba, considerando sempre que o(a) receptor(a) só vai digeri-la, depois de refazê-la dentro de si mesmo(a), para, posteriormente, participar de uma ação de comunicação de forma contínua com outros agentes sociais.

Na história da humanidade, de forma resumida, as formas de comunicação começaram com a oralidade, sendo, por muito tempo, a única maneira de transmitir informação e conhecimento. Depois, foram inventados instrumentos que nada mais são do que tecnologias de produção e transmissão de informação e conhecimento, como o alfabeto, no ano 1700 a.C. Eram vários os suportes utilizados, até chegar-se ao papel: folhas de palmeiras na Índia; ossos de baleia e dentes de foca, pelos esquimós; conchas, cascos de tartaruga e depois bambu e seda, na China; a pedra, o barro, a casca de



árvores, por outros povos. As matérias-primas mais próximas ao papel foram o papiro, inventado pelos egípcios, e o pergaminho, feito de pele de animais. Depois, outra revolução da comunicação se dá com a invenção da tipografia, no século XV, por Gutemberg; até chegar às mídias analógicas, no início do século XX (rádio, TV e cinema); e as mídias digitais, no final desse mesmo século, integrando telecomunicações e informática, tendo na internet a sua expressão mais relevante.

São inúmeras as contribuições de mulheres estrangeiras e brasileiras que utilizaram a escrita — pelos livros, jornais e revistas — para disseminar pensamentos que contribuíram para o avanço das condições equitativas entre os sexos, como por exemplo, Patrícia Galvão (1910-1962), a Pagu, árdua defensora da ocupação do espaço público pela mulher, escritora e jornalista. A cada inovação nas formas de expressão e de transmissão da informação e do conhecimento potencializam-se as estratégias para alcançar maior poder de disseminação nas mensagens de libertação da opressão patriarcal pelas mulheres.

As formas de representação da mulher podem ganhar outras dinâmicas, propiciadas por uma nova cultura comunicacional. Essa revolução se materializa nas formas de produção, interatividade — comunicação instantânea e processos colaborativos —, compartilhamento e amigabilidade, criando novas relações de imaginários, o que possibilita a promoção de ações de mudança de mentalidades

No emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos — no sentido de perpetuar as



desigualdades de gênero — ou afrouxados, visando desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social. É pelo trabalho educativo, que transforma seres humanos em agentes políticos, que se consegue alterar os condicionamentos. Essas “verdades” estão presentes na construção social de gênero, que é tecida a partir das diversas redes de relações na vida de uma pessoa: família, Igreja, escola, associações populares, partidos políticos, meios de comunicação de massa...

O(A) receptor(a) não é passivo(a)

Nos anos 1980, o modelo das mediações começa a se consolidar. Com base nos estudos culturais desenvolvidos desde o início dos anos 1960, centra-se na recepção da mensagem. Considera que o/a receptora não é passivo(a), quer dizer, vai receber as influências socioculturais do meio em que vive, gestando, assim, outro significado à mensagem. Esse processo de ressignificação da mensagem ocorre “entre” a emissão e a recepção, no campo denominado *mediações*. A capacidade de reflexão — de ressignificação — das pessoas situa-se exatamente no campo das mediações, isto é, além da emissão e recepção, existe um processo de diálogo interior, cujos sentidos se completam no jogo ideológico das experiências culturais e sociais, como família, amigos, escola, igreja, associações, etc.

A teoria de Jesus Martin Barbero sobre as mediações encontra ressonância para redesenhar os estudos comunicacionais. Suas pesquisas indicam que o meio sofre a ação das várias instâncias da sociedade. Barbero desloca a discussão dos meios para as mediações e a ação efetiva das mensagens. Ao invés dos meios representarem somente recursos de produção, isto é, as empresas de comunicação e seus interesses, eles devem funcionar



levando em conta as diversas instâncias envolvidas, as diversas redes de relações das pessoas. Deste modo, o fenômeno da recepção é mediado por instâncias da sociedade. São os intermediários que mediam a influência, portanto, podem, através de práticas participativas, manipular os meios e os recursos, dominando suas linguagens e técnicas. A tese central é a de que existe um desordenamento provocado pela nova sensibilidade, ligada à variação prefigurativa, formada por relações que são marcadas pela desordem cultural, desterritorialização e hibridismos de linguagem.

Ao tornar relevante o poder de ressignificação das mensagens por parte da audiência, alicerçada na contribuição dos estudos culturais, assume-se que os estereótipos discriminatórios podem ser enfraquecidos ou potencializados, dependendo da incidência em termos de comunicação. Essa estratégia precisa considerar que os lugares comuns sejam constantemente revisitados para que se possa vislumbrar a alteração das estruturas estereotipadas.

Nas premissas desses estudos para uma educação com, pela e para a comunicação (Soares, 2011), seguindo o famoso esquema passo-a-passo, chega-se ao seguinte emaranhado de ações: **1) Gestão do agir comunicativo**, no interior dos grupos; **2) Domínio instrumental** (domínio das técnicas de funcionamento, compreensão e reconhecimento das técnicas de formatação e percepção das lógicas econômicas e políticas que influenciam os mecanismos de produção, circulação e consumo); **3) Leitura crítica dos meios**, como o monitoramento realizado por ocasião da Copa do Mundo 2014; **4) Mecanismos efetivos de intervenção**, com a adoção sistemática de formas de participação nas diversas mídias.



Este esquema é de grande utilidade na gestão de uma estratégia de comunicação que estreite os laços entre as pessoas e encurte os caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária. Esses objetivos a serem perseguidos estão em sintonia com o sentido primeiro da palavra comunicação, contido em sua própria composição: tornar COMUM uma AÇÃO.

Retoma-se o entendimento básico de que a humanidade sempre desenvolveu estratégias na forma de se instrumentalizar para a transmissão de informação e conhecimento. O complexo midiático está determinando uma nova sociedade, em todos os seus aspectos, vislumbrando, não só para as mulheres, mas para toda a sociedade, novas esferas públicas que podem resultar no exercício cotidiano da democracia direta. Que as mídias se tornem cada vez mais espaços de ressonância da luta pela equidade de gênero, pela pluralidade e diversidade. Que elas efetivem perspectivas pungentes na luta pela transformação das relações sociais de gênero, raça-etnia e orientação sexual/ identidade de gênero, na medida em que podem alterar a percepção e materialização assimétrica de poder entre as pessoas.

Referências

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: *A linguagem em movimento*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a Pedagogia do*



Oprimido. RJ: Paz e Terra. 7ªed. 2000

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. RJ: Ed. Tempo Brasileiro. 1989. p. 91

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARTIN-BARBERO, J. *Heredando el futuro. Pensar la educacion desde la comunicacion*. In Revista Nómadas. S/d

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VIEIRA, Vera. *Comunicação e Feminismo: as possibilidades da era digital*. SP. Tese de Doutorado. USP/ECA. 2012.

**III - Projeto Global de
Monitoramento da Mídia
(GMMP) de 2010 e 2005**



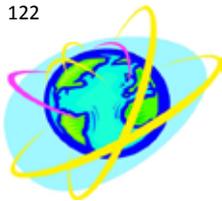
Com o objetivo de registrar também nesta publicação os monitoramentos anteriores que tiveram a participação do Brasil, no marco do GMMP (sigla em inglês para Projeto Global de Monitoramento da Mídia), apresentamos, abaixo, os respectivos relatórios de 2010 (cujo processo foi coordenado por Vera Vieira e Sandra Duarte de Souza) e o de 2005 (com coordenação de Vera Vieira):

****Relatório preliminar do Projeto Global de Monitoramento de Mídia de 2010****

Somente 24% das pessoas vistas, ouvidas ou a respeito de quem se lê nas notícias são mulheres. Essa é uma das principais revelações do Projeto Global de Monitoramento de Mídia de 2010 (2010 Global Media Monitoring Project - GMMP). O relatório preliminar foi divulgado em 2 de março de 2010, em um painel de discussões e debates, por ocasião da 54ª sessão da Comissão da ONU sobre a Condição da Mulher, em Nova Iorque.

10 de novembro de 2009 foi um dia comum de trabalho para o pessoal das salas de notícias ao redor do mundo. Foi, contudo, um dia especial para grupos voluntários em 130 países em todo o mundo, que estavam debruçados sobre seus jornais de circulação nacional, atentamente ouvindo notícias no rádio e assistindo de perto à televisão local. Com lápis e códigos nas mãos, o objetivo era observar, analisar e documentar achados com relação a indicadores de gênero em notícias, para o Projeto Global de Monitoramento de Mídia - a maior pesquisa e iniciativa mundial de gênero na mídia noticiosa. O propósito do projeto é fazer surgir uma representação de gênero justa e equilibrada na mídia noticiosa.

Os resultados contidos no relatório são preliminares, baseados em uma amostragem de 42 países na África, Ásia, América Latina, no Caribe, nas Ilhas do Pacífico e na Europa. Os resultados incluem 6.902 itens de notícias e 14.044 tópicos de notícias, incluindo pessoas entrevistadas nas notícias.



Edouard Adzotsa, Secretário Geral do Sindicato dos Jornalistas da África Central e Coordenador do GMMP no Congo Brazzaville, observou, durante o monitoramento naquele dia, que “a mídia noticiosa parece servir a interesses masculinos; a atenção às mulheres é extremamente negligente, apesar de as mulheres estarem em maior número, nacionalmente; as mulheres são a vida das comunidades, particularmente em assentamentos informais e em áreas rurais.”

Dentre os principais resultados estão:



24% das pessoas entrevistadas, ouvidas, vistas ou a respeito de quem se lê em transmissões principais e notícias impressas são mulheres; somente 16% de todas as matérias concentram-se especificamente em mulheres.



As mulheres quase atingiram a igualdade, ao fornecer opinião em matérias. Entretanto, menos de um dentre cinco especialistas entrevistados é mulher, e homens predominam fortemente como testemunhas e relatores de experiências pessoais em matérias.



Quase metade (48%) de todas as matérias reforça estereótipos de gênero, enquanto 8% das matérias questionam estereótipos de gênero. As mulheres em noticiários são identificadas por seus relacionamentos familiares (esposa, mãe, filha), cinco vezes mais que os homens.



Em geral, há bem menos matérias apresentadas por repórteres femininas, do que por repórteres masculinos. Matérias apresentadas por repórteres femininas têm consideravelmente mais focos em temas femininos, do que as matérias apresentadas por repórteres masculinos, e questionam estereótipos de gênero quase duas vezes mais do que matérias de repórteres masculinos.



O estudo revela, em geral, que as mulheres permanecem extremamente sub-representadas na cobertura de notícias, em comparação com os homens, resultando em notícias que retratam um mundo em que as mulheres são altamente ausentes. A pesquisa também mostra a escassez de visões e opiniões de mulheres, em comparação com perspectivas masculinas, nos principais noticiários.



Abebech Wolde, da Associação Etíope de Mulheres da Mídia e Coordenadora da GMMP, na Etiópia, disse: “Esperamos que nosso estudo a respeito da representação de gênero na mídia seja levado a sério por quem tem o poder nesses veículos.”

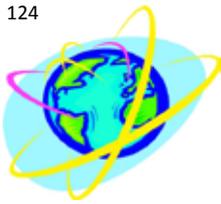
Uma comparação com os resultados das três últimas edições do GMMP, realizadas a cada cinco anos desde 1995, mostra sinais de mudanças em direção a notícias equilibradas e sensíveis no tocante a gênero. Matérias com temas femininos aumentaram de 17% para 24%, nos últimos 15 anos. A opinião popular em notícias agora chegou quase à igualdade, se comparado com 2005, quando em 66%, a opinião popular era majoritariamente prestada por homens.

Aidan White, Secretário Geral da Federação Internacional de Jornalistas (International Federation of Journalists - IFJ), declarou, na publicação do IFJ denominada ‘Alcançando o Equilíbrio: Igualdade de Gênero no Jornalismo’ (‘Getting the Balance Right: Gender Equality in Journalism’) <<http://www.ifj.org/en/pages/gender-issues>>, que “um retrato de gênero justo é uma aspiração profissional e ética, similar ao respeito por precisão, justiça e honestidade”.

O Projeto Global de Monitoramento de Mídia é coordenado pela Associação Mundial para a Comunicação Cristã (World Association for Christian Communication - WACC), uma ONG internacional com escritórios no Canadá e no Reino Unido, que promove comunicação em prol de mudanças sociais, em colaboração com o analista de dados Media Monitoring Africa, da África do Sul. A Gender Links, também sediada na África do Sul, forneceu assessoria para o aprimoramento das ferramentas de monitoramento e da metodologia. Os voluntários que participaram do dia do monitoramento incluem ativistas das áreas de gênero e mídia, grupos de comunicação de base, pesquisadores/as universitários/as e estudantes de comunicação, profissionais de mídia, associações de jornalistas, redes de mídia alternativas e grupos religiosos. O projeto é apoiado pelo UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher.

O relatório preliminar está disponível em inglês em www.whomakesthenews.org <<http://www.whomakesthenews.org/>>

Sumários executivos estão disponíveis em inglês, francês e espanhol.



Relatórios globais, regionais e nacionais finais serão publicados em setembro de 2010.

Para maiores informações, contate: MT@waccglobal.org

No Brasil, a coordenação ficou a cargo de Vera Vieira (Rede Mulher de Educação) e Sandra Duarte de Souza (Universidade Metodista).

A seguir, leia o relatório completo do monitoramento brasileiro.

B R A S I L

RELATÓRIO FINAL

PROJETO DE MONITORAMENTO DA MÍDIA GLOBAL 2009-2010 (GMMP)

NOTICIÁRIO DE JORNAL IMPRESSO, TV E RÁDIO.

DIA 10 DE NOVEMBRO DE 2009

Objetivo: Aprofundar o estudo da representação de mulheres e homens nas notícias dos jornais, rádio e TV, por ativistas e investigadores/as, em uma rede global extraordinária de mais de 100 países, com caráter voluntário, dedicada a documentar e mudar padrões estereotipados.

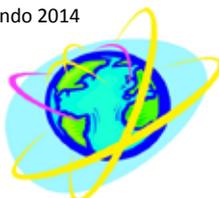
Coordenação do projeto:

Geral: WACC (World Association for Christian Communication)

Brasil: Vera Vieira e Sandra Duarte de Souza (Rede Mulher de Educação / Associação Mulheres pela Paz e Universidade Metodista de São Paulo / Grupo de Gênero e Religião Mandrágora-Netmal).

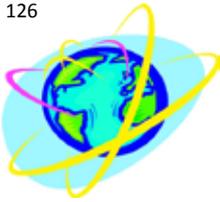
Total de monitoras/es individuais convidadas/os no Brasil: 127, abarcando mulheres e homens, das diversas regiões brasileiras, com recorte de classe, etnia-raça, geração e de orientação sexual. O número inicial de retorno positivo foi de 70 pessoas.

Número de monitoras/es individuais que realizaram o trabalho: 36



Relação das/os participantes do Brasil e o veículo monitorado: (com um agradecimento especial pelo excelente trabalho):

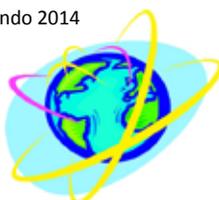
Anna Victoria Lagos (Estadão do Norte/RO); Anne Ataídes (Correio Braziliense/DF); Camila Cristina da Conceição - Izabela Hendrix (O Estado de Minas/MG); Carolina Quesada - Associação Mulheres pela Paz (Jornal da Tarde/SP); Cristina Pechtoll - Umesp (O Estado de S. Paulo/SP); Débora Neves Santos - Izabela Hendrix (O Estado de Minas/MG); Edilene Garcia - UCDB (Correio do Estado/MS); Eduardo Gusmão - UEGO (O Popular/GO); Fernanda Lemos - Umesp - Mandrágora/Netmal (TV Globo - Jornal Nacional e SPTV/SP); Fernanda Rocha - Mandrágora/Netmal (A Gazeta/ES); Glauber Moisés dos Santos - Izabela Hendrix (Jornal Minas da Redeminas/MG); Hauley da Silva Valim - Mandrágora/Netmal (A Gazeta/ES); Iradj Eghari (Correio Braziliense/DF); Izabela Santana dos Anjos - Izabela Hendrix (O Estado de Minas/MG); João Marcos da Silva - Umesp - Mandrágora/Netmal (Rádio 93FM/RJ); José Ricardo - Vepro (TV Globo - Bom Dia Brasil/RJ); Karina Janz Woitowicz (Diário Catarinense/SC e Gazeta do Povo/PR); Leonor Natividade de Medeiro Campos - Izabela Hendrix (O Estado de Minas/MG); Luíza Tomita - Asett e Umesp - Mandrágora/Netmal (Folha de S.Paulo/SP); Maria Aparecida Cotti Silva - Rede Mulher de Educação (A Gazeta/MT); Maria Ruth Freitas Takahashi - Rede Mulher de Educação (Folha de S.Paulo/SP); Marisa Sanematsu - Instituto Patrícia Galvão (Diário de S.Paulo/SP); Marlúcia Lopes - Izabela Hendrix (O Estado de Minas/MG); Marta Orsini (Folha de S.Paulo/SP); Naira Pinheiro dos Santos - Umesp - Mandrágora/Netmal (Folha de S.Paulo/SP); Nilza Menezes - Umesp - Mandrágora/Netmal (Diário da Amazônia/AM); Observatório Negro (Karla Maria Galdino, Viviane Santiago, Ediclea Santos, Juliane de Lima Barros, Girlana Lucas Diniz - Jornalista consultora para o projeto: Ana Maria da Conceição Veloso - Coordenação-Executiva do Observatório Negro: Rebeca Oliveira Duarte e Ciani Sueli das Neves (SBT - 3 telejornais / PE); Polyana Francisco - Umesp (TV Cultura/SP); Sandra Regina Monteiro - Rede Mulher de Educação (Jornal do Tocantins, Rádio Cidade e TV Anhanguera / TO); Suelaine Carneiro - Geledes Instituto da Mulher Negra (Diário de S.Paulo/SP); Teresa Higashi - Acer (TV Record/PA); Vera Vieira - Rede Mulher de Educação (Folha de S.Paulo/SP); Walkíria L. J. Ferraz - Rede Mulher de Educação (TV - Jornal Nacional / SP); Zilmar Mendes da Rocha - Izabela Hendrix (O Estado de Minas/MG); Zilnai Medeiros - Cetefem (Rede Globo - Bahia Meio Dia / BA).



Indicação de jornais, noticiários de TV e rádio versus número de monitoramentos realizados:

JORNAIS IMPRESSOS: dos 19 jornais de diferentes regiões brasileiras que foram indicados, 15 foram efetivamente monitorados.

Zero Hora (RS)	00
Diário Catarinense (SC)	01
Gazeta do Povo (PR)	01
Folha de S. Paulo (SP)	05
O Estado de S. Paulo (SP)	01
Diário de S. Paulo (SP)	02
Jornal da Tarde (SP)	01
O Globo (RJ)	00
Jornal do Brasil (RJ)	00
O Estado de Minas (MG)	02
A Gazeta (ES)	01
Correio do Estado (MS)	01
O Popular (GO)	01
Correio Braziliense (Brasília-DF)	01
Jornal do Tocantins (TO)	01
A Gazeta (MT)	01
Diário da Amazônia (AM)	01
Jornal do Comércio (PE)	00
Estadão do Norte (RO)	01



TELEVISÃO: dos 9 noticiários televisivos de diferentes regiões brasileiras que foram indicados, 08 foram efetivamente monitorados.

Rede Globo – Jornal Nacional	02
Rede Globo – SP TV	01
Rede Globo – Bom dia Brasil (RJ)	01
Rede Globo – Bahia Meio Dia (BA)	01
Rede Globo – TV Anhanguera (TO)	01
Rede Minas – Jornal Minas (MG)	01
TV Cultura – Jornal da Cultura	01
SBT – Jornal do SBT	00
TV Record	01

RÁDIO: das 05 emissoras de diferentes regiões brasileiras que foram indicadas, 02 foram efetivamente monitoradas.

CBN	00
Globo	00
Bandeirantes	00
Radio 93 FM (RJ)	01
Rádio Cidade 96.1 FM – Dia a dia (TO)	01



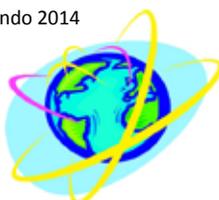
Principais manchetes do dia:

Caso da aluna da UNIBAN – A estudante universitária Geisy Arruda foi hostilizada e agredida por dezenas de colegas por usar um vestido curto, tendo sido expulsa da universidade que, posteriormente, cancelou a decisão. Alguns subtítulos relacionados ao tema: “Só quero entrar na sala e estudar”; “Diretor da UNIBAN recua e cancela expulsão de aluna” “Vai ter circo hoje de novo? Protesto de alunos vira atração”; Estudantes vão em apoio a Geisy”; “Para sociólogas, sociedade ainda é conservadora”; “UNIBAN desiste de expulsar a loira do vestido”; “Não quero estudar lá por medo”; “Revista e produtora pornô querem jovem nua”; “Vitória do minivestido”; “Ela volta, mas a polêmica continua”; “UNIBAN volta atrás e desiste de expulsar aluna”; “Castigos sem crimes: advogado de Brasília e estudante paulista são vítimas de arbitrariedade e intolerância”.

Sobre os 20 anos da queda do muro de Berlim – alguns subtítulos relacionados ao tema: “Líderes festejam em Berlim fim de divisões”; “Alemanha Oriental assistia à televisão da Ocidental”.

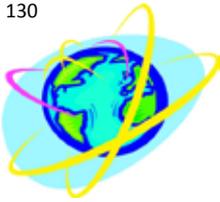
Meio ambiente – alguns subtítulos relacionados ao tema: “Governo cede e leva proposta voluntária de emissão à ONU”; “OEA condena Brasil por morte de sem terra”; “Serra aprova corte de CO2, mas só após 2011”; “Governadores oferecem ‘fogo zero’ e ‘bolsa floresta’”; “Dilma Russef apresenta plano do Brasil na Conferência de Copenhague”.

Assédio sexual - alguns subtítulos relacionados ao tema: “Cobrador persegue menina em mercado”; “TJ condena guarda, mas anuncia absolvição”; “Exploração sexual de crianças e adolescentes no interior da Bahia”



Incidência detectada em notícias analisadas nos três veículos, referente ao item D. Análise do Sistema de Codificação, por todas/os participantes: (apesar da não necessidade de sistematização dos dados quantitativos pela coordenação de cada país, considerou-se importante realizar pelo menos este item)

QUESTÃO	TV	JORNAL	RÁDIO
As mulheres são o centro da notícia?	Sim = 19 Não = 55 Não sei = 02	Sim = 64 Não = 158 Não sei = 02	Sim = 01 Não = 10 Não sei = 00
A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?	Sim = 06 Não = 58 Não sei = 12	Sim = 23 Não = 192 Não sei = 08	Sim = 01 Não = 10 Não sei = 00
A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?	Claramente desafia = 09 Claramente reforça = 21 Não desafia, nem reforça = 45 Não sei = 07	= 17 = 34 = 172 = 01	= 01 = 00 = 10 = 00
Análise adicional (recomendação)	Sim = 10 Não = 65 Não sei = 01	Sim = 39 Não = 174 Não sei = 09	Sim = 01 Não = 10 Não sei = 00



Observa-se que há uma grande incidência apontando para a realidade de que:



As mulheres não são o centro das notícias.



As notícias não destacam claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens.



As notícias não desafiam e nem reforçam os estereótipos femininos e/ou masculinos.



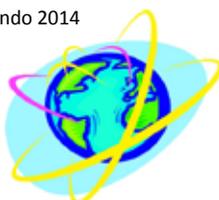
A maior parte das notícias não merece análise adicional.

Apesar da incidência apontar para a realidade acima descrita, observa-se que houve um percentual menor para tal, comparando-se com o monitoramento de 2005.

A título de comparação, a questão “As mulheres são o centro da notícia?”, em jornal impresso, obteve:

- em 2005: 10 (sim), 70 (não) e 6 (não sei)

- em 2009-2010: 64 (sim), 158 (não) e 2 (não sei)



Análise Qualitativa

As coordenadoras brasileiras, de posse do excelente trabalho realizado por monitores/as das cinco regiões do país, iniciaram o processo de sistematização, no qual se alicerça este relatório. Alguns aspectos circunstanciais do monitoramento brasileiro merecem destaque, para melhor compreensão das opções para as análises quantitativas e qualitativas:



Exatamente no dia 10 de novembro de 2009, data do monitoramento global, ocorreu um caso de calamidade pública no país: o chamado “apagão”, que atingiu 18 Estados e deixou cerca de 90 milhões de pessoas sem eletricidade. O fato prejudicou sobremaneira os/as monitores/as que optaram pelo noticiário de rádio e TV. Esta seria uma das hipóteses para justificar o fato de ter havido monitoramento quase massivo de jornais impressos – foram analisadas as notícias de 15 jornais impressos, 8 de televisão e 2 de rádio. Supõe-se, porém, que esta não seja a única hipótese: a outra estaria relacionada ao fato de haver maior facilidade e comodidade em se preservar a edição do jornal impresso, para posterior trabalho de monitoramento.



A principal notícia do dia – presente nos três meios de comunicação de massa e em todas as regiões do país – dizia respeito a mais um fato importante relacionado ao “Caso Geisy” (no dia, tratava da revogação da decisão da universidade de expulsá-la, por trajar um vestido curto). O destaque que a notícia mereceu exatamente no dia 10 de novembro foi uma oportunidade ímpar de se realizar o projeto de monitoramento no Brasil, considerando-se os nítidos elementos de violência de gênero e moralismo contidos no caso, bem como a repercussão alcançada junto à sociedade brasileira, tendo sido inclusive noticiado em veículos internacionais.

A seguir, uma breve cronologia do caso:

- 22/10/2009: Geisy Arruda, de 20 anos, estudante do 1º ano de Turismo, é agredida por cerca de 700 alunos e alunas da Uniban (Universidade Bandeirante), em São Bernardo do Campo, cidade da Grande São Paulo, por usar vestido curto. Fica acuada dentro de uma sala e sai escoltada por policiais militares, coberta por um jaleco branco. Os alunos e as alunas a xingavam de puta, gritavam que ela merecia ser estuprada e a filmavam pelo celular.
- 30/10/2009: as imagens gravadas por celular vão para o site YouTube, provocando



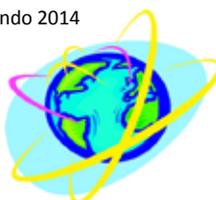
a repercussão do episódio nos meios de comunicação de massa. [Recomenda-se, à coordenação mundial do GMMP, atentar para o universo da Internet e as repercussões na grande mídia, graças à intervenção de cidadãos e cidadãs comuns. Sugere-se incluir o monitoramento de notícias também da Internet]

- 07/11/2009: a Uniban anuncia a expulsão da aluna, após sindicância. O ato de arbitrariedade e intolerância gera reações do Ministério Público, da Polícia Civil, OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do Ministério da Educação e Congresso Nacional. No Twitter, foram postados 13 mil comentários de repúdio à Uniban, foram criadas comunidades com o nome da estudante, além da circulação de abaixo-assinados online contra a universidade.

- 09/11/2009: a Uniban regova a decisão de expulsar a aluna.

A recomendação de análise adicional feita pelos/as monitores/as do Brasil apresenta uma grande maioria para as notícias de jornal impresso (39 impresso; 10 TV; 1 Rádio).

Visando a uma análise qualitativa mais aprofundada, optou-se por considerar um único fato – o “Caso Geisy”, nos três veículos de mídia – jornal impresso (8), televisão (1) e rádio (1) –, já que a notícia do dia está conectada ao desenrolar de um acontecimento de grande repercussão na mídia, inclusive no exterior. Esta escolha também leva em conta tanto os aspectos acima destacados, como a variedade e riqueza de enfoques dos jornais impressos das diversas regiões brasileiras, o que faz com que a notícia esteja inserida praticamente nos quatro itens da estrutura de análise sugerida pela WACC (1. Notícia abertamente estereotipada; 2. Notícia sutilmente estereotipada; 3. Oportunidades Desperdiçadas/ Ausência de uma perspectiva de gênero; 4. Consciência de gênero).



A estudante Geisy Arruda, 20, posa com vestido que usou em 22/10/2009, dia do violento tumulto da Uniban. Cerca de 700 alunos e alunas da universidade a xingaram de puta, disseram que ela merecia ser estuprada

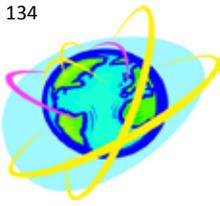
e filmaram tudo com celular. Preciso ficar acuada dentro de uma sala trancada.

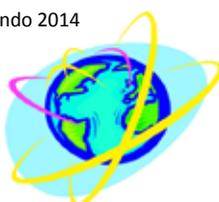
Saiu da universidade escoltada por policiais, coberta com um jaleco branco.

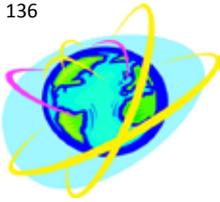
As imagens foram para o site YouTube, provocando grande repercussão na mídia e ampla discussão na sociedade sobre a violência de gênero sofrida por Geisy.

Após sindicância interna da universidade, Geisy foi expulsa em 07/11, por meio de um anúncio publicado em jornais paulistas, alegando que “foi constatada atitude provocativa da aluna”, além de “flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade”. A atitude da multidão de estudantes foi considerada uma “reação coletiva de defesa do ambiente escolar”.

A decisão da Uniban gerou protestos, inclusive, de ministérios e órgãos de defesa dos direitos da mulher. Em 10/11, exatamente no dia do monitoramento global da mídia, foi divulgada a notícia de que, na véspera, a universidade havia revogado a decisão de expulsar Geisy, mas, afirmando que o problema todo aconteceu por culpa da estudante e que não iria punir os envolvidos no ato de violência.







Análise Qualitativa de Noticiário de Televisão

País: Brasil

Nome do noticiário: Jornal Nacional – TV Globo - nacional, TV aberta, de segunda-feira a sábado, às 20h15, apresentado por William Bonner e Fátima Bernardes (jornalistas casados)

Notícia escolhida: ‘Caso Geisy’, que é a 2ª notícia do programa, tendo sido a primeira das nove manchetes anunciadas no início do noticiário.

Resumo da notícia: A Uniban explica mudança em relação a Geisy. O vice-reitor da Uniban disse que não voltou atrás ao revogar a expulsão de Geisy Arruda, apenas mudou de ação, de disciplinar para educativa, por causa da repercussão do caso na mídia.

Tempo da notícia: 2m5s

Manchete:

A UNIVERSIDADE BANDEIRANTE TENTA EXPLICAR AS DECISÕES QUE TOMOU NO CASO DA ESTUDANTE HOSTILIZADA POR CAUSA DO VESTIDO.

Fontes:

- Universidade Bandeirante (fonte citada pelo âncora): “A Universidade Bandeirante, de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, se manifestou hoje sobre a decisão de cancelar a expulsão da aluna Geisy Arruda, a do minivestido.”

- Universidade e Vice-reitor (fonte citada pela repórter Monalisa Perrone, ao vivo de São Bernardo do Campo): “A universidade chamou os jornalistas para se explicar. Para o vice-reitor, a Uniban não voltou atrás ao revogar a expulsão de Geisy Arruda. O que houve foi apenas uma mudança de ação, de disciplinar para educativa, por causa da repercussão do caso na mídia.”

- Elli Brown, vice-reitor da Uniban: “Nós não estamos olhando simplesmente uma ação educativa no contexto de um, dois, três ou quatro alunos, sejam eles quais forem. Nós estamos em uma discussão com relação a como a sociedade se comporta nesse tipo de ocorrência.”

Entra a repórter: “O vice-reitor também esclareceu que a universidade não



vai mais punir com suspensão os estudantes envolvidos no caso. Geisy foi hostilizada por colegas da faculdade no dia 22 de outubro, quando compareceu à aula usando um vestido rosa e curto. Geisy saiu do prédio escoltada por policiais (aparecem as imagens gravadas por celular e disponibilizadas YouTube). O vice-reitor também negou que a estudante foi vítima da fúria do colega por causa do comprimento do vestido dela. Ele disse que o problema todo foi por causa da conduta de Geisy. Mas, o que ela teria falado, o que ela teria dito de tão errado, de tão grave? Isso, ele se recusou a esclarecer [a repórter demonstra indignação]. A universidade já decidiu mudar a turma de Geisy de prédio e se a estudante voltar, garante que haverá segurança suficiente para evitar outras confusões.”

Entra novamente o vice-reitor: “A Geisy tem toda a possibilidade de retornar e continuar os seus estudos. A universidade tem toda a estrutura para garantir que ela faça isso com tranqüilidade; até medidas já foram tomadas.

Entra o âncora: “A garantia de segurança foi uma das condições impostas pelos advogados de Geisy, para que ela retorne os estudos na Uniban”.

Pode-se concluir facilmente que há apenas duas fontes: de um lado, o vice-reitor que vem comunicar, em uma coletiva de imprensa, a decisão da universidade de revogar a expulsão da aluna, sem eximi-la de culpa pela violência sofrida. De outro lado, a própria repórter que assume o papel de uma fonte dissonante, ao narrar com indignação as perguntas que ficaram sem respostas durante a coletiva de imprensa, relacionadas à afirmação de que o problema todo foi causado pela conduta de Geisy – “Mas, o que ela teria falado, o que ela teria dito de tão errado, de tão grave?”

Sem sombra de dúvida, a posição predominante é a da universidade. O fato novo de um caso que vinha repercutindo na mídia nacional e internacional, há semanas, mereceria uma reportagem maior, com diferentes perspectivas, principalmente porque foi a força da opinião pública que conseguiu reverter a decisão de expulsar Geisy. Um mero olhar crítico faz com que se deduza não ter sido gratuito o fato de o Jornal Nacional ter dedicado 2m5s a esta reportagem e 4m10s – exatamente o dobro do tempo – à reportagem anterior que focava a suspensão de um juiz de futebol por ter anulado um gol do Palmeiras, no jogo contra o Fluminense, em uma das rodadas decisivas, realizada no dia anterior... O destaque dado ao ‘Caso Geisy’ pelo jornal televisivo nas manchetes (foi a primeira de nove) é incoerente com a reportagem produzida.



c) Linguagem:

Ao se referir à Geisy Arruda, como “a do minivestido”, o início do texto lido pelo âncora faz uso de uma recurso de identificação carregado de estereótipos de gênero, pois visou acionar a memória do público sobre a estudante que ganhou grande repercussão na mídia, de uma forma extremamente pejorativa. Uma alternativa seria “a estudante que sofreu violência por trajar um vestido curto”. Outra alternativa mais justa ainda seria “a estudante vítima de uma barbárie por trajar um vestido curto”.

A utilização da expressão pejorativa contribui para reforçar uma das perspectivas de dedução do público em geral de que a violência de gênero sofrida pela estudante se subordina ao fato de ela estar com um vestido curto, quer dizer, ela provocou e teve o que mereceu. Isto dito pelo jornal televisivo de maior audiência do país. Para se ter a dimensão da barbárie cometida por alunos e alunas da Uniban, as investigações da Delegacia de Defesa da Mulher de São Bernardo do Campo se alicerçam na ocorrência de sete crimes: difamação, injúria, ameaça, constrangimento ilegal, cárcere privado, incitação ao crime e ato obsceno. Resumindo: o retrato do machismo exacerbado que ainda está entranhado em nossa sociedade.

Em oposição a isso, a repórter Monalisa Perrone, utiliza, acertadamente, a expressão “vestido rosa e curto”. Este é um detalhe da maior importância que também faz com que a repórter seja analisada, mais abaixo, como uma fonte dissonante e com “consciência de gênero”.

d) Imagens:

A matéria traz poucas imagens:

- Âncora William Bonner, no estúdio.
- Sala da entrevista coletiva, na Uniban, com um banner da universidade ao fundo, variando o ângulo geral da mesa, com três representantes da universidade, e close do vice-reitor.
- Imagens do YouTube, mostrando a perseguição à estudante, por cerca de 700 alunos e alunas da universidade.
- Imagem da repórter Monalisa Perrone, ao vivo, no pátio da universidade.
- Imagens dos prédios da Uniban.



As imagens apresentadas ilustram a reportagem exibida, na medida em que se limitou à coletiva de imprensa. Outras imagens relevantes para o texto condicionam-se à ampliação da cobertura, indo além das declarações oficiais da universidade e da voz dissonante da repórter. Fica também uma pergunta: por quê a notícia foi introduzida e finalizada pelo âncora William Bonner e não por sua mulher Fátima Bernardes? Teria ela se recusado a enfatizar “o vestido”, ao invés da violência sofrida por Geisy? Ou, quem sabe, não conseguiu demonstrar ‘imparcialidade’ na leitura do texto?

Análise:

Notícia abertamente estereotipada.

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

Esta notícia do Jornal Nacional sobre o ‘Caso Geisy’ é um exemplo nítido de reportagem que consegue entrelaçar as quatro classificações acima citadas.

A notícia é abertamente estereotipada quando o âncora identifica Geisy como “a do minivestido”, e não como a aluna que sofreu agressões bárbaras por trajar um vestido curto.

A notícia é sutilmente estereotipada ao ganhar destaque no início do telejornal como a primeira manchete e ser apresentada como segunda notícia, ocupando exatamente a metade do tempo da primeira notícia que versava sobre a suspensão de um juiz que havia anulado um gol do Palmeiras, no jogo contra o Fluminense (4m10s).

A notícia também pode ser classificada como uma oportunidade desperdiçada, com ausência de perspectiva de gênero, na medida em que – dada a repercussão do caso – deixou de ouvir representantes dos movimentos feminista e de mulheres, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do Ministério da Educação, da Ordem dos Advogados do Brasil, da Delegacia de Defesa da Mulher, alunos e alunas da Uniban, enfim, pessoas que simbolizam milhões de outras que se uniram para protestar contra a violência sofrida por Geisy e sua expulsão da universidade.

Por último, a notícia não deixa de retratar consciência de gênero na medida



em que a repórter Monalisa Perrone, cuja imagem permanece no ar por 20s, transmite indignação por meio da expressão corporal e das palavras, em função da declaração do vice-reitor de que “o problema todo foi causado por causa da conduta de Geisy”. Outro fator importante que justifica esta classificação é a utilização do termo “vestido rosa e curto”, em contraposição ao âncora que a identificou como “a do minivestido”.

Análise Qualitativa de Noticiário de Rádio

País: Brasil

Nome do noticiário: Rádio 93 FM, cidade do Rio de Janeiro, às 8h. Trata-se de uma rádio evangélica, com programação de rádio gospel, pertencente ao Grupo MK de Comunicação.

Notícia escolhida: ‘Caso Geisy’, que é a 8ª e última notícia do programa.

Resumo da notícia: A Delegacia de Defesa da Mulher, de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, continuará a investigar os crimes cometidos contra Geisy Arruda, independentemente da decisão da Uniban de revogar a expulsão da aluna.

Tempo da notícia: 1m18s

Manchete: não há

Fontes:

- Delegada Ângela de Andrade (fonte citada pela âncora): “Olha gente, a delegada Ângela de Andrade, titular da Delegacia de Defesa da Mulher, de São Bernardo, afirmou que o cancelamento da expulsão da aluna Geisy Arruda, da Uniban, não muda a investigação da polícia. Ângela disse que pretende ouvir a estudante ainda esta semana. No dia 22 de outubro, Geisy foi hostilizada por colegas porque usava um vestido curto. As imagens das agressões foram gravadas por estudantes com telefones celulares e foram parar na Internet. A aluna só deixou a universidade escoltada por policiais. Segundo a delegada, vão ser apurados os crimes de injúria, difamação, constrangimento ilegal e cárcere privado.



Dada a característica do noticiário, com as principais notícias do dia elaboradas de forma sucinta, conclui-se que foi acertado o foco da fonte na delegada da Delegacia de Defesa da Mulher, o que direciona a novidade do caso naquele dia – a revogação da expulsão de Geisy – para a real problemática, ou seja, a violência de gênero sofrida pela aluna.

Linguagem:

A linguagem não apresenta estereótipos sexistas, percebendo-se, inclusive, um cuidado em não utilizar expressões pejorativas. Por exemplo: cita-se “vestido curto”, ao invés de minivestido ou microvestido – termos esses comuns em muitos dos noticiários sobre o caso.

Ressalte-se, também, que, ao utilizar o termo “agressões”, a notícia não ameniza o caso, aproximando-se um pouco mais da barbaridade cometida contra a estudante.

Análise:

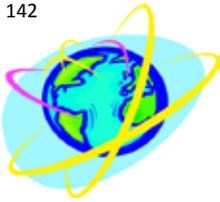
Notícia que retrata consciência de gênero.

A opção de destacar na notícia as declarações da delegada da Delegacia de Defesa da Mulher de São Bernardo do Campo caracteriza a existência de consciência de gênero na elaboração do texto. Essa decisão caminhou em sentido contrário daquela adotada pela maioria dos veículos de mídia, que colocaram em primeiro plano o vice-reitor da Uniban durante a coletiva de imprensa em que anunciou a revogação da expulsão da aluna Geisy Arruda.

Sem dúvida, trata-se de uma notícia curta que, entretanto, é capaz de suscitar o debate sobre questões de gênero em sua audiência, a partir da perspectiva de direitos humanos.

Análise Qualitativa de Jornal impresso:

Segue, abaixo, a análise qualitativa das notícias relacionadas ao ‘Caso Geisy’, de todos os jornais impressos monitorados, cujos participantes enviaram exemplar da edição ou cópia da/s matéria/s pertinentes.



País: Brasil

Jornal do Tocantins – Palmas, circulação diária no estado do Tocantins, região norte.

Manchetes: (primeira página)

Não foi enviada a primeira página do jornal.

b) Título e subtítulo

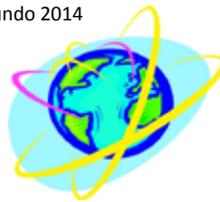
Editoria Geral – página 3

UNIBAN VOLTA ATRÁS E DESISTE DE EXPULSAR ALUNA

NO DIA 22 DE OUTUBRO, ESTUDANTE FOI PARA A AULA TRAJANDO UM MINIVESTIDO;
FOI XINGADA DE PROSTITUTA E AMEAÇADA.

Fontes:

- Heitor Pinto Filho, reitor e dono da Uniban: decidiu regovar a decisão de expulsão da aluna.
- Uniban (Universidade Bandeirante): No sábado, dia 7/11, a expulsão foi justificada por “flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade”.
- Ministério da Educação: que pediu explicações à Uniban, no dia anterior.
- Ministério Público Federal e Delegacia da Mulher de São Bernardo do Campo: “anunciaram a abertura de apurações sobre a medida”.
- Senadores, deputados e Ordem dos Advogados do Brasil: que criticaram a expulsão.
- Rede social Twitter: 13 mil comentários sobre a atitude da universidade, sendo a maioria de repúdio.
- Funcionários da Uniban: que descreveram o reitor “como um administrador centralizador que com frequência ignora as sugestões dos seus conselheiros”.
- Reitor: “avaliando que teria ocorrido um grande prejuízo à imagem da universidade.”
- Mariana Alencar, presidente do conselho de comunicação da Uniban e filha do reitor: dizendo que “as explicações só serão apresentadas hoje, durante entrevista coletiva do vice-reitor Ellis Brown”.



- 'Pessoas' que participaram das reuniões internas na Uniban: o reitor "rechaçou com irritação à sugestão das áreas de comunicação e publicidade da universidade para manter a aluna e realizar seminários sobre cidadania.

- 'Pessoas' que auxiliam o reitor: dizem que ele "é um administrador 'intempestivo', cujas decisões variam segundo o humor (...). Reservado não dá aulas na universidade e não costuma utilizar o computador nem para o envio de emails.

Verifica-se uma variedade de fontes, num esforço de mostrar os diferentes ângulos da questão. É plenamente justificável o fato do texto trazer importantes fontes não identificadas, que trazem informações inéditas sobre o perfil conservador do reitor, para ajudar a entender as razões que determinaram a resolução de expulsar a aluna, já que trabalham na universidade e correriam o risco de demissão.

Linguagem

O texto não apresenta linguagem estereotipada.

Apesar de citar o termo "minivestido", ao invés de vestido curto, ele não está no título principal, o qual a identifica apenas como "aluna".

A inclusão da identificação de Mariana Alencar (que é presidente do Conselho de Comunicação da Uniban) como filha do reitor não caracteriza discriminação de gênero, uma vez que se trata de uma informação importante para que o/a leitor/a estabeleça um olhar crítico às suas declarações. Neste caso, o vínculo pessoal é relevante para a notícia, não caracterizando, portanto, um estereótipo sutil.

Espaço ocupado + Imagens e Legendas:

Não há imagens e legendas.

Espaço: 20cm x 20cm

Análise:

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero (mais aprofundada).

Notícia que retrata consciência de gênero



Pode-se concluir que esta notícia consegue retratar consciência de gênero, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma oportunidade desperdiçada, por não prever em sua pauta uma perspectiva de gênero mais aprofundada.

Por um lado, os focos predominantes da matéria retratam consciência de gênero: a barbárie que aconteceu com a estudante no dia dos fatos violentos, a decisão arbitrária e discriminatória de expulsá-la, e o perfil conservador do reitor (relatando seu comportamento no dia-a-dia da universidade e o passado de militante da Arena na época da ditadura militar, além de ter sido candidato a vice-governador de São Paulo na chapa de Paulo Maluf).

Por outro lado, a notícia também pode ser classificada como uma oportunidade desperdiçada, pois há citação de fontes e declarações importantíssimas no sentido de serem exploradas, para se obter uma perspectiva de gênero mais aprofundada – como foi o caso da Delegacia da Mulher de São Bernardo que anunciou a abertura de apuração e a informação de que o reitor teria recusado a sugestão interna de manter a aluna e realizar seminários de cidadania. Muitas organizações feministas e de mulheres teriam dado uma excelente contribuição ao debate do caso em sociedade, caso tivessem sido entrevistadas sobre o conteúdo de tais seminários de cidadania, já que atuam nessa área há pelo menos quatro décadas, quando o tema das relações de gênero passou a ser pautado na agenda política e social.

Correio do Estado – Campo Grande, circulação diária no estado do Mato Grosso do Sul, região centro-oeste.

Manchetes: (primeira página)

Não foi enviada a primeira página do jornal.

Título e subtítulo:

[Matéria da Agência Estado]

página 16

ESCÂNDALO

UNIBAN REVOGA EXPULSÃO DE ALUNA QUE USOU VESTIDO CURTO



Fontes:

- Heitor Pinto, reitor da Universidade Bandeirante: “determinou a revogação da expulsão da estudante de Turismo, Geisy Arruda, 20.

- Anúncio publicado em jornais paulistas: no domingo, dia 8, comunicando o desligamento da aluna, “e definido como ato do Conselho Universitário”. (...) “Na nota, além de anunciar a expulsão, a instituição responsabilizava exclusivamente a aluna pelo episódio ocorrido no último dia 22, quando estudantes formaram uma multidão que a ameaçou de linchamento por causa da roupa que ela usava. ‘Foi constatada atitude provocativa da aluna, que buscou chamar a atenção para si por conta de gestos de modos de se expressar’, diz a nota da Uniban. A instituição considerou ainda que a atitude dos outros alunos foi uma ‘reação coletiva de defesa do ambiente escolar’.

- Décio Lencioni Machado, assessor jurídico da reitoria da instituição: “informou que a decisão de invalidar a expulsão foi tomada pelo ‘reitor, como pessoa física’.

A matéria apresenta poucas fontes e sem equilíbrio de gênero, pois todas são masculinas, considerando-se que o teor da nota publicada partiu do reitor da universidade. Mesmo tratando-se de uma matéria pequena, deveria haver preocupação com o equilíbrio de gênero, principalmente por se tratar de um caso envolvendo uma mulher que foi vítima de atitudes violentas e machistas.

Linguagem:

O texto não apresenta linguagem sexista.

Ressalte-se que utiliza “vestido curto” ou “a roupa que ela usava”, não apresentando reforço estereotipado de linguagem, como microvestido.

A identificação da matéria como ESCÂNDALO não tem sintonia alguma com o título UNIBAN REVOGA EXPULSÃO DE ALUNA QUE USOU VESTIDO CURTO. A utilização do termo dá margens à interpretação de que o jornal considera um aspecto do ‘Caso Geisy’, isto é, o fato de trajar vestido curto na universidade, como escândalo. Trata-se, portanto, de termo que carrega estereótipo sutil de gênero.



Espaço ocupado + Imagens e Legendas:

Não há imagens e legendas.

Espaço: 9cm (largura) x 12cm (comprimento)

Análise:

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

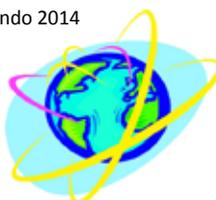
Notícia que retrata consciência de gênero.

Trata-se de um texto muito pequeno, publicado na página 16, retratando a nítida opção do jornal de não dar a dimensão requerida por um fato que ganhou repercussão nacional e internacional, provocando a indignação e o interesse da sociedade em geral.

A notícia pode ser considerada sutilmente estereotipada pela utilização do termo ESCÂNDALO para identificar o texto. Como já dito anteriormente, o jornal deve estar se referindo ao vestido curto de Geisy, o que é incoerente com o título da matéria e seu conteúdo. Aqui vão alguns exemplos de expressões que retratariam adequadamente a tragédia ocorrida com a estudante: INTOLERÂNCIA DE GÊNERO, VIOLÊNCIA, CALAMIDADE...

A notícia é uma oportunidade desperdiçada, com ausência de perspectiva de gênero, já que um fato de alta relevância se transformou numa nota. Uma matéria mais aprofundada poderia dar voz a diferentes entidades públicas e de direitos humanos, proporcionando elementos para uma análise mais aprofundada de leitores/as.

Paradoxalmente, a notícia retrata consciência de gênero ao optar pela utilização das expressões “vestido curto” e “roupa que ela usava” – ao invés do reforço estereotipado do termo ‘microvestido’ – e por dedicar quase que a integridade do espaço ao conteúdo do anúncio publicado em jornais paulistas comunicando a expulsão da aluna, justificada por sua atitude provocativa, que deu vazão à reação dos agressores que só queriam ‘defender o ambiente escolar’. O conteúdo do anúncio é tão absurdo que, sem dúvida, leva os/as leitores/as ao repúdio da decisão.



A Gazeta – Cuiabá, circulação diária no estado de Mato Grosso, região centro-oeste.

Manchetes: (primeira página)

Outros Destaques:

Nacional

Uniban desiste de expulsar aluna

(do lado esquerdo, ao final da página, sem destaque).

Título e subtítulo:

Editoria Nacional – página 8

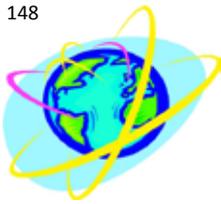
POLÊMICA

UNIBAN DESISTE DE EXPULSAR A ALUNA

Depois de muitos protestos e interferência política direção da universidade volta atrás na decisão sobre a estudante Geisy Arruda.

Fontes:

- Geisy: em entrevista coletiva, no escritório de seus advogados, no centro de São Paulo [para falar sobre a expulsão; a decisão de anular a decisão só foi tomada à noite], ela “se emocionou ao falar sobre a humilhação que sofreu. Segundo ela, a nota da Uniban que anunciava a expulsão relata fatos opostos ao que ela depôs na sindicância . ‘É uma grande mentira que eu levantei a saia’, conta. ‘Disse mais de 30 vezes que não levantei coisa alguma, mas preferiram acreditar neles’. Geisy nega que tenha ‘desfilado’ na rampa da faculdade e diz que nunca foi orientada pela faculdade a mudar seu jeito de vestir. ‘Se um segurança ou professor tivesse me dito algo, eu humildemente voltaria para casa e trocava de roupa’. Ela afirma que quer voltar à Uniban para concluir pelo menos o semestre, para não perder o investimento que seu pai fez ao pagar as mensalidades. ‘Só quero entrar na sala, sentar, estudar e fazer as provas’, afirma. ‘Pretendo nem descer na hora do intervalo, fico só dentro da sala se for esse o problema’, disse, com olhos marejados. Mas Geisy quer trocar de faculdade porque teme nova humilhação. ‘Tenho medo’. (...) Apesar do episódio ter afetado a



rotina de sua família – sua mãe está tomando calmantes –, a estudante do primeiro ano de Turismo disse que não vai mudar o jeito de se vestir. ‘Não sou a única menina que vai à faculdade de vestido.’”

- Advogados: (...) afirmaram que entrariam com uma medida cautelar para que a estudante termine o semestre do curso de Turismo.
- Delegacia da Mulher de São Bernardo do Campo: que abriu inquérito
- Advogado Nehemias Melo: que “se disse perplexo com o resultado da sindicância, que considerou ‘draconiana e exacerbada’, rememorando os ‘tempos obscuros da ditadura.’”

Linguagem:

Por um lado, a notícia apresenta linguagem não discriminatória, considerando-se:

- a identificação da notícia como POLÊMICA
- o título, subtítulo e frase de Geisy em destaque são pertinentes à notícia, sem carregar estereótipo.

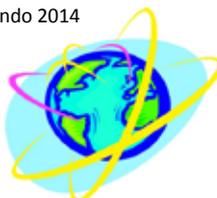
Por outro lado, a notícia apresenta linguagem discriminatória, caracterizando estereótipo sexista, na medida em que dedica as duas primeiras linhas (o início do lide da matéria) à descrição da aparência: “Com maquiagem e cabelos impecáveis, vestida com blusa vermelha floral e calça jeans justa (...)”.

Espaço ocupado + Imagens e Legendas:

- Notícia total: 32cm (largura) x 19cm (altura); parte superior, da página 6.
- Foto e Legenda: 13cm x 13cm – A universitária Geisy Arruda, expulsa da Universidade Bandeirante em São Bernardo do Campo.
- Frase em destaque no centro da notícia: 4cm (largura) x 5cm (altura) – *Não sou a única menina que vai à faculdade de vestido.*

O jornal não dedicou destaque à notícia na primeira página – que apresentou uma simples menção do lado esquerdo, em letras minúsculas, ao final, junto com “Outros Destaques”.

Entretanto, na página 6, onde foi publicada a notícia, ela ocupa cerca de



35% do total, na parte superior, com uma grande foto de Geisy (13cm x 13cm), com expressão de indignação, gesticulando e transmitindo altivez e empoderamento. Apesar de não ser o tamanho ideal de cobertura, dada a relevância da notícia, pode-se considerá-la de destaque, se comparada à simples menção da capa.

Análise:

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

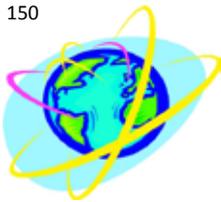
Aqui também, considera-se que há um entrelaçamento entre as três classificações de notícia acima citadas.

A notícia pode ser classificada como sutilmente estereotipada, por destacar nas duas primeiras linhas (início do lide da matéria), a descrição das características de aparência, com ênfase nas peças de seu vestuário, citando, inclusive, que a calça jeans era 'justa'. Qual seria a relevância destas informações para um artigo intitulado 'Uniban desiste de expulsar aluna'? Estaria a articulista dizendo, sutilmente, que Geisy não estava usando mais vestido curto, sendo, portanto, merecedora da revogação de expulsão pela universidade?

A notícia se apresenta como uma oportunidade desperdiçada, com ausência de uma perspectiva de gênero mais aprofundada, na medida em que apenas cita, por exemplo, decisão de abertura de inquérito por parte da Delegacia da Mulher de São Bernardo do Campo. A delegada poderia ter sido ouvida, para fornecer mais detalhes, o que contribuiria para um entendimento mais aprofundado sobre a violência de gênero sofrida por Geisy. Outra pessoa a ser ouvida, seria a ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, que já havia se pronunciado em defesa da aluna.

Trata-se, também, de uma notícia que retrata consciência de gênero, ao se analisar pelo ângulo de:

- priorização das declarações fornecidas por Geisy em entrevista coletiva (ao invés daquelas fornecidas por representantes da universidade)
- não utilização de expressões como microvestido ou minivestido, muito comuns na



mídia em geral.

- foto de Geisy ocupando quase metade do espaço, de forma ativa, expressiva e empoderada (sem ar de submissão).

Folha de S.Paulo – São Paulo, região sudeste, circulação nacional.

Manchete:

Não foi enviada cópia da primeira página.

Título e subtítulo

página 1, do caderno Cotidiano.

- UNIBAN RECUA E CANCELA EXPULSÃO DE ALUNA

. Pressionada por entidades que criticaram a punição da estudante do microvestido, universidade cancela também suspensão de agressores.

. Assessor jurídico não comentou os motivos que levaram ao recuo; antes da decisão, Geisy ameaçou processar a universidade.

- 4ª MAIOR DO PAÍS, UNIVERSIDADE INVESTE NA CLASSE C

- ESTUDANTE VAIAM ATO EM APOIO A GEISY

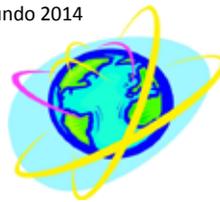
. Manifestação pedindo a volta da aluna à universidade foi criticada por alunos da Uniban, que estavam em maioria.

- Protesto teve início antes da divulgação do recuo da universidade; manifestantes aprovaram a decisão, mas alunos ficaram divididos.

Fontes:

UNIBAN RECUA E CANCELA EXPULSÃO DE ALUNA

- Reitor Heitor Pinto Filho (em comunicado): “a Uniban revogou ontem a decisão de expulsar a aluna Geisy Villa Nova Arruda, 20, tomada pelo Conselho Universitário da instituição na última sexta. Com isso, a aluna de turismo poderá voltar a frequentar a faculdade. A Uniban não informou se pretende adotar medidas especiais de segurança



para garantir que Geisy não volte a ser hostilizada pelos colegas que, no último dia 22, a perseguiram, encurralaram, xingaram e ameaçaram – inclusive de estupro –, alegadamente por causa do microvestido rosa que ela trajava.”

- Décio Machado, assessor jurídico da Uniban: “afirmou que o reitor também havia participado da reunião do colegiado que decidiu expulsar a aluna. O assessor não quis comentar os motivos que levaram ao recuo da universidade. Também ficou sem efeito a decisão de suspender seis dos alunos apontados como agressores da universitária.”

- Geisy (em entrevista coletiva à tarde): “Eu não quis provocar. Eu sou assim, sempre me vesti dessa maneira. Eles quiseram me humilhar ainda mais.”

- Advogados de Geisy (na mesma coletiva): “ameaçaram a universidade com processo por danos morais e materiais, além de recitarem os sete crimes que teriam sido cometidos contra a jovem: ‘Foi difamação, injúria, ameaça, constrangimento ilegal, cárcere privado, incitação ao crime e ato obsceno’, disse o chefe da equipe, Nehemias Melo.”

- Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), do governo federal: “enviou ofício à Uniban e ao Ministério Público condenando a expulsão e pedindo justificativas formais da universidade.

- Procuradoria de São Paulo: “já abriu inquérito sobre o caso”.

- Ministra Nilcéa Freire, da SPM: chamou de ‘arbitrariedade’ o ato da Uniban, porque transformou Geisy em culpada pela agressão de que foi vítima.

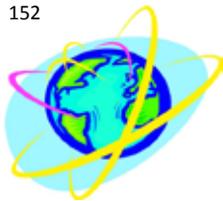
- Ministério da Educação: “notificou a Uniban para que explicasse a decisão de expulsar a aluna”.

- Vicente Paulo da Silva, deputado federal (PT): “até aliados históricos da Uniban, como Vicentinho, garoto-propaganda da instituição em que se graduou em direito (2003), criticaram a atitude da universidade. ‘Foi um grave erro. Como é que a vítima é quem paga’.”

- Senador Eduardo Suplicy (PT-SP): “se ofereceu para intermediar uma conversa entre a instituição, Geisy e os estudantes que a agrediram. ‘Para que todos venham a aprender com o que aconteceu’, disse o senador”.

4ª MAIOR DO PAÍS, UNIVERSIDADE INVESTE NA CLASSE C

- Carlos Monteiro (consultor): “A Uniban foi uma das primeiras a postar na ‘classe C menos’. Em relação às matrículas, deu muito certo.” De 2004 a 2007 (último dado disponível), o número de matrículas teve aumento de 140%, assumindo a quarta co-



locação entre as maiores do país, atrás de Unip, Estácio de Sá e Nove de Julho. Tem hoje cerca de 70 mil alunos.

ESTUDANTES VAIAM ATO EM APOIO A GEISY

- 200 pessoas, a maioria mulheres: “anunciavam que entregariam ‘um manifesto para pedir que a Uniban voltasse atrás.’”

- 800 alunos da Uniban: “do mesmo turno em que Geisy estudava e foi agredida, vaiavam.”

- Cecília Costa, 20, aluna de fisioterapia: “Virou uma coisa contra a faculdade e os alunos”.

- Simone Scherer, 23, do curso de educação física: “acha que a expulsão foi exagerada, mas criticou o fato da faculdade ter recuado. ‘Se tomou uma atitude, tinha que ir até o fim’, diz ela, que era uma das que participava do ‘antiprotesto’. Ela, que usa um uniforme com o nome da faculdade para ir às aulas, reclamou que, no ônibus, agora, ouve piadinhas. ‘Uma hora perguntam se eu estudo na faculdade da pelada, outra hora chama de Talibã.’”

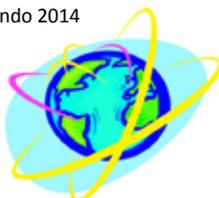
- José Santiago, 28, estudante de gestão financeira: “acha que a Uniban não deveria ter voltado atrás porque considera a punição adequada”.

- Sabrina Sato: “a apresentadora foi ao ato com um vestido parecido com o de Geisy.

PARA SOCIÓLOGAS, SOCIEDADE AINDA É CONSERVADORA

- Miriam Abramovay, socióloga: “A sociedade só parece ser mais democrática. Na verdade, ela continua sendo um lugar muito conservador e muito machista, mesmo com os avanços dos direitos femininos em 40 anos”. Para Abramovay, neste contexto, a visão machista tradicional surge de forma muito forte. “Existe um pensamento entre os homens de que o mundo está dividido entre santas e putas. De que o espaço [de convívio social] tem que ser quase sacrossanto”.

- Heleieth Saffioti, socióloga: “Uma das pioneiras no estudo da questão feminina no país, Heleieth Saffioti, professora aposentada da Unesp de Araraquara, concorda com as observações da colega. ‘O fato surgiu de um nicho de conservadorismo, que não é normal no Brasil. Não acredito que a sociedade toda seja assim, mas nem no inverso’, afirmou a professora. A violência vista nos corredores da Uniban tem uma origem na vida doméstica, diz ela. ‘A cada 15 segundos uma mulher é espancada no país. É muito para o meu gosto. A sociedade civilizada, em vez da patriarcal como temos, tem que



resolver isso na conversa’, diz Saffioti. Para a professora, o fato suscita outro debate: o conceito de modernidade social. ‘Acentuar o papel da mulher como objeto é um avanço ou queremos outra coisa?’, indaga.”

Na matéria principal, “Uniban recua e cancela expulsão de aluna”, avalia-se que houve um equilíbrio de fontes, tanto em termos de gênero, como em termos de se considerar ambos os lados do caso.

O texto intitulado “4ª maior do país, universidade investe na classe C” apresenta uma única fonte masculina, tendo perdido a oportunidade de ampliar o foco, entrevistando feministas ou órgãos de defesa da mulher no sentido de analisar: 1) se haveria diferença entre os níveis de violência de gênero e violência escolar em universidades de diferentes classes sociais? 2) se o perfil conservador do reitor (que foi candidato a vice-governador de Paulo Maluf na época da ditadura militar) explicaria as decisões arbitrárias da universidade tomadas no ‘Caso Geisy’.

Em “Estudantes vão em apoio a Geisy”, apesar de apresentar quatro fontes femininas e uma masculina, somente uma delas é totalmente favorável à estudante, a apresentadora Sabrina, que mostrou repúdio à universidade, comparecendo ao ato com um vestido similar. O texto poderia se apresentar mais equilibrado, ao apresentar declarações qualificadas de representantes dos movimentos de mulheres e direitos humanos, presentes ao ato.

O último texto, “Para sociólogas, sociedade ainda é conservadora”, apresenta duas fontes altamente qualificadas, pois além de sociólogas, são feministas de grande renome no país, com obras publicadas sobre questões relacionadas às relações sociais de gênero que são consideradas grandes referências. Entretanto, o texto, ao invés de se restringir a acadêmicas, poderia ter ouvido outras vozes de mulheres, além da de homens, o que passaria uma visão mais ampliada desse entendimento na sociedade.

Linguagem:

Para este item, as coordenadoras brasileiras endossam a análise da monitora Marta Orsini (da Espanha), que atentou para a utilização de dois termos que, sem dúvida, reforçam estereótipos de gênero e servem para induzir a opinião pública:

“A escolha do termo ‘microvestido’: uma coisa é um vestido curto, outra coisa é um



microvestido. De acordo com o Dicionário Houaiss, além de ser usado para objetos pequenos, o termo ‘micro’ é utilizado como fração milionésima! Ou seja, ele serve para enfatizar as pequenas proporções de algo. No caso da roupa de Geisy, creio que a escolha do termo ‘microvestido’ denota a descrição de um vestido exageradamente curto, ou seja, aqui há um juízo de valor bem claro.”

“A voz contrária se torna anônima, pois a repórter utiliza o termo ‘alguém’ que falou no microfone que o que ocorreu com Geisy poderia acontecer com qualquer aluna. É difícil de acreditar que uma repórter que, supostamente, está no local para apurar os fatos não possa descobrir quem foi esse ‘alguém’ que falou aquilo”. [o termo ‘alguém’ é utilizado para neutralizar as mulheres que se mostram a favor de Geisy].

“Ao chamar os estudos de gênero ou feministas de ‘estudos da questão feminina’, o repórter passa bem longe de qualquer tentativa de aproximação do tema. Feminismo continua a ser visto como palavrão no Brasil.”

As coordenadoras brasileiras também avaliam que a escolha da palavra “sociólogas” no título, ao invés de “feministas”, para identificar as duas especialistas – já que ambas são duas conceituadas feministas brasileiras –, é uma forma de perpetuar o estigma do termo ‘feministas’. Como bem disse Mikhail Bakhtin, (...) a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. (...) As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo”.

Espaço Ocupado + Imagens e Legendas

Considera-se que o conjunto de textos mereceu relevância por parte do jornal, na primeira página do caderno Cotidiano.

As frases em destaque demonstram equilíbrio, na medida em que duas são pró e duas são contra Geisy.

A legenda da foto é pertinente, com identificação forma objetiva e não estereotipada.

A foto, entretanto, é extremamente estereotipada, pois mostra Geisy em



posição de submissão e com ar de vítima indefesa, além de realçar seu corpo para mostrar roupas ‘comportadas’. Como bem observou a monitora Marta Orsini, “chama a atenção a escolha desta foto, na qual se vê uma Geisy cabisbaixa, séria, trajando calça e blusa sem decote e com um ar de ‘moça séria’, portanto, merecedora da decisão da universidade de cancelar sua expulsão. Geisy parece estar sendo olhada por um sujeito que está atrás dela, além de parecer bastante acuada – cerca por homens engravatados e muitos microfones”.

Análise:

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

O entrelaçamento das três classificações, ocorre também nesta cobertura.

As notícias são sutilmente estereotipadas, considerando-se:

- A escolha da foto, cuja análise encontra-se acima, no item e).
- A escolha de termos e expressões, como, ‘microvestido’, ‘alguém’, ‘estudos da questão feminina’ e ‘sociólogos’, conforme análise realizada acima, no item d).
- O não questionamento sobre a decisão de invalidar a suspensão de seis alunos apontados como agressores da universitária.

As notícias classificam-se como uma oportunidade desperdiçada, com ausência de uma perspectiva de gênero mais aprofundada, considerando-se:

- A ausência de fontes ligadas aos movimentos de mulheres organizadas.
- O texto intitulado “4ª maior do país, universidade investe na classe C” apresenta uma única fonte masculina, tendo perdido a oportunidade de ampliar o foco, entrevistando feministas ou órgãos de defesa da mulher no sentido de analisar: 1) se haveria diferença entre os níveis de violência de gênero e violência escolar em universidades de diferentes classes sociais? 2) se o perfil conservador do reitor (que foi candidato a vice-governador de Paulo Maluf na época da ditadura militar) explicaria as decisões arbitrárias da universidade tomadas no ‘Caso Geisy’.



Ao mesmo tempo, há determinados ângulos que fazem com que a cobertura também seja classificada como notícias que retratam consciência de gênero:

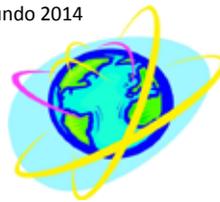
- espaço reservado à coletiva de imprensa de Geisy.
- inclusão da declaração da ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em defesa de Geisy.
- inclusão da declaração do deputado Vicentinho, que já foi garoto-propaganda da universidade, indignando-se com a decisão do reitor e defendendo Geisy.
- inclusão da análise de duas grandes feministas brasileiras (mesmo chamando-as de sociólogas).

Considera-se importante registrar que, na edição do dia, também foi publicado um artigo assinado por Marta Suplicy, renomada feminista e política brasileira, na página A3, da coluna “Tendências e Debates”, sob o título “Universidade Taleban”, com a seguinte frase em destaque: *Uma simples pergunta evidencia o machismo: a reação seria a mesma se se tratasse de um rapaz usando roupa “inadequada”?*. A seguir, algumas frases do texto: “Um vestido curto, um salto alto e um andar rebolado quase provocam o linchamento de uma estudante. Dias depois, a vítima é transformada em ré e quase acaba expulsa da universidade. (...) Ficou evidenciado, e isso é o que indignou tantas pessoas, o quanto esse tipo de preconceito ainda está entranhado na sociedade. A agressão à jovem, a atitude da universidade Taleban, foi tudo muito assustador.

Sobrou um pseudoconsolo: aqueles que dizem que mulheres, nos dias de hoje, não têm mais do que reclamar ficarão caladinhos alguns dias. Poucos dias, pois o tamanho da montanha a ser escalada, como pudemos todos verificar, é enorme. (...) A reação da universidade diante da avalanche de repreensões e possíveis sanções deixa claro que a indignação e a reação públicas ainda conseguem mudar rumos.”

Diário de São Paulo – São Paulo, região sudeste, circulação na Grande São Paulo.

Manchete:



UNIBAN DESISTE DE EXPULSAR A LOIRA DO VESTIDO

Reitor recua e afirma que vai aceitar Geisy de volta. Faculdade foi criticada.

[ocupando a parte superior da primeira página; 31cm (largura) x 27cm (comprimento)]

Título e subtítulo:

Página 3:

APÓS PROTESTO E RECLAMAÇÕES UNIBAN ACEITA ALUNA DE VOLTA

Reitor divulgou nota ontem que revoga expulsão de estudante que foi à faculdade com vestido curto

JOVENS VAIAM MANIFESTAÇÃO

POLÍCIA VAI INVESTIGAR CRIMES CONTRA GEISY

Página 6:

“NÃO QUERO ESTUDAR LÁ, POR MEDO”

Antes de saber que não seria expulsa, aluna disse que sairia da faculdade por ter receio de ser hostilizada.

“VESTIDOS CURTOS COMO O DE GEISY SÃO TENDÊNCIA”

Jovem usou o look certo, mas no lugar errado

“MELHOR PUNI-LA DO QUE A 700 ALUNOS”

Ex-Uniban, irmã de Geisy diz que instituição já foi mais democrática

ALUNAS DA UNIBAN DESFILAM COM DECOTES E ROUPAS JUSTAS

Universitárias dizem que não há restrição aos trajés

REVISTA E PRODUTORA PORNÔ QUEREM JOVEM NUA

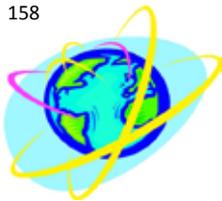
‘Sexy’ e até uma produtora pornô têm interesse em estudante

Fontes:

Página 3

APÓS PROTESTO E RECLAMAÇÕES UNIBAN ACEITA ALUNA DE VOLTA

- Reitor: “divulgou nota que revoga expulsão de estudante que foi à faculdade com vestido curto”.



- Advogados de Geisy: “na tarde de ontem, os advogados de Geisy haviam anunciado que iriam à justiça para que a estudante pudesse retornar à faculdade e concluir o semestre. Porém, ao serem informados da mudança de planos da faculdade, não quiseram se pronunciar, alegando não ter recebido comunicado oficial da Uniban.”

- Jefferson Aparecido Dias, procurador regional dos direitos do cidadão: “Aparentemente, a vítima foi transformada em culpada sem que tivesse a condição de expor sua versão dos fatos.”

- Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (em carta): “É inadmissível a desproporção das punições dos envolvidos”.

JOVENS VAIAM MANIFESTAÇÃO

- Juliana Fazon Mariano, estudante do 4º ano de educação física: “Se a faculdade expulsou ela é porque tem motivo. Com certeza, essa exposição vai prejudicar os estudantes”.

- Reinaldo Chagas, militante do PSTU: “Essa expulsão é uma manifestação de machismo.”

POLÍCIA VAI INVESTIGAR CRIMES CONTRA GEISY

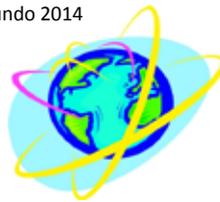
- Delegada Ângela de Andrade Ferreira Ballarine, da Delegacia de Defesa da Mulher, de São Bernardo: “O inquérito presidido pela delegada vai apurar se Geisy foi vítima de difamação, injúria, ameaça, constrangimento ilegal e cárcere privado. Também investigará possível incitação ao crime e atos obscenos.

- Nehemias Domingos de Melo, advogado de Geisy: “Segundo o advogado, Geisy não teve direito à ampla defesa. ‘No dia em que ela foi ouvida na sindicância, me vi nos porões do antigo Dói-Codi. Ela foi julgada sumariamente. Aquilo mais parecia um tribunal de exceção nazista’. O advogado afirma que Geisy foi pressionada pelos responsáveis pela sindicância, que se preocuparam mais com questões relativas à vida pessoal.

Página 6:

“NÃO QUERO ESTUDAR LÁ, POR MEDO”

- Geisy Vila Nova Arruda: “A estudante abriu o coração, ontem à tarde, durante entrevista coletiva no escritório de seus advogados, no Centro de São Paulo. Vestindo calça preta justa e blusa com decote nas costas, Geisy disse que não vai mudar seu modo de ser por causa do que ocorreu, mas que não quer mais estudar na Uniban. Segundo



a universitária, ao contrário do que diz nota oficial da faculdade, ela nunca foi advertida por causa das roupas que usa. ‘Sempre fui assim. Não quero afrontar ninguém. Apenas terminar este semestre para não perder o ano.’ [segue entrevista com Geisy]
“VESTIDOS CURTOS COMO O DE GEISY SÃO TENDÊNCIA”

- Lílian Glaisse, do site Achados do Dia: “ ‘O curto é uma tendência que sempre chega no verão. Sempre tem umas pitadas de curtos. Mas nessa última edição do São Paulo Fashion Week, ele veio muito mais forte. Não significa que pode usar isso na no trabalho ou na universidade’, observou a publicitária e blogueira de moda do site www.achadosdodia.com.br. O modelo de vestidos justos e curtíssimos – chamado de bandagem – já é sensação entre os antenados, mas, segundo Lilian, cai melhor na balada, durante um passeio ou na praia. ‘Se quiser usar em um ambiente mais formal, tem que adaptar. Usar com uma legging, uma meia, uma bermudinha, adverte, lembrando que o erro de Geisy não justifica a reação dos alunos e a expulsão.

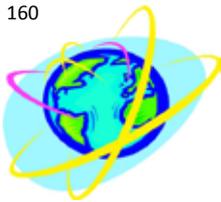
“MELHOR PUNI-LA DO QUE A 700 ALUNOS”

- Sônia Villa Nova de Arruda, irmão de Geisy: “ ‘Estudei por dois anos, de 1998 a 1999, jornalismo na Uniban. Durante o tempo que estive lá, achei que era uma faculdade normal em que qualquer um podia se expressar livremente’, afirma Sônia, que vive em Portugal desde 2006. ‘Nunca, em momento algum, eu podia imaginar que algo assim poderia ocorrer, ainda mais com a minha irmã. Isso é um atraso’. Para Sônia, o mais absurdo de toda essa situação foi a expulsão da irmã. ‘A Uniban decidiu ir contra ela ao invés de ir contra 700 alunos porque é mais cômodo. Estou me sentindo mal com tudo, assim como minha mãe.’”

- Maria de Fátima Arruda: “A dona de casa Maria de Fátima Arruda, mãe de Geisy está muito abalada com a situação da filha. Ela diz que está vivendo à base de calmantes e mal consegue dormir e se alimentar. ‘A situação está pior a cada dia. Em vez de eles resolverem isso e deixarem minha filha voltar, ficam arrumando mais coisas.’ Apenas ontem, por exemplo, Maria de Fátima deixou o copo cair três vezes e escorregou em casa. ‘Estou com os braços e as pernas bambas por causa do sistema nervoso. Só espero que isso acabe logo’, afirma. A mãe de Geisy diz que passou um dos piores fins de semana de sua vida.”

ALUNAS DA UNIBAN DESFILAM COM DECOTES E ROUPAS JUSTAS

- Jaqueline Santos de Oliveira, estudante da Uniban: “ ‘Já veio gente com roupa pior. Pode vir gente de decote, blusinha, vestido. Não acontece nada’, completa.”



- Thais Lapinskas, estudante da Uniban: “A aluna que chama atenção pelas tatuagens no corpo e o alargador na orelha, contou que também nunca sofreu nenhum tipo de constrangimento dentro da universidade. ‘Pelo que falam, ela provocou bastante os alunos. Bobo é quem entra na dela.’”

- Kelen Patrícia, estudante da Uniban: “A estudante de educação física, de 30 anos, está acostumada a usar roupas mais decotadas para ir à faculdade. ‘Nunca passei por nenhum constrangimento, mas também não ando pelada.’”

REVISTA E PRODUTORA PORNÔ QUEREM JOVEM NUA

- não há citação de pessoas, como fontes, apenas “a assessoria de Sexy [revista]” e “segundo a Sexxy World [produtora de filmes eróticos]”.

Na página 3, na matéria principal “Após protestos e reclamações, Uniban aceita aluna de volta”, há três fontes masculinas e uma feminina, sendo privilegiadas as posições favoráveis a Geisy. O subtítulo “Jovens vão manifestação” traz um texto com duas fontes, sendo uma feminina e uma masculina, cada uma delas defendendo um dos lados. Curiosamente, a fonte feminina critica Geisy, ao passo que a masculina repudia a atitude da universidade, ao expulsá-la. O subtítulo “Polícia vai investigar crimes contra Geisy” traz um texto com duas fontes, uma mulher e um homem, ambos defensores de Geisy.

Na página 6, na matéria principal “Não quero estudar lá, por medo”, Geisy é a única fonte, trazendo um texto de introdução e uma entrevista com a mesma. O subtítulo “Vestidos curtos como o de Geisy são tendência” traz um texto que apresenta uma única fonte feminina, que apresenta duas declarações: uma contrária à Geisy, mais consistente, e outra condenando a atitude da universidade. O subtítulo “Melhor puni-la do que a 700 alunos” traz duas fontes femininas, que são parentes de Geisy, ambas defendendo-a. O subtítulo “Alunas da Uniban desfilam com decotes e roupas justas” traz um texto com três fontes femininas, contrárias à Geisy (apesar do subtítulo e o início das declarações indicarem o contrário). O subtítulo “Revista e produtora pornô querem jovem nua” traz um pequeno texto em que não cita o nome das fontes (referindo-se à ‘a assessoria’ e ‘a produtora’)

Linguagem:



O título da capa, em letras bem grandes, utiliza a expressão “a loira do vestido” – uma forma estereotipada de se referir à estudante Geisy. No pequeno texto da capa, volta a se referir a ela como “a loira” – é bom lembrar o estigma que carrega a palavra, como sinônimo de ‘mulher burra’.

Já na página 3, os títulos, subtítulos e os textos das matérias não apresentam termos estereotipados. Utilizam, por exemplo, “aluna”, “estudante” e “vestido curto”. Por outro lado, o box com a cronologia dos fatos utiliza o termo “microvestido vermelho [?]”.

Na página 6, a matéria principal traz uma entrevista com Geisy, precedida de um pequeno texto, o qual faz uma descrição do traje que Geisy vestia na entrevista coletiva: “Vestindo calça preta justa e blusa com decote nas costas (...)”. Trata-se de uma forma estereotipada de descrever suas roupas, principalmente levando-se em conta que foi a forma de se vestir de Geisy que provocou os atos de barbárie por parte dos cerca de 700 alunos e alunas. Da mesma forma estereotipada é a legenda da foto de Geisy, trazendo exatamente a declaração da estudante de que gosta “de usar calças apertadas e blusas decotadas”. Com várias declarações de Geisy na entrevista, por que escolher exatamente esta? O subtítulo “Melhor puni-la do que a 700 alunos” traz um texto em que identifica a mãe de Geisy como “a dona de casa Maria de Fátima Arruda”. Não se considera que a forma de identificar a mãe de Geisy seja estereotipada, pois todas as pessoas de todos os textos são identificadas pela profissão que exercem, não existindo, portanto, a intenção de reforçar noções de papéis domésticos para as mulheres. O subtítulo “Alunas da Uniban desfilam com decotes e roupas justas” traz uma foto de uma das estudantes entrevistadas, cuja legenda dá destaque a parte de uma declaração – “também não ando pelada” – que reforça o julgamento contra Geisy. Da mesma forma, o subtítulo “Revista e produtora pornô querem jovem nua” tem o intuito de desqualificar Geisy, pois, caso contrário, teria dado destaque à declaração da aluna de “não ter interesse em posar nua ou fazer filmes”.

Espaço ocupado + Imagens e Legendas:

- Capa: metade superior, com três fotos:

. à esquerda, Geisy, medindo 9cm (largura) x 21cm (altura), dando destaque a seu corpo. A legenda é pertinente e não apresenta estereótipo.



. à direita, Sabrina Sato (apresentadora de TV), 9cm (largura) x 21cm (altura), dando destaque ao corpo e ao vestido curto, similar ao que Geisy trajava em 22/10. (utiliza o termo “minivestido” na legenda).

. à direita, grupos feministas que protestavam, 9cm (largura) x 5cm (altura), tamanho minúsculo se comparado às duas outras.

- Página 3: duas fotos e uma imagem de um quadro e uma maçã mordida.

. Foto de manifestantes pró e contra Geisy, na parte superior, medindo 24,5 (largura) x 17cm (altura), em que o prédio da Uniban, ao fundo, ocupa quase metade do espaço. A legenda é coerente, não apresentando estereótipos.

. Quadro destacando os sete crimes cometidos contra Geisy, que estão sendo investigados pela polícia. Uma maçã mordida invade o quadro. Trata-se de uma imagem carregada de estereótipos, com nítida indução de interpretação: Geisy comeu a maçã do pecado, o fruto proibido.

. Foto da apresentadora Sabrina, medindo 4,5cm (largura) x 6,2cm (altura), ao contrário da foto da capa do jornal, não apresenta estereótipo, mostrando a parte superior de uma mulher em posição ativa, falando ao microfone, no exercício de sua profissão.

- Página 6: quatro fotos.

. Foto de Geisy, medindo 19,5cm (largura) x 18cm (altura), ocupando espaço maior do que a entrevista que concede, com olhar cabisbaixo e pensativo, com uma das mãos no queixo. Tanto a foto, quanto a legenda (“Gosto de usar calças apertadas e blusas decotadas) carregam estereótipos: semblante de culpada, com declaração que reforça as razões pelas quais “está sendo crucificada”.

. Foto da mãe de Geisy, Maria de Fátima Arruda, medindo 9,5cm (largura) x 9cm (altura), assim como a legenda, não apresentam estereótipos.

. A foto de duas modelos usando vestidos curtos, medindo 8,8cm (largura) x 12,8cm (altura) e a legenda, não são estereotipadas, mostrando a tendência do verão. O estereótipo está no texto que conclui pela inadequação dos trajes de Geisy para ir à universidade.

. Foto da estudante Kelen, com a rua da faculdade ao fundo: 9,6cm (largura) x 6,2cm (altura): uma foto do busto para cima, para mostrar que Kelen usa decote, e que “não se sente constrangida. Também não ando pelada”. A declaração de Kelen na legenda



servir para também mandar Geisy para a fogueira.

Análise:

Notícia abertamente estereotipada

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

O material divulgado por este jornal consegue entrelaçar as quatro classificações acima citadas.

As notícias são abertamente estereotipadas ao utilizar na capa, de forma ampla e sensacionalista, o corpo de duas mulheres, como objetos sexuais. Outro exemplo é o destaque dado à revista e produtora pornô.

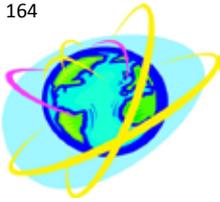
As notícias são sutilmente estereotipadas em função da linguagem escrita, conforme analisado no item d), e pela linguagem imagética (fotos, legenda e imagem), conforme análise constante no item e).

As notícias também são uma oportunidade desperdiçada, com ausência de uma perspectiva de gênero, na medida em que houve uma manifestação de integrantes do movimento feminista, e nenhuma delas foi entrevistada para aprofundar a brutal violência de gênero sofrida por Geisy.

Paradoxalmente, as matérias também apresentam alguns pontos que demonstram consciência de gênero, quando, por exemplo, destacam a presença de grupos feministas na manifestação, dedicam bom espaço para os crimes investigados pela Delegacia de Defesa da Mulher e publicam a declaração de um militante do PSTU “essa expulsão é uma manifestação de machismo”.

O Estado de S.Paulo – São Paulo, região sudeste, circulação nacional.

Manchete



CRITICADA, UNIBAN RECUA DE EXPULSÃO DE ALUNA

(Não foi enviada cópia da primeira página, entretanto, dada a amplitude da cobertura do caso, foi impressa da Internet. Não é possível fornecer as medidas do destaque na primeira página, mas é possível afirmar que ocupa a parte central, com foto, destaque no título e um texto – cerca de 25% do espaço total da primeira página).

Título e Subtítulo

[é possível identificar a numeração de apenas duas páginas, pois as planilhas não foram enviadas junto com as respectivas notícias]

- Página A16:

Polêmica

REITOR DA UNIBAN RECUA E CANCELA EXPULSÃO DE ALUNA

Repercussão negativa mudou decisão da instituição; Geisy Arruda foi ameaçada por usar vestido curto.

- Página A17:

Polêmica

“SÓ QUERO ENTRAR NA SALA E ESTUDAR”

Cercada por sete advogados, pivô do caso nega que tenha ‘desfilado’ ou levantado a saia e diz ter medo.

- Página indeterminada:

(Subtítulo): Determinação teria partido de Pinto Filho

- Página indeterminada:

‘VAI TER CIRCO DE NOVO?’

Protesto de alunos vira atração

(Subtítulo): Estudantes bateram boca por causa da manifestação

ENTREVISTA

Carlos Monteiro: consultor especializado em ensino superior

‘Decisão destruiu imagem construída durante anos’

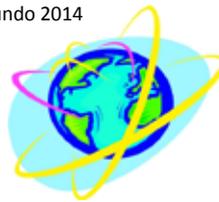
- Página indeterminada

ANÁLISE

TRATA-SE DE UMA QUESTÃO DE DIREITOS CIVIS

Fontes:

REITOR DA UNIBAN RECUA E CANCELA EXPULSÃO DE ALUNA



- Reitor Heitor Pinto Filho: que revogou a medida na noite de ontem.
- Rede social Twitter: onde foram postados “cerca de 13 mil comentários”, grande parte de repúdio à decisão.
- Geisy: “em entrevista, ontem, antes da revogação, a estudante chorou e disse temer não conseguir prosseguir o curso”.
- Maria de Fátima Arruda, mãe de Geisy: que “ficou feliz ao saber da revogação. ‘Acho que é sinal de que as coisas estão se resolvendo’.”
- Paola Fernandes: que é amiga de Geisy, “achou a revogação ‘uma palhaçada’.”

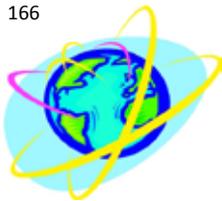
“SÓ QUERO ENTRAR NA SALA E ESTUDAR”

Geisy: durante coletiva de imprensa, na sala de seus advogados. “Segundo a aluna, a nota da Uniban que anunciava a expulsão relatava o oposto do que ela teria dito na sindicância”.

- Nehemias Melo, advogado de Geisy: “se disse perplexo com o resultado da sindicância, que considerou ‘draconiana e exacerbada’, rememorando os ‘tempo obscuros da ditadura’. Ele também afirmou que é uma ‘leviandade’ a sugestão de que estaria sendo pago por uma emissora de TV para defender Geisy.
- Eduardo Suplicy, senador (PT/SP): em nota, “pedia que a Uniban repensasse a expulsão”.
- Ivan Valente, deputado federal (PSOL/SP) e Ângela Portela, deputada federal (PT/RR): que “apresentaram ontem, na Comissão de Educação, um requerimento para que a Câmara dos Deputados realize uma audiência pública sobre o caso.

Determinação teria partido de Pinto Filho

- Funcionários da Uniban: “apesar de a expulsão ter sido atribuída pela Uniban ao conselho superior da unidade, ela teria partido diretamente do reitor, Heitor Pinto Filho, descrito por funcionários como um administrador centralizador que, com frequência, ignora sugestões de seus conselheiros. Segundo pessoas que participaram das discussões sobre o futuro de Geisy Arruda, Pinto Filho rechaçou com irritação a sugestão das áreas de comunicação e publicidade da universidade para manter a aluna e realizar seminários sobre cidadania.” O texto prossegue dando detalhes do comportamento conservador do reitor e mostrando seu passado ligado à ditadura militar.
- Helena Maria Diniz, presidente da Comissão da Mulher, da OAB-SP: “acredita que o recuo da Uniban representa um ‘mea culpa tardio’ pela atitude equivocada. ‘Ficará ainda mais claro para quem julgar o caso que a universidade não tinha razão alguma.



Há boas chances de uma ação por danos morais ter um resultado favorável!”

- Nilcéa Freire, ministra das Mulheres: “Durante todo o dia de ontem as críticas à expulsão de Geisy se espalharam. ‘Lamentamos que a declaração da universidade dê respaldo à atitude agressiva da comunidade.’”

‘VAI TER CIRCO DE NOVO?’

- Bárbara Andrade, aluna de Comunicação da Uniban: “ ‘Vai ter circo hoje de novo?’; Bárbara estava desolada na porta da faculdade. Mas o picadeiro estava pronto. Não eram nem 17 horas e emissoras de TV e jornais de São Paulo e do ABC estavam a postos na porta da Uniban, em São Bernardo do Campo, esperando um ato de estudantes contra a expulsão da aluna Geisy Arruda, a do minivestido, marcada para as 18 horas. Perto das 18h30 chegaram militantes do grupo Marcha Mundial das Mulheres, com bandeiras e faixas contra a discriminação sexual. O advogado Pedro Lessi, convidado pela UNE para oferecer ‘orientação jurídica’ durante o protesto, dava entrevistas sobre a dignidade humana.

- Juliana Mariana, estudante de Educação Física: que “tirou da bolsa um artigo de jornal em que os alunos da faculdade eram chamados de burros e preguiçosos e começou a discursar, aplaudida por colegas. ‘Não conheço a moça, não estou nem aí para ela. A gente devia protestar contra esse jornalista que julgou 10 mil alunos por causa de 500 que faziam algazarra’.

- Fabrício Andrietta, aluno de Rádio e TV: “ ‘A faculdade, apesar de não ter tradição, é boa. Mas a reputação ficou manchada. Sou favorável à expulsão. A informação era de que ela provocou a situação.’”

- Pétala Ayanne, aluna de Design de Moda: “O prédio só tem acho porque abriga cursos de exatas. A pessoa tem que ter noção.”

- Bárbara Andrade, aluna de comunicação: “Bárbara, a desolada que não quer mais circo, disse: ‘Aqui não é uma instituição de ensino? Ensinem, eduquem. Não expulsem ninguém.’”

- Analice Oliveira, aluna de logística empresarial: “ ‘Após constranger os alunos e denegrir [!!!] nossa imagem, ela deveria ser expulsa, sim.’ O circo continua.”

‘Decisão destruiu imagem construída durante anos’

- Carlos Monteiro, consultor especializado em ensino superior: “A maneira como a Uniban conduziu a polêmica sobre Geisy Arruda foi desastrosa para sua imagem institucional, na opinião do consultor de ensino superior privado Carlos Monteiro.” Segue entrevista com o consultor.



Análise

TRATA-SE DE UMA QUESTÃO DE DIREITOS CIVIS

[Apesar de se tratar de uma análise, o texto do jornalista Roldão Arruda é um primor por conseguir focar o cerne da questão da sociedade patriarcal em que ainda vivemos. Por isso, o texto merece ser reproduzido na íntegra]

“... O caso ocorrido na Universidade Bandeirante (Uniban) não afeta apenas a estudante Geisy Arruda. Trata-se de uma questão de direitos civis, que interessa a toda a sociedade. É preocupante a condescendência demonstrada com a turba que perseguiu e xingou a jovem por causa de sua vestimenta. Será que, ao tolerarmos esse tipo de comportamento, amanhã não acharemos normal algum jovem ensandecido agredir um judeu ortodoxo pelo fato de expor na rua uma vestimenta diferente? Não acharemos justo um grupo de skinheads espancar dois gays que se beijaram na rua, alegando que tal beijo os agrediu moralmente? Não acharemos divertido ver uma pessoa gorda ser ridicularizada em público pelo fato de ser gorda?

A lista poderia incluir negros, índios, nordestinos, pessoas idosas, pobres, outras minorias e grupos sociais com os quais volta e meia se levantam velhos e arraigados preconceitos – aqueles que parecem ficar guardados em algum canto escuro do corpo social, latentes, à espera de um estímulo, de um sinal verde para serem escancarados. No caso de Geisy, o que se viu foi a volta do patriarcalismo mais exacerbado, que, apesar de tudo que se diz e se vê sobre as conquistas das mulheres, continua a nos assediar. A mensagem indireta estava lá: as mulheres, que até 1932 ainda não tinham o direito ao voto, não estão autorizadas até hoje a dispor livremente de seus corpos. É por isso que volta e meia somos assombrados pela notícia de que algum homem matou a namorada por não suportar a ideia de que ela seria de outro – como se estivéssemos falando de posse. É por isso, provavelmente, que o Congresso, dominado por homens, não discute em profundidade a proposta de liberação do aborto. É por isso que as mulheres mais independentes ainda são chamadas de prostitutas. O mais correto seria aproveitar episódios como esse para dar a volta por cima, reforçando nas universidades os ensinamentos sobre a magnífica catedral de direitos civis que, a ferro e fogo, literalmente, nossa civilização vem montando ao longo dos séculos. Nessas aulas, certamente seria lembrado o pensamento de Claude Lévi-Strauss, que morreu na semana passada, após ter revolucionado o pensamento antropológico,



ensinando que não existem civilizações superiores ou inferiores, mas sim diferentes.”

Linguagem:

De forma geral, esta cobertura não prima por linguagem sexista: os títulos, subtítulos e a maior parte dos textos tem o cuidado de não utilizar termos estereotipados.

Em dois textos, há a utilização do termo ‘minivestido’, uma vez em cada.

O maior estereótipo desta cobertura está na descrição da aparência e das roupas de Geisy no dia da entrevista coletiva. O mesmo acontece com a apresentadora Sabrina ‘com suas pernas bronzeadas de fora’.

Outro aspecto estereotipado é que utiliza o termo ‘manifestantes’ ao invés de ‘manifestantes feministas’ na legenda da foto (já que a foto mostra placas e faixas de grupos feministas).

O subtítulo “Vai ter circo de novo?” acaba por levar o/a leitor/a à dedução de que a manifestação virou uma palhaçada, ao invés de dar destaque ao ponto de vista dos grupos feministas ali presentes.

Espaço ocupado + Imagens e legendas

Com relação à primeira página, não é possível medir, já que se trata de uma cópia retirada da Internet. Entretanto, pode-se dizer que a foto e o texto ocupam 25% do total. A foto, com cerca de 15% de espaço, mostra uma Geisy com cabeça erguida e expressão de empoderamento.

As matérias e a análise ocupam praticamente duas páginas, procurando dar uma amplitude à cobertura.

A foto de manifestantes, medindo 16cm (largura) x 10cm (altura), mostra grupos feministas com placas e faixas, entretanto, não utiliza o termo ‘feministas’ na legenda e no texto.

A foto de Geisy, durante a entrevista coletiva, medindo 9,5cm (largura) x 10,5cm (altura), a mostra chorando, cabisbaixa e com a mão tapando a boca e o nariz, o que demonstra um ar de arrependimento.

Um Box de 6cm (largura) x 7cm (altura) mostra uma pesquisa realizada pelo jornal, na Internet, com a pergunta: “É contra ou a favor da decisão da Uniban de expulsar a aluna?”. O resultado em destaque é o seguinte: 77% contra e 23% a favor. Considera-se que a pesquisa enriqueceu a cobertura, no sentido de oferecer ao leitor



o ponto de vista da maioria da população que acessou o site.

Análise

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

Apesar da cobertura deste jornal entrelaçar três das classificações acima descritas, considera-se este o melhor trabalho jornalístico realizado por jornais impressos, na medida em que transmitiu maior seriedade ao fornecer uma amplitude de elementos para que o/a leitor/a interpretasse o caso.

Mesmo assim, pode-se considerar que a cobertura é sutilmente estereotipada, quando:

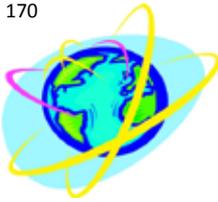
- Descreve a aparência e as roupas de Geisy no dia da entrevista coletiva. O mesmo acontece com a apresentadora Sabrina 'com suas pernas bronzeadas de fora'.
- Faz a opção de divulgar a foto de Geisy durante a entrevista coletiva, chorando, com ar cabisbaixo e tapando a boca e nariz.
- Não utiliza a expressão "manifestantes feministas" na legenda da foto que mostra exatamente esses grupos com placas.
- Utiliza a expressão minivestido, por duas vezes, em textos.
- Utiliza o subtítulo "Vai ter circo de novo?", que leva o/a leitor/a à dedução de que a manifestação virou uma palhaçada, ao invés de dar destaque à opinião dos grupos feministas ali presentes.

A cobertura é uma oportunidade desperdiçada, com ausência de uma perspectiva de gênero, quando:

- Não traz uma declaração de integrantes dos grupos feministas presentes na manifestação, desqualificando o muito que elas teriam a dizer sobre o caso.
- Só traz declarações de estudantes da Uniban que são contrários à Geisy, perdendo a oportunidade de balancear a discussão dentro e fora da faculdade.

A cobertura retrata consciência de gênero, quando:

- Divulga uma capa com destaque, trazendo a foto de Geisy com cabeça e olhar elevado, além de um título sem termos sexistas.



- Traz um artigo de análise de um jornalista, mostrando de maneira sábia o quanto nossa sociedade é machista e tem dificuldade em lidar com as diferenças.
- Traz declarações da presidente da Comissão da Mulher Advogada da OAB-SP, Helena Maria Diniz, e da ministra das Mulheres Nilcéa Freire.

Gazeta do Povo – Curitiba, estado do Paraná, região Sul, circulação estadual..

Manchete

Não foi enviada a primeira página.

Título e Subtítulo

[Agência Estado]

UNIBAN DESISTE DE EXPULSAR ALUNA QUE USOU MINISSAIA
COLETIVA
MAIS DE 13 MIL COMENTÁRIOS NO TWITTER

Fontes

- Heitor Pinto Filho, reitor e dono da Uniban: que revogou a decisão de expulsar a aluna.
- Mariana Alencar, presente do conselho de comunicação da Uniban e filha do reitor: que disse que “as explicações sobre a revogação só serão apresentadas hoje, durante entrevista do vice-reitor Ellis Brown.”
- Geisy: em entrevista coletiva no escritório dos advogados, para falar de seu posicionamento.
- Rede social Twitter: com 13 mil comentários, a maioria repudiando a decisão de expulsão da aluna.
- Rede Social Orkut: onde foram criadas seis comunidades com o nome da aluna.

Linguagem

O título utiliza o termo estereotipado ‘minissaia’, para identificar a aluna.

No texto, utiliza-se o termo estereotipado ‘mininvestido’.

Ao identificar a presidente do conselho de comunicação como filha do reitor, analisa-se que não houve a intenção de inferiorizá-la.

A descrição da aparência e das roupas de Geisy caracteriza-se como estereótipo, na medida em que reforça atributos fúteis e sexistas, além de endossar a



importância dada à roupa que ela vestia no dia do ato de violência de gênero, sofrido dentro da universidade.

Espaço ocupado + Imagens e Legendas

Em função de a fotocópia ser reduzida, não é possível fornecer as medidas exatas. A cobertura tem destaque, ocupando, possivelmente 85% de uma página (na largura, são 5 colunas).

A foto ocupa 3 colunas de largura. Mostra Geisy ao fundo, pequena, acuada, cercada por homens e microfones. A legenda é também uma frase dela em destaque: “Se um segurança ou professor tivesse me dito algo, eu humildemente voltaria para casa e trocava de roupa”. Trata-se de destaque a uma frase que dá margem à interpretação de que ela se sente culpada e arrependida.

Análise

Notícia sutilmente estereotipada.

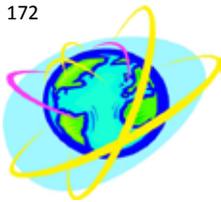
Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

A cobertura é sutilmente estereotipada em função:

- Da foto que mostra Geisy acuada, cercada por homens e microfones.
- Da legenda da foto que traz uma declaração da aluna demonstrando submissão e assumindo a inadequação da roupa que vestia no dia dos atos violentos que sofreu – o que reforça alguns chavões do senso comum, tais como, “ela provocou”, “ela procurou”, como se ela não tivesse o direito de se vestir daquela forma e, portanto, merecia ser ‘estuprada’.
- Do destaque no título o termo ‘minissaia’ e utilização no texto do termo ‘mininvestido’.
- Da descrição da aparência e das roupas de Geisy, na medida em que tem a intenção de traçar uma comparação com a roupa do dia dos atos violentos, reforçando a ‘inadequação’ do vestido curto, dando margem a um julgamento sumário e absurdo de que ela ‘provocou e teve o que procurava’.

A cobertura é uma oportunidade desperdiçada, com ausência de uma perspectiva de gênero, em função:

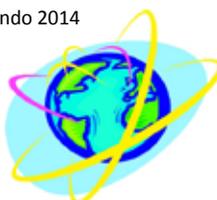


- De não entrevistar a delegada da mulher, de São Bernardo do Campo, citada no texto, para aprofundar a perspectiva de gênero do caso.
- De não entrevistar feministas sobre o assunto, permitindo, assim, ao público em geral e às próprias pessoas da universidade, começarem um processo de sensibilização sobre equidade de gênero e cidadania.

A cobertura não deixa de retratar, mesmo que levemente, consciência de gênero, em função:

- De trazer um posicionamento contrário à decisão de expulsão da aluna.
- De dar destaque à repercussão nas redes sociais da Internet, a maioria a favor de Geisy.
- De dar destaque ao perfil conservador do dono e reitor da Uniban.
- Ao citar a decisão da delegada da mulher de São Bernardo do Campo, de apurar os crimes contra Geisy.

Considera-se importante, também destacar a análise da monitora Karina Janz Woitowicz: “A matéria ‘Uniban desiste de expulsar aluna que usou minissaia’ apresenta um posicionamento contrário à atitude da universidade de expulsar a aluna. Destacam-se os argumentos da aluna e o perfil conservador do reitor da Uniban, sendo apresentados inclusive elementos de sua orientação política (militante da Arena durante a ditadura). É importante também destacar na matéria o box sobre comentários de repúdio à Uniban no Twitter (13mil comentários, sendo 500 por hora, protestando contra a expulsão; criadas comunidades com o nome da garota; também circulavam abaixo-assinados on line contra a universidade).



Diário Catarinense – Florianópolis, estado de Santa Catarina, região Sul, circulação estadual.

Manchete

Não foi enviada a primeira página.

Título e Subtítulo

Reportagem Especial

CASO GEISY

ELA VOLTA, MAS A POLÊMICA CONTINUA.

“SEMPRE ME VESTI DO MESMO JEITO”

O COMPRIMENTO DO BOM SENSO

ROUPAS CURTAS NA UFSC SÃO COMUNS

PEÇAS POLÊMICAS: BIQUÍNI – MINISSAIA

[ANÁLISES]

JÁ FOMOS MELHORES – Cacau Menezes

TODOS ERRARAM – Luiz Carlos Prates

Fontes

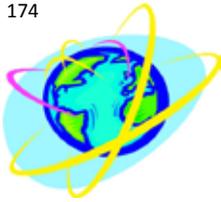
CASO GEISY (página 4)

ELA VOLTA, MAS A POLÊMICA CONTINUA. (página 4)

- Reitor: que desconsiderou o que havia decidido o Conselho Universitário.

- Sandra Makowicky, pró-reitora da Universidade do Estado de Santa Catarina: “ ‘Creio que existem outras questões neste processo. Tanto que no primeiro momento houve manifestação favorável dos estudantes” [a favor da expulsão]. Ela diz que a Udesc não tem um regulamento específico para tratar da questão do vestuário, mas que infringir determinadas regras de convívio social faz parte de um pacote onde estão previstas punições. Lembra, também, que o ambiente universitário convive com a falta de limites.”

- Wilson Sandrini Filho, procurador jurídico da Univali (Universidade do Vale do Itajaí):



“ A Univali está baseada no litoral e a moda é entendida como uma manifestação cultural. Não teríamos como impedir o uso de vestidos curtos e de bermudas.”

- Ary Oliveira Filho, diretor geral da Faculdade Estácio de Sá: “ ‘ Eu, particularmente, me surpreendi com a decisão, pois não vi motivo para a expulsão se realmente for somente pelo uso do vestido curto.’ ”

- Dalton Barreto, pró-reitor de assuntos estudantis, da Universidade Federal de Santa Catarina: “ ‘Tempos atrás, a gente não via cuecas e calcinhas à mostra como hoje, por baixo das roupas dos nossos alunos. Temos que conviver com isso, dentro do processo da normalidade.’ ”

“SEMPRE ME VESTI DO MESMO JEITO” (página 5)

- Geisy Arruda, que “falou ao Diário Catarinense”: A foto é da entrevista coletiva na sala de seus advogados, mas o texto de abertura afirma tratar-se de entrevista ao jornal (?). Depois do texto de abertura, há uma entrevista com quatro questões.

O COMPRIMENTO DO BOM SENSO (página 5)

PEÇAS POLÊMICAS: BIQUÍNI – MINISSAIA (página5)

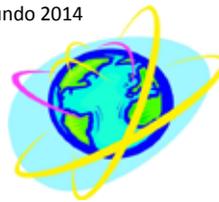
- Morango Gomes, professora de estilo do Senac: que diz haver uma roupa adequada para freqüentar a faculdade, mas que é preciso analisar os dois lados. “Para ela, o que os colegas fizeram traz uma reflexão. ‘Eles foram machistas, transgrediram códigos de liberdade de expressão. Não há desculpa para a violência deles; mas ela também foi inadequada.’ ”

- José Alfredo Beirão Filho, professor do curso de Moda da Udesc: “acredita que muito mais do que moda, com relação a Geisy, o problema em questão é a atitude. ‘No curso de Moda, muitas vezes as meninas vêm da praia direto, de chinelo e minissaia, mas sem provocar. No caso de Geisy, foi a atitude que incomodou e não propriamente a saia, que você vê em qualquer lugar.

ROUPAS CURTAS NA UFSC SÃO COMUNS (página 5)

- Fábio Queiroz, estudante de jornalismo: “ ‘Aqui, jamais haveria contrariedade de alguém’, brinca o estudante.”

- Victoria Saditdinova, estudante russa, de português: “A aluna ficou irritada ao saber o que aconteceu com a universitária de São Paulo. ‘Aqui não importa o que se tem no corpo ou o vestido, e sim as boas notas e o conhecimento adquirido – pensa a



estrangeira.

[ANÁLISES]

JÁ FOMOS MELHORES – Cacau Menezes

TODOS ERRARAM – Luiz Carlos Prates

São duas análises que podem ser consideradas “pérolas” do pensamento arcaico e patriarcal de nossa sociedade.

O primeiro, para se ter uma idéia diz coisas como “Tirando o mau gosto e a pouca beleza da moça que foi ‘escorraçada’ na tal universidade em São Paulo, o resto é que é condenável... (...) A violência, o preconceito e a truculência dos estudantes de São Paulo, ofendidos com as belas pernas da loira, talvez burra, é que chocam o país.”

O segundo artigo consegue ser ainda pior e não merece que se cite mais do que uma frase: “Geisy errou gravemente ao ir para a universidade vestida de moça da noite.”

Linguagem

São muitas as expressões consideradas estereotipadas nesta cobertura:

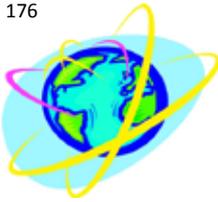
- ‘voz de adolescente e sotaque paulista’
- ‘o que está por baixo mundo sabe’ [por baixo do vestido curto de Geisy]
- ‘vestido minissaia’
- ‘o cumprimento do bom senso’

Espaço ocupado + Imagens e Legendas

A cobertura ocupa as páginas 4 e 5, como Reportagem Especial, portanto, com destaque.

A foto de Geisy com seu advogado, na página 4, é grande (não é possível fornecer as medidas exatas, pois a fotocópia foi reduzida), em destaque, do lado direito. O destaque maior é para o advogado, que está falando, e os microfones. Geisy ocupa espaço menor, está calada e com olhar sério.

As duas outras fotos são pequenas, com uma moça trajando saia curta, na época do



lançamento da minissaia, e a outra de uma estudante russa usando saia curta.

Há uma pequeno Box chamando à participação de um Chat com a editoria de moda do jornal, pelo site www.diario.com.br

Análise

Notícia abertamente estereotipada.

Notícia sutilmente estereotipada.

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada/ Ausência de uma perspectiva de gênero.

Notícia que retrata consciência de gênero.

Considera-se importante, primeiramente, transcrever a análise da monitora Kariana Janz Woitowicz: “A matéria principal ‘Ela volta, mas a polêmica continua’, embora destaque argumentos contrários à expulsão da aluna por causa do vestido, deixa de abordar o fato em si, deslocando a discussão para questões de moda e comportamento, nas matérias subseqüentes (pg.5). Na matéria em questão (pg.4), consta uma entrevista com a aluna Geisy Arruda e as vozes de pessoas ligadas a instituições de ensino, que falam sobre regras de convivência. Observação: foi codificado apenas o conteúdo da pg.4, mas os textos da pg.5 servem para uma análise adicional do tratamento do tema. Os textos opinativos publicados juntamente com a matéria apresentam argumentos conservadores e moralistas, que condenam o modo de vestir da aluna.”

Esta cobertura conseguiu entrelaçar as quatro classificações acima citadas, em maior ou menor intensidade.

Pode-se dizer que a cobertura é abertamente estereotipada, em função:

- Da utilização de linguagem sexista, algumas vezes altamente pejorativas.
- De agregar dois artigos analíticos que, nitidamente, reforçam estereótipos de gênero.

A cobertura é considerada sutilmente estereotipada, em função:

- Da utilização de uma foto que mostra Geisy calada e em segundo plano.
- Da utilização de fotos sobre moda, desviando o foco principal.
- Do convite para discutir o assunto, através de Chat, com a editoria de moda.



A cobertura é considerada uma oportunidade desperdiçada, com ausência de uma perspectiva de gênero, em função:

- Da não abordagem da questão da violência de gênero sofrida por Geisy.
- Do não equilíbrio entre mulheres e homens entrevistados.
- De não entrevistar representantes de entidades feministas.
- De não realizar um Chat com uma feminista.

A cobertura é considerada, mesmo que levemente, também retratando consciência de gênero, em função:

- Do ponto de vista de representantes de universidades daquele estado, que repudiam a justificativa da violência em função do vestido curto.
- Do destaque às declarações de Geisy.

Finalizando a análise qualitativa, as coordenadoras brasileiras transcrevem, abaixo, um texto do psiquiatra Contardo Calligaris, sobre o 'Caso Geisy', por trazer uma reflexão importante sob o ponto de vista da equidade de gênero.

A turba da Uniban

FOLHA DE S.PAULO - ILUSTRADA - SÃO PAULO - 05/11/09 - Pg. E5

Contardo Calligaris

Na semana passada, em São Bernardo, uma estudante de primeiro ano do curso noturno de turismo da Uniban (Universidade Bandeirante de São Paulo) foi para a faculdade pronta para encontrar seu namorado depois das aulas: estava de minivestido rosa, saltos altos, maquiagem -uniforme de balada.

O resultado foi que 700 alunos da Uniban saíram das salas de aula e se aglomeraram numa turba: xingaram, tocaram, fotografaram e filmaram a moça. Com seus celulares ligados na mão, como tochas levantadas, eles pareciam uma ralé do século 16 querendo tocar fogo numa perigosa bruxa.

A história acabou com a jovem estudante trancada na sala de sua turma, com



a multidão pressionando, por porta e janelas, pedindo explicitamente que ela fosse entregue para ser estuprada. Alguns colegas, funcionários e professores conseguiram proteger a moça até a chegada da PM, que a tirou da escola sob escolta, mas não pôde evitar que sua saída fosse acompanhada pelo coro dos boçais escandindo: “Pu-ta, pu-ta, pu-ta”.

Entre esses boçais, houve aqueles que explicaram o acontecido como um “justo” protesto contra a “inadequação” da roupa da colega. Difícil levá-los a sério, visto que uma boa metade deles saiu das salas de aula com seu chapéu cravado na cabeça.

Então, o que aconteceu? Para responder, demos uma volta pelos estádios de futebol ou pelas salas de estar das famílias na hora da transmissão de um jogo. Pois bem, nos estádios ou nas salas, todos (maiores ou menores) vocalizam sua opinião dos jogadores e da torcida do time adversário (assim como do árbitro, claro, sempre “vendido”) de duas maneiras fundamentais: “veados” e “filhos da puta”.

Esses insultos são invariavelmente escolhidos por serem, na opinião de ambas as torcidas, os que mais podem ferir os adversários. E o método da escolha é simples: a gente sempre acha que o pior insulto é o que mais nos ofenderia. Ou seja, “veados” e “filhos da puta” são os insultos que todos lançam porque são os que ninguém quer ouvir.

Cuidado: “veado”, nesse caso, não significa genericamente homossexual. Tanto assim que os ditos “veados”, por exemplo, são encorajados vivamente a pegar no sexo de quem os insulta ou a ficar de quatro para que possam ser “usados” por seus ofensores. “Veado”, nesse insulto, está mais para “bichinha”, “mulherzinha” ou, simplesmente, “mulher”.

Quanto a “filho da puta”, é óbvio que ninguém acredita que todas as mães da torcida adversa sejam profissionais do sexo. “Putá”, nesse caso (assim como no coro da Uniban), significa mulher licenciada, mulher que poderia (pasmé!) gostar de sexo.

Os membros das torcidas e os 700 da Uniban descobrem assim um terreno comum: é o ódio do feminino - não das mulheres como gênero, mas do feminino, ou seja, da ideia de que as mulheres tenham ou possam ter um desejo próprio.

O estupro é, para essas turbas, o grande remédio: punitivo e corretivo. Como



assim? Simples: uma mulher se aventura a desejar? Ela tem a imprudência de “querer”? Pois vamos lhe lembrar que sexo, para ela, deve permanecer um sofrimento imposto, uma violência sofrida - nunca uma iniciativa ou um prazer.

A violência e o desprezo aplicados coletivamente pelo grupo só servem para esconder a insuficiência de cada um, se ele tivesse que responder ao desejo e às expectativas de uma parceira, em vez de lhe impor uma transa forçada.

Espero que o Ministério Público persiga os membros da turba da Uniban que incitaram ao estupro. Espero que a jovem estudante encontre um advogado que a ajude a exigir da própria Uniban (incapaz de garantir a segurança de seus alunos) todos os danos morais aos quais ela tem direito. E espero que, com isso, a Uniban se interrogue com urgência sobre como agir contra a ignorância e a vulnerabilidade aos piores efeitos grupais de 700 de seus estudantes. Uma sugestão, só para começar: que tal uma sessão de “Zorba, o Grego”, com redação obrigatória no fim?

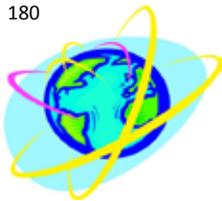
Agora, devo umas desculpas a todas as mulheres que militam ou militaram no feminismo. Ainda recentemente, pensei (e disse, numa entrevista) que, ao meu ver, o feminismo tinha chegado ao fim de sua tarefa histórica. Em particular, eu acreditava que, depois de 40 anos de luta feminista, ao menos um objetivo tivesse sido atingido: o reconhecimento pelos homens de que as mulheres (também) desejam. Pois é, os fatos provam que eu estava errado.

Avaliação do GMMP 2005 pelas/os participantes:

9.1. Deixe seus comentários a respeito da codificação (etapa quantitativa do projeto). As instruções para o monitoramento foram claras? O sistema de codificação foi simples? Você encontrou alguma dificuldade? Gostaria de dar alguma sugestão?

- Encontrei dificuldade na categoria 8 – Função da notícia. Acho que ela não está clara. Sugiro revisá-la para a próxima edição do GMMP. Também sugiro uma revisão da tradução das instruções e da digitação, pois há muitos erros.

- No geral, as instruções são claras, mas talvez alguns itens merecessem ser mais detalhados/ explicados, como, por exemplo, a questão da função da notícia e quanto à análise. Por exemplo, surgiu uma dúvida quanto a se deveríamos codificar a notícia



como tratando de igualdade/ desigualdade apenas quando ela o faz nomeando-a explicitamente, ou também quando deixa entrever que a questão está em pauta?

- As instruções foram claras, mas o sistema de codificação precisa ser melhorado, pois alguns itens como 'assunto', por exemplo, podem ter várias possibilidades e às vezes é difícil descobrir qual é o assunto principal, mais relevante.

- Sim, as instruções foram claras. Algumas vezes, ao analisar as notícias, alguma dúvida sobre a codificação surgiu, mas, ao fim, tudo deu certo.

- Consideramos as informações claras e simples para a codificação, mas é importante seguir as instruções, principalmente a de ler o material detalhadamente antes da codificação. Também é importante realizar o trabalho em dupla.

- Esta etapa de codificação do GMMP foi de grande importância para aproximação dos/as analistas com o tema. As instruções foram bem claras, o que facilitou e simplificou o sistema de codificação, sem causar maiores dificuldades.

Para o monitoramento de TV, encontrei dificuldades com relação ao item 4 (papel) e o 7 (ocupação ou posição), nos casos em que o âncora fala a notícia sozinho e não há tomadas de rua e nem entrevistados.

- Eu tive algumas dúvidas, mas falei rapidamente com as coordenadoras nacionais que me responderam prontamente. Achei tudo muito simples. Após a leitura das instruções, não tive dificuldade de preencher os formulários e achei o sistema de codificação bem interessante. A única sugestão que deixo é, principalmente, na parte que estão os codificados das ocupações das pessoas. Quanto mais a gente puder especificar e evitar o uso do 'etc', melhor.

9.2. Deixe seus comentários a respeito da relevância das questões abordadas pelo GMMP 2005, com relação à desigualdade entre os sexos retratada pela mídia. As questões foram relevantes? Que outros problemas você acha que deveriam ser abordados?

- Acho que se deve analisar o teor das fotos com mais profundidade, pois as imagens, muitas vezes, revelam mais do que os textos. Também sugiro a análise do posicionamento das notícias nas páginas, para descobrir a relevância dela no jornal.

- Nem sempre a relação de desigualdade entre os sexos é retratada de forma clara pela mídia; às vezes ela aparece meio disfarçada. Creio que deveria haver mais uma



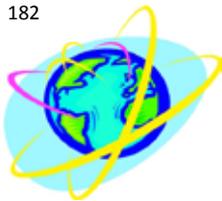
possibilidade sobre este quesito, uma quarta, onde se pudesse assinalar que a relação de desigualdade aparece de forma disfarçada.

- Acho relevantes as questões abordadas. Fica nítido que a mulher não é notícia.
- Sim. A mídia influencia o comportamento das pessoas, onde a mesma reforça idéias, pensamentos e valores que discriminam as mulheres. Por este motivo, é importante o monitoramento. A nosso ver, também deveria haver um monitoramento das principais imagens nas quais homens e mulheres, como capas de jornais. Esta análise deveria considerar como as pessoas aparecem nestas imagens e quais significados nos transmitem.
- Sim, as questões foram super relevantes, o que mostra o compromisso do projeto em tratar temas como desigualdades entre os sexos no que diz respeito à mídia.
- Achei importante a questão da desigualdade entre os sexos. Com relação aos âncoras, na Record de Belém, pelo que conheço, só há do sexo masculino. As mulheres, quando são âncoras, sempre o são juntamente com um homem.
- Já que o objetivo do projeto é mostrar como a mulher é retratada na mídia, acho que deveria ter algum tipo de codificação extra quando a gente assinalasse que o foco da matéria é na mulher. Se dissermos que o foco da matéria é na mulher, então, poderia haver um campo para questões abertas (como a área de comentários, por exemplo), para aprofundar melhor do que se trata a reportagem.
- As questões foram todas relevantes, entretanto, deveria haver o recorte racial e étnico, que agregam incidência de desigualdades de gênero.

9.3. Deixe seus comentários a respeito da análise qualitativa. As instruções foram claras? Você encontrou alguma dificuldade? Gostaria de dar alguma sugestão? (resposta das coordenadoras brasileiras, responsáveis pela análise qualitativa).

As instruções e os exemplos fornecidos foram fundamentais para uma análise qualitativa aprofundada e com ângulos pertinentes.

As pequenas e diferenciadas análises qualitativas feitas pelos/as monitores/as, apesar de não necessárias, foram importantes para o trabalho das coordenadoras brasileiras.



Respostas enviadas por monitores/as, apesar de não necessárias:

- A análise qualitativa deveria ser mais extensa.
- As informações foram claras. Sugerimos acrescentar um tópico com as profissões denominadas masculinas e femininas, para também analisarmos a condição da mulher no mercado de trabalho e nas instâncias de poder e conferir se as mulheres estão, agora no século XXI, nas ditas 'profissões femininas' ou se já galgam outros espaços na sociedade.
- Sobre a análise qualitativa, foi clara e objetiva, o que eliminou possíveis dificuldades.
- Não encontrei dificuldade.

9.4. Como a sua Organização pretende utilizar os resultados do GMMP 2009-2010 na defesa de suas causas?

- Gostaria de utilizar os resultados do GMMP no âmbito acadêmico aqui na Espanha, além de enriquecer matérias a respeito da desigualdade entre mulheres e homens.
- Sempre é importante ter em mãos dados sobre pesquisa que nos embase em nosso discurso sobre a defesa dos direitos das mulheres e sobre a necessidade de ações para a igualdade de gênero.
- Pretendemos utilizar os resultados em palestras e durante encontros e conferências relacionados ao tema.
- Como somos uma organização não-governamental de advocacy, podemos sempre nos referir às questões de gênero percebidas pela mídia, como uma transversalidade que perpassa nossas ações no eixo de comunicação nos esforços de advocacy.

9.5. Algum outro comentário?

- Foi uma experiência muito gratificante. Muito obrigada pela oportunidade! Espero poder contribuir com este trabalho outras vezes.
- Gostei de ter participado da pesquisa.
- Consideramos curto o prazo da publicação que foi avaliada e a data final para a entrega da análise. Se possível, favor ampliar para vinte dias, pois, desta forma, o grupo poderá refletir e debater melhor sobre as reportagens.
- Gostei muito de participar deste projeto. É a primeira vez que faço e achei bem interessante e tranquilo o trabalho. Inclusive, vocês sugerem que eu procure outra



peessoa para me auxiliar, mas como gravei o noticiário, consegui perfeitamente trabalhar sozinha.

Comentários das coordenadoras brasileiras:

A participação de monitores/as brasileiros/as sempre foi considerada importante para o GMMP, dada sua extensão territorial, diversidade populacional e grande penetração dos diferentes meios de comunicação de massa. No Brasil, fala-se português, entretanto, o material para o GMMP 2009-2010 não foi traduzido para esse idioma, o que inviabilizaria o trabalho. A solução encontrada foi utilizar o material GMMP 2005, o que fez com que os/as monitores/as brasileiros/as não se beneficiassem das adequações feitas nos materiais do GMMP 2009-2010.

Exatamente no dia 10 de novembro de 2009, data do monitoramento global, ocorreu um caso de calamidade pública no país: o chamado “apagão”, que atingiu 18 Estados e deixou cerca de 90 milhões de pessoas sem eletricidade. O fato prejudicou sobremaneira os/as monitores/as que optaram pelo noticiário de rádio e TV. Essa foi uma das principais causas de ter havido monitoramento quase massivo de jornais impressos. Mas, supõe-se que essa não seja a única: outro fator está relacionado ao fato de haver facilidade em se preservar a edição do jornal, realizando o monitoramento posteriormente.

No GMMP 2009-2010, além do noticiário de rádio, TV e jornal, deveria ter sido incluído o da **Internet**, em função de vivermos em sociedades digitais e este meio ter alcançado um público sem fronteiras, em um mundo com novas noções de tempo e espaço, com um novo modo de pensar, sentir e agir. Há que se pensar em um guia específico para Internet, considerando-se a especificidade e inovação do veículo, cuja grande inovação é a possibilidade de interatividade.

**BRASIL****RELATÓRIO FINAL****PROJETO DE MONITORAMENTO DA MÍDIA GLOBAL 2005 (GMMP)****NOTICIÁRIO DE JORNAL IMPRESSO, TV E RÁDIO.****DIA 16 DE FEVEREIRO DE 2005*****Quem faz a notícia?***

por Vera Vieira

Visões e vozes femininas são marginalizadas no mundo da mídia; vozes masculinas predominam nas notícias ‘pesadas’; homens predominam como porta-vozes e especialistas; mulheres são retratadas duas vezes mais como vítimas em comparação aos homens; notícias ainda são relatadas e apresentadas principalmente por homens; repórteres femininas normalmente fazem cobertura de histórias ‘leves’; assuntos femininos são mais encontrados em notícias relatadas por jornalistas mulheres; dificilmente mulheres são o foco central de uma matéria; matérias reforçam estereótipos de gênero ao invés de desafiá-los; (des)igualdade de gênero não é considerada digna de ser notícia (só 4%!). Este é o resumo dos resultados gerais do Projeto Global de Monitoramento da Mídia, de 2005, realizado com o objetivo de aprofundar o estudo da representação de mulheres e homens nas notícias dos jornais, rádio e TV, com a participação de ativistas e investigadores /as. Em 16 de fevereiro de 2005, milhares de mulheres e homens, em 76 países espalhados pelo mundo, monitoraram aproximadamente 13 mil notícias.

Primeiramente realizado em 1995, depois em 2000 e 2005, o projeto é a pesquisa mundial mais abrangente já realizada sobre gênero na mídia. Em 2005, foi coordenado pela WACC (Associação Mundial para a Comunicação Cristã), uma organização não-governamental internacional, com sede em Londres, que promove a comunicação como fator de transformação social, em colaboração com Margaret Gallagher, consultora e analista de dados do Projeto de Monitoramento dos Meios de Comunicação, da África do Sul.

Os dados foram coletados por meio de esforços voluntários de milhares de pessoas e organizações, incluindo ativistas da causa de gênero e da mídia, grupos de



comunicação popular, professores/as e alunos/as na área de comunicação, profissionais da mídia, associações de jornalistas, redes alternativas e grupos eclesiais.

Infelizmente, os resultados nada animadores de 2005 ratificam os das pesquisas de 1995 e 2000, além de numerosos outros estudos regionais e nacionais realizados nos últimos 30 anos.

Veja, a seguir, o relatório do monitoramento realizado no Brasil, que foi coordenado por Vera Vieira, da Rede Mulher. O relatório mundial pode ser acessado, em inglês e espanhol, através do site www.whomakesthenews.org

Objetivo: Aprofundar o estudo da representação de mulheres e homens nas notícias dos jornais, rádio e TV, por ativistas e investigadores/as, em uma rede global extraordinária de mais de 100 países, com caráter voluntário, dedicada a documentar e mudar padrões estereotipados.

Coordenação do projeto:

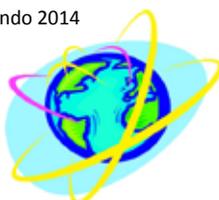
Geral: WACC (World Association for Christian Communication)

Brasil: Rede Mulher de Educação – Vera Vieira

Total de monitoras/es individuais convidadas/os no Brasil: 117, abarcando mulheres e homens, das diversas regiões brasileiras, com recorte de classe, etnia-raça, geração e de orientação sexual (ver correspondência enviada).

Número de monitoras/es individuais que realizaram o trabalho: 24 (ver relação no final deste relatório).

Indicação de jornais, noticiários de TV e rádio versus número de monitoramentos realizados:



JORNAIS IMPRESSOS: 07 jornais de diferentes regiões brasileiras.

JORNAIS INDICADOS E MONITORAMENTOS REALIZADOS

Folha de São Paulo (São Paulo): 03

O Estado de São Paulo (São Paulo): 01

O Globo (Rio de Janeiro): 02

Jornal do Brasil (Rio de Janeiro): 00

Correio Braziliense (Brasília-DF): 01

Jornal do Comércio (Recife/PE): 00

Zero Hora (Porto Alegre/RS): 02

TELEVISÃO: 6 canais abertos

EMISSORAS INDICADAS E MONITORAMENTOS REALIZADOS

Rede Globo – Jornal Nacional: 04

TV Cultura – Jornal da Cultura: 02

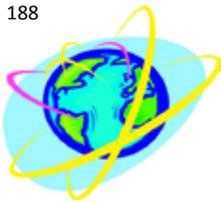
SBT – Jornal do SBT: 03

TV Bandeirantes – Jornal da Band: 02

TV Record – Jornal da Record: 03

Rede Vida – Repórter Nacional: 00

RÁDIO: 05 emissoras.



EMISSORAS INDICADAS E MONITORAMENTOS REALIZADOS

Jovem Pan: 05

CBN: 01

Globo: 03

Tupi: 00

Bandeirantes: 00

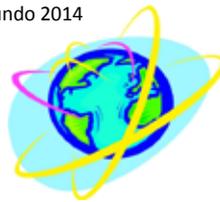
Principais manchetes do dia:

Eleição do presidente da Câmara - Severino Cavalcanti, do PP-PE, derrota Luiz Eduardo Greenhalgh, do PT-SP, que era o candidato apoiado pelo Governo. Severino é do chamado “baixo clero”, além de ser católico/conservador – rejeita o aborto e os gays.

Conflito de Terras no Pará - Envio de tropas do exército, depois do assassinato da religiosa Dorothy Stang – americana, naturalizada brasileira -, que teve repercussão internacional. Mais três pessoas foram assassinadas no Estado em disputas pela terra. Outras testemunhas sofrem ameaças.

Pressão contra a Síria após atentado no Líbano – Rumores de que o governo da Síria estaria por trás do ataque que matou, no dia anterior, em Beirute, o ex-premiê libanês Rafik Hariri.

Incidência detectada em notícias analisadas nos três veículos, referente ao item D. Análise do Sistema de Codificação, por todas/os participantes: (apesar da não necessidade de sistematização dos dados quantitativos pela coordenação de cada país,



considerou-se importante realizar pelo menos este item)

QUESTÃO	TV	JORNAL	RÁDIO
As mulheres são o centro da notícia?	Sim = 16 Não = 89 Não sei = 02	Sim = 10 Não = 70 Não sei = 06	Sim = 02 Não = 13 Não sei = 00
A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?	Sim = 15 Não = 95 Não sei = 00	Sim = 06 Não = 71 Não sei = 07	Sim = 00 Não = 15 Não sei = 00
A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?	Claramente desafia = 08	= 03	= 00
	Claramente reforça = 02	= 09	= 00
	Não desafia, nem reforça = 99	= 72	= 13
	Não sei = 01	= 03	= 02
Análise adicional (recomendação)	Sim = 13 Não = 74 Não sei = 03	Sim = 16 Não = 60 Não sei = 04	Sim = 02 Não = 13 Não sei = 00



Observa-se que há uma grande incidência apontando para a realidade de que:

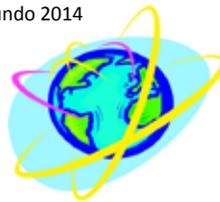
- As mulheres não são o centro das notícias.
- As notícias não destacam claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens.
- As notícias não desafiam e nem reforçam os estereótipos femininos e/ou masculinos.
- A maior parte das notícias não merece análise adicional.

Análise Qualitativa (em função do curto período de tempo para tal, está sendo cumprida a cota mínima, ou seja, a análise de uma notícia de cada veículo).

Para se obter uma noção mais precisa do conteúdo das notícias e das mensagens nelas contidas, é necessária uma análise da qualidade da cobertura jornalística. Esta é a etapa qualitativa do estudo.

A estrutura para a análise qualitativa, enviada pela WACC, foi formulada com o intuito de orientar na seleção de notícias que possibilitem uma análise crítica e profunda. Essas notícias ajudam a destacar algumas das complexidades e nuances que não podem ser percebidas por meio da análise quantitativa, além de enriquecer e ilustrar os relatórios do GMMP. A estrutura apresentada é a seguinte:

1. Notícia que carrega estereótipos gritantes.
2. Notícia que carrega estereótipos sutis.
3. Notícia que é uma oportunidade desperdiçada.
4. Notícia que questiona estereótipos.
5. Notícia que destaca os problemas referentes à igualdade ou desigualdade entre homens e mulheres.



Jornal impresso:

País: Brasil

Nome do jornal: Folha de S.Paulo - São Paulo, circulação diária nacional.

página E2 (caderno Ilustrada)

(notícia utilizada na etapa quantitativa)

Análise:

Notícia que carrega estereótipo gritante

Manchetes:

NEM OS AMIGOS QUERIDOS e

“DANIELA DEU UM TIRO NO PÉ”

Fontes:

- “amigos” de Daniella Cicarelli, modelo que se casou com o astro do futebol Ronaldo, em Paris, no castelo de Chantilly.

- Rodrigo Paiva, amigo e assessor de Ronaldo.

- Suzana Gullo, socialite.

- Álvaro Garnero, empresário amigo de Ronaldo e namorado da modelo Caroline Bittencourt, expulsa da festa por Daniella Cicarelli (entrevista, com 5 perguntas).

Verifica-se a predominância de fontes masculinas. O número não equivalente de fontes femininas e masculinas pode ser justificado pelo fato de a imprensa não ter tido acesso ao evento.

Não se verifica discriminação no tratamento das fontes; não se coloca fonte masculina como especialista e fonte feminina como leiga.



Verifica-se que a credibilidade de uma fonte foi afetada, no caso da frase supostamente dita pela modelo Daniella Cicarelli, entre aspas, mas creditada a amigos”. (“Eu deixei de convidar um monte de amigos queridos, como é que eu iria deixar na minha festa alguém que falou mal de mim?”).

Imagens e Legendas:

- Foto medindo 19,5cm x 12cm, na parte superior, à esquerda.

- Foto medindo 9,5cm x 9,5cm, no centro.

Legenda: O castelo de Chantilly iluminado (acima) para receber os 250 convidados do casamento; a modelo Caroline Bittencourt (abaixo).

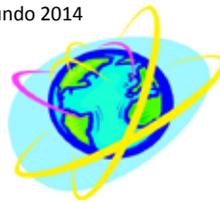
- Foto medindo 9cm x 11,5cm, logo abaixo do centro, à direita.

De que maneiras esta notícia carrega estereótipos gritantes?

Deixou de ter relevância a notícia do casamento de Ronaldo, um jogador brasileiro considerado o maior astro do futebol pelo mundo todo, com Daniella Cicarelli, modelo brasileira famosa. O grande fato explorado foi a “baixaria” entre as duas modelos, o que ganhou enorme repercussão em todos os veículos de mídia, por vários dias (Daniella expulsou a modelo Caroline Bittencourt, namorada de Álvaro Garnero, amigo de Ronaldo; ele também se retirou da festa).

Se por um lado, a atitude de Daniella reforça os estereótipos de gênero, por outro lado, a mídia alimentou e disseminou de forma descomunal esses estereótipos (no sentido de remeter a ‘coisas de mulher’ – emotiva, ciumenta, fofoqueira, descontrolada, vingativa, senso de rivalidade, etc.). As manchetes também confirmam esta análise (*Nem os amigos queridos; ‘Daniella deu um tiro no pé’*).

Mesmo considerando-se que qualquer atitude ou declaração de pessoas famosas ganhe repercussão, há que se ponderar que houve ênfase desproporcional exatamente pela “baixaria” entre duas mulheres. Será que se o jogador Ronaldo tivesse expulsado algum homem da festa, a atitude dele teria a mesma repercussão?



TELEVISÃO

País: Brasil

Nome do noticiário: Jornal da Record – TV Record - São Paulo, nacional, TV aberta, de segunda a sábado, às 20h10.

(notícia utilizada na etapa quantitativa – 2ª. notícia do programa)

Análise:

Notícia que é uma oportunidade desperdiçada

Manchete:

O EXÉRCITO MANDA 2 MIL MILITARES PARA A ÁREA DE CONFLITOS DE TERRAS NO PARÁ.

ATÉ AGORA NÃO FOI PRESO NENHUM SUSPEITO DE MATAR A FREIRA DOROTHY MAE STONG ENTERRADA ONTEM.

Fontes:

- Eloina Araújo, trabalhadora rural: “Para mim ela foi mais do que uma mãe; uma mulher lutadora, batalhadora”.
- Tenente Coronel Germer, comandante do batalhão de selva: “Essa função específica não está definida ainda; os homens chegaram, e serão alojados aqui no batalhão, e aguardarão, então, as ordens que deverão chegar nos próximos dias, onde saberemos exatamente o que iremos fazer.”
- Parlamentares (fonte citada pelo âncora): “Parlamentares foram ao local de execução da freira; pedem a presença permanente do governo federal para conter a violência na região.”
- Comissão Pastoral da terra (fonte citada pelo âncora): “A Comissão Pastoral da Terra divulgou a lista de 161 pessoas ameaçadas desde 9 de janeiro do ano passado.



Para a CPT os números indicam que o governo fracassou na área social.”

- Dom Tomás Balduino, presidente da CPT: “É fracasso; pode ser assim que do lado do agronegócio, do superávit primário, da diminuição do risco Brasil, ser sucesso.”

- Ana Júlia, senadora do PT/PA: “Imediatamente a presença permanente do governo federal, não apenas uma força-tarefa, com a presença do INCRA, IBAMA e polícia federal.”

- Comando do Exército (fonte citada pelo repórter Antônio Machado, de Brasília): “O Comando do Exército divulgou uma nota agora há pouco na qual explica que o deslocamento da tropa é para garantir a lei e a ordem na região de conflito do Pará. (...)”.

Verifica-se uma equivalência do número de pessoas que aparecem sendo entrevistadas (2 mulheres e 2 homens), a declaração das mulheres é menor que a dos homens. As mulheres deveriam ter tido mais tempo para falar, além de outras serem entrevistadas, sob outros ângulos, já que o assunto envolve o assassinato de uma mulher que era líder na região. As mulheres também são as mais afetadas com as consequências dos conflitos de terra.

Nada se falou sobre o envolvimento de latifundiários e grileiros, suspeitos do crime.

Imagens:

- Obviamente, é compreensível que a imagem da chegada das tropas do exército só mostre homens. Entretanto, as demais imagens privilegiam a figura masculina. As mulheres são vistas, numa análise das imagens, como coadjuvantes da questão agrária. Se assim fossem, uma mulher não teria sido assassinada.

De que maneira esta notícia é uma oportunidade desperdiçada?

Esta notícia fala sobre a chegada do exército no estado do Pará, em função dos conflitos de terra que levaram ao assassinato de uma religiosa norte-americana, naturalizada brasileira, que era uma grande líder na região. Outros líderes (homens) foram assassinados e muitos sofrem ameaças.

Desperdiçou-se a oportunidade de entrevistar as mulheres rurais da região,



tanto para demonstrar a força e o papel que exercem nessa luta, como para analisar com mais profundidade o significado da trágica perda de uma liderança feminina.

Também desperdiçou-se a oportunidade de abordar o drama das mulheres que tiveram seus maridos assassinados e as que vivem na família a ameaça de morte. Além de essas mulheres engravidarem, ou estarem prestes a engravidar, a lista de “chefes de família”, vão continuar a luta por si.

A notícia deixa de focar as diferenças das conseqüências dos conflitos de terras para mulheres e homens.

Rádio

País: Brasil

Nome do noticiário: Globo Cidade – Rádio Globo - São Paulo (capital, somente), de segunda à sexta-feira, às 17h.

(notícia utilizada na etapa quantitativa – 1ª. notícia do programa)

Análise:

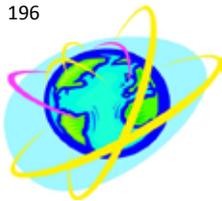
Notícia com estereótipos mais sutis

Manchete:

PREFEITURA CORTA A MERENDA ESCOLAR DOS ALUNOS DE SUMARÉ.

Fontes:

- Mães de alunos (fonte citada pelo repórter): “Na segunda-feira, primeiro dia do ano letivo, mãe de alunos do período da manhã criticaram a decisão. As crianças saem de casa em jejum e agora ficam apenas com a merenda do intervalo, às 9h.”



- Maria Belintani Ferminiano, Secretária Municipal de Educação (fonte citada pelo repórter): “Segundo a Secretária, o corte da merenda foi a forma encontrada pela prefeitura para reduzir gastos diante da crise financeira enfrentada pela administração”.

- Prefeitura de Sumaré (fonte citada pelo repórter): “A Prefeitura de Sumaré divulgou ter adotado como critério para o corte o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que estabelece como refeição ideal para o estudante 360 calorias e 9 gramas de proteína, o que é atendida e entendida como a refeição no caso da merenda escolar.”

As fontes governamentais referem-se unicamente a material de imprensa pré-distribuído. Não há nenhuma declaração ao vivo, nem mesmo das mães que “foram pegas de surpresa”.

A Secretária de Educação é tratada pelo âncora como “dona”, numa clara tentativa de inferiorizá-la, afetando, com isso, a competência e a credibilidade desta fonte.

De que maneira esta notícia apresenta estereótipos mais sutis?

Esta notícia fala sobre o corte da merenda escolar dos alunos da rede pública municipal de Sumaré.

Durante a análise final do âncora, é ressaltado que, ao invés de cortar a merenda, deveria demitir gente que não faz nada. A sutileza na apresentação dos estereótipos de gênero está no fato de o âncora chamar a Secretária de Educação de “dona” e “senhora” e no fato de dizer “... não é pra chegar na frente do prefeito e dizer amém, (...) mostra que a senhora tem alguma personalidade...”. Há um reforço dos estereótipos, ao, sutilmente, direcionar esse tipo de tratamento para uma mulher, e não para um homem, além de reforçar o imaginário construído de que “as mulheres sempre dizem amém aos homens” (condição de subordinação). Também desperdiçou-se a oportunidade de abordar o drama das mulheres.



Avaliação do GMMP 2005 pelas/os participantes:

9.1. Deixe seus comentários a respeito da codificação (etapa quantitativa do projeto). As instruções para o monitoramento foram claras? O sistema de codificação foi simples? Você encontrou alguma dificuldade? Gostaria de dar alguma sugestão?

- Estava tudo muito claro; lendo com muita atenção, não há como ter dúvidas.
- Instruções muito claras, simplificando a codificação.
- Instruções claras; sistema simples; exemplos foram de grande utilidade; dificuldade em identificar a idade das pessoas (seria melhor utilizar uma tabela por décadas: de 20 a 30); dificuldade em determinar se uma notícia, em sua totalidade, reforça ou não os estereótipos, ou contribui para a desigualdade/ igualdade entre homens e mulheres.
- Bom sistema de monitoramento, mas falta incluir o recorte racial, tanto de quem monitorou, como do conteúdo pesquisado.
- Sistema claro, porém, é necessário um prazo maior.
- Sistema claro e simples, mas que exige muita concentração; faltou informação sobre como codificar quando o âncora dá a notícia completa.
- Sistema simples; sem dificuldades.
- Sistema simples, mas poderia ser mais resumido para não parecer cansativo de fazer.
- Sistema simples, porém, são muitas as instruções e os passos a serem dados.
- Sistema simples, bastando acompanhar rigorosamente as instruções.

9.2. Deixe seus comentários a respeito da relevância das questões abordadas pelo GMMP 2005, com relação à desigualdade entre os sexos retratada pela mídia. As questões foram relevantes? Que outros problemas você acha que deveriam ser abordados?

- Realmente, a desigualdade entre os sexos ainda é muito grande; percebi que mesmo a reportagem sendo sobre uma mulher, quem ganha destaque é o homem.
- Em alguns temas abordados pela mídia, a presença da mulher é totalmente insignificante; a desigualdade é bem retratada.



- De um modo geral, achei as questões relevantes. Talvez fosse interessante, mas é só um palpite, avaliarmos a aparência das mulheres e homens que aparecem ao longo do jornal de televisão. A minha impressão é que a mulher está sempre mais arrumada, de saia, etc., enquanto os homens não necessariamente. Digo isso quanto aos entrevistados, não sobre os repórteres (embora talvez também se aplique).
- Seria importante abordar as condições socioeconômicas onde for possível (jornal e televisão, principalmente). O recorte racial também é importante nesses registros.
- Dá visibilidade às mulheres repórteres e jornalistas. Mostra a ausência das mulheres em questões relevantes, dedicando um pouco mais quando envolve escândalo ou violência.
- Não tenho outros a acrescentar.
- Creio que a codificação ajuda a perceber o quanto as mulheres são pouco ou em quase nada destacadas no noticiário, somente aparecendo como protagonistas da matéria quando são vítimas.
- Foram boas, mas poderiam ser mais completas para que não houvesse dúvidas de qual seria a questão abordada em cada uma. Deveriam abordar também a discriminação racial que é um problema muito grave enfrentado hoje em dia.
- Gostei bastante do questionário bem completo e se, perguntas fúteis, acho também que poderiam ser abordados não só com mulheres, mas, sim, a todo tipo de discriminação.
- Creio que o monitoramento poderia ser feito de duas maneiras. Algumas parceiras deveriam monitorar a mídia com programação nacional; outras, a mídia com conteúdo regional. Ao regionalizar o monitoramento, é possível diagnosticar melhor a participação ou não da mulher no conteúdo da mídia.

9.3. Deixe seus comentários a respeito da análise qualitativa. As instruções foram claras? Você encontrou alguma dificuldade? Gostaria de dar alguma sugestão? (resposta da coordenadora Vera Vieira, da Rede Mulher, responsável pela análise qualitativa).

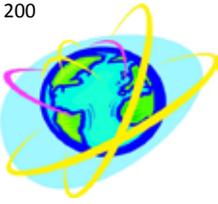
As instruções foram muito claras, tanto em termos dos tópicos a serem abordados, como em termos dos exemplos fornecidos.



A escassez de tempo não permitiu uma maior e uma melhor análise qualitativa.

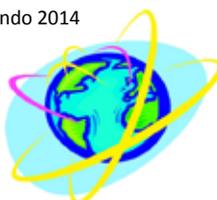
9.4. Como a sua organização pretende utilizar os resultados do GMMP 2005 na defesa de suas causas?

- Minha organização não trabalha diretamente com causas de gênero, mas o monitoramento me deixou pensando sobre a questão da mídia e do quanto se reforça o papel social/cultural da mulher. Quem sabe, podemos desenhar um projeto nesse sentido.
- De posse do resultado geral, seria fundamental estimular o debate junto a outros órgãos de mídia, e em setores internos à Seppir (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), estimulando a transversalidade na política de comunicação.
- Divulgando na mídia local. Em trabalhos com outras entidades parceiras e instituições públicas e privadas (UFMT, outras universidades, escolas, assembléia legislativa, etc.).
- Penso que os resultados poderão ser fonte de pesquisa e argumentação para definição dos nossos programas sociais.
- Na conscientização dos profissionais da mídia, para darem maior foco à mulher enquanto protagonista/promotora de processos centrais na vida do país, mesmo que estejam em minoria no cenário nacional.
- Mostrando para o povo e para todos o mal que isso causa a uma sociedade e o atraso do desenvolvimento causado por uma discriminação.
- Mostrando a evolução que a mulher teve no mercado e na mídia, com o passar dos anos, em vários países, comparando assim seu desenvolvimento.
- O Núcleo de Estudos, Pesquisas e Organização da Mulher (Nuepom) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) poderá usar os dados do monitoramento como suporte nas pesquisas das alunas e alunos do curso de Serviço Social. Também, nas oficinas realizadas com instituições parceiras em Cuiabá, em Mato Grosso e no Brasil. Ainda, em divulgações da própria mídia regional ou em publicações independentes do Nuepom, como de seus membros.



9.5. Algum outro comentário?

- Ao participar do Projeto de Monitoramento, pude avaliar que aumentou o meu senso de observação, concentração e, conseqüentemente, melhor avaliação das notícias abordadas.
- Adorei participar deste esforço conjunto mundial. Só tive problemas com a gravação do jornal de TV por mim monitorado. Embora tenha testado o aparelho uma semana antes, no dia não consegui gravá-lo... Foi a maior dor de cabeça conseguir a gravação do programa, além de ter um custo alto. Talvez como esse esforço só acontece de cinco em cinco anos, e os programas de televisão não são muitos, a própria organização responsável pela coordenação poderia gravar e mandar para cada pessoa fazer o monitoramento.
- Acho fundamental divulgar o trabalho da pesquisa para órgãos de governo, instituições não-governamentais e de pesquisa em geral. Fundamental também ter no resultado uma chance de aproveitar o debate do papel do poder público em relação à mídia.
- Não pude revisar o que fiz, em função do acúmulo de trabalho e do curto tempo.
- Obrigada por ter sido escolhida. Até 2010!

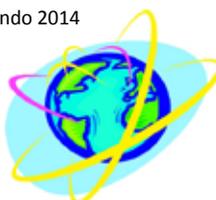


Relação das/os participantes do Brasil, com um agradecimento especial pelo excelente trabalho:

PARTICIPANTES E VEÍCULO MONITORADO

Angelita Garcia – Brasília/DF (SEPPIR): Rádio CBN
Antonio Carlos de Oliveira – Rio (NOVA Pesquisa): Jornal O Globo
Beatriz Cannabrava – SP (Rede Mulher): Jornal O Estado de São Paulo
Cláudio E.G. Dutra – Santa Maria/RS (pesquisador): Jornal Zero Hora
Edna Santana e Walkíria Ferraz - SP (Rede Mulher): Jornal Nacional – Rede Globo
Eloy Teckemeier – S.Leopoldo/RS (Editora Sinodal): Jornal Zero Hora
Gonçalo Guimarães – Rio (ITCP Coppe): Jornal O Globo
Inês Meneguelli – SP (Instituto Consulado da Mulher): Jornal Nacional – Rede Globo
Irak R.Eghrari – Brasília/DF (Comunidade Baha’i): Jornal Correio Braziliense
Laura D.Mattar – SP (ILANUD): Jornal da Band – TV Bandeirantes
Lúcia Felipe – Londrina/PR (pesquisadora): Jornal da Cultura – TV Cultura
Lucilene Cruz e Maria Ap. Oliveira – Sumaré/SP (Rede Mulher): Rádio Jovem Pan
Madalena R. Santos – Cuiabá/MT (Rede Mulher): Jornal Folha de São Paulo
Márcio A.Kowalski, Mariana Neves e Rafael Carrara: São Bernardo do Campo/SP (Universidade Metodista)
Rádio Jovem Pan e Rádio Globo: Jornal do SBT e da TV Record
Maria Angélica Lemos – SP (COMULHER): Jornal da Cultura – TV Cultura
Maria Aparecida Cotti Silva – Cuiabá/MT (NUEPOM/UFMT): Jornal da Band – TV Bandeirantes
Sandra Regina Monteiro – São Miguel/TO (Rede Mulher): Jornal Folha de São Paulo
Sylvia Cavasin – SP (ECOS): Jornal Folha de São Paulo

Anexos



1. Cartas enviadas às(aos) participantes

São Paulo, 14 de maio de 2014.

Assunto: Projeto A *MULHER NO NOTICIÁRIO BRASILEIRO*
Notícias de jornal impresso, online, TV e rádio, no dia **23/6/2014**
(segunda-feira)
Realização: Rede Mulher de Educação e Grupo de Estudos de
Gênero e Religião Mandrágora/Netmal (UMESP)
Coordenação: Vera Vieira e Sandra Duarte de Souza
Apoio: WACC (World Association for Christian Communication)

Estimada/o companheira/o

Você está sendo convidada/o a participar como MONITOR/A INDIVIDUAL do Projeto A *MULHER NO NOTICIÁRIO BRASILEIRO*, que ocorrerá no dia **23/6/2014 (segunda-feira)**, em cidades das distintas regiões brasileiras e no Distrito Federal. O objetivo principal é o de aprofundar o estudo da representação das mulheres e dos homens nas notícias dos jornais, online, rádio e TV, no que concerne aos estereótipos sexistas, racistas e de orientação sexual. Ao reunir ativistas e investigadoras/es Brasil afora, com caráter voluntário, será concretizada uma atividade fundamental visando documentar, instrumentalizar para mudar padrões de representação nas notícias e incidir em políticas públicas. Busca-se o impacto da contribuição na reconfiguração da representação dos papéis da mulher na mídia por meio de novas narrativas. Bem-vinda/o à rede brasileira de investigadores/as! As/os participantes que aderirem ao projeto irão receber, posteriormente, um guia específico com subsídios para realizar o monitoramento. Ao final, receberão, também, um certificado especial de participação.

Considera-se estratégica a escolha de uma data de monitoramento durante o período de realização da Copa do Mundo 2014 no Brasil, para se analisar os



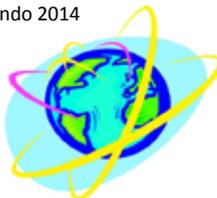
estereótipos discriminatórios que prevaleceram nas notícias na ocasião, quer tenham ou não relação com o evento.

O projeto prevê uma pequena verba que possibilitará a análise quantitativa e qualitativa por profissional da área, a elaboração de uma publicação online com todos os resultados e atividades de divulgação junto aos meios de comunicação de massa.

A presente atividade, em nível nacional, vem se somar às anteriores realizadas pela WACC, em nível internacional, através do Projeto Global de Monitoramento da Mídia (GMMP, sigla em inglês, realizado em quatro edições, a cada cinco anos: 1995/2000/2005/2010). É imprescindível entregar às pessoas ativistas, nas questões de gênero e comunicação, uma ferramenta que lhes permita realizar lobby a favor de melhores políticas de comunicação, levando em conta a questão de gênero, raça e orientação sexual. Tais projetos incentivam às pessoas que trabalham em prol dos direitos da mulher a abordar a inter-relação com os meios de comunicação de massa.

O projeto *A MULHER NO NOTICIÁRIO BRASILEIRO* conta com a coordenação da Dra. Vera Vieira, pela Rede Mulher de Educação, e da Dra. Sandra Duarte de Souza, pelo Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal (UMESP). Aceitaram este trabalho por acreditar na importância da leitura crítica dos meios e na consequente alteração dos padrões vigentes para a conquista de um mundo com equidade de gênero, sem racismo e homofobia.

É imprescindível sua valiosa colaboração no monitoramento das notícias de um dos veículos (jornais impressos, online, emissoras de TV e emissoras de rádio). Abaixo, junto com sua concordância em participar deste projeto, solicitamos que defina o noticiário que irá monitorar (qual jornal impresso, qual noticiário de TV, qual noticiário de rádio, qual produto online), para que possamos encaminhar as instruções, com o respectivo guia e a respectiva planilha. Por favor, solicitamos que nos envie sua resposta **até o dia 22/5/2014**. Se tivermos um número muito grande de voluntárias/os para monitorar determinada mídia, vamos consultá-las/os acerca da possibilidade de mudar de veículo para, assim, conseguirmos abarcar o maior número possível de notícias.



Contamos com seu fundamental entrelaçamento nessa rede de monitoramento da mídia, para avançar na eliminação dos estereótipos que tanto exacerbam as desigualdades de gênero, raça e orientação sexual.

() Aceito participar do monitoramento do noticiário do dia **23/6/2014 (segunda-feira)**.

Vou monitorar o seguinte noticiário:

- Jornal impresso....., da cidade/UF

- Jornal da emissora de rádio....., da cidade/UF

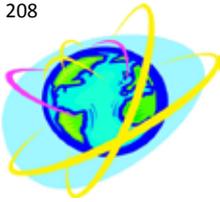
- Jornal da emissora de TV....., da cidade/UF

- Produto online.....

Um abraço carinhoso,

Vera Vieira
Rede Mulher de Educação
Associação Mulheres pela Paz

Sandra Duarte de Souza
Grupo de Estudos de Gênero e
Religião
Mandrágora/Netmal (UMESP)



São Paulo, 10 de junho de 2014.

Assunto: Envio de guia(s) DE MONITORAMENTO
Projeto A MULHER NO NOTICIÁRIO BRASILEIRO
Notícias de jornal impresso, online, TV e rádio, no dia **23/6/2014**
(segunda-feira)

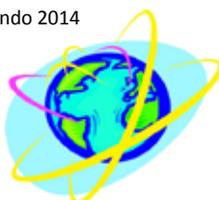
Estimada(o) companheira(o),

Primeiramente, gostaríamos de agradecer imensamente pela sua adesão como MONITOR/A INDIVIDUAL do Projeto A MULHER NO NOTICIÁRIO BRASILEIRO, que ocorrerá no próximo dia 23 de junho (segunda-feira), em todos os estados brasileiros e no distrito federal.

Como você escolheu monitorar **jornal impresso e televisão**, estamos anexando os respectivos guias, que ajudarão nesta tarefa imprescindível, que visa documentar e incidir para alterar os padrões de representação da mulher nas notícias. Cada guia contém o passo a passo detalhado para facilitar a tarefa de monitoria.

Para que possamos sistematizar todos os resultados do Brasil em tempo hábil para a continuidade das demais tarefas do projeto, solicitamos nos **encaminhar seu trabalho de monitoria até, no máximo, dia 20 de julho**. A devolução pode ser feita via email para: rdmulher@redemulher.org.br com cópia para vera7vieira@globo.com e sanduarte@uol.com.br. Os artigos de jornais impressos podem ser escaneados. Com relação aos noticiários de TV, rádio e online, basta enviar o(s) link(s). E NÃO SE ESQUEÇA DE PEDIR PARA QUE TIREM UMA FOTO SUA REALIZANDO O MONITORAMENTO (envie-nos, para que possamos incluí-la na publicação).

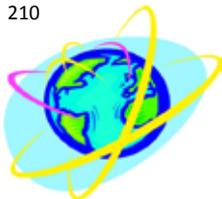
Colocando-nos à inteira disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que porventura existam, desejamos a todas(os) um excelente trabalho.



Um abraço carinhoso,

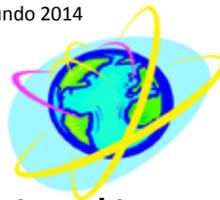
Vera Vieira
Rede Mulher de Educação
Associação Mulheres pela Paz

Sandra Duarte de Souza
Grupo de Estudos de Gênero e
Religião - Mandrágora/Netmal
(UMESP)



2. Certificado de participação





3. Guia e Folha de Codificação - Jornal Impresso

Considerando-se que o roteiro sofre leve alteração nos diferentes veículos, publicamos, a seguir, somente o do jornal impresso, bem como a respectiva folha de codificação:

PLANEJAMENTO & PREPARAÇÃO

• Como selecionar produtos:

Selecione apenas jornais diários* que são impressos.

Selecione os jornais diários mais importantes, por exemplo:

Aqueles que parecem ter maior circulação;

Aqueles que parecem ter uma reputação melhor para notícias.

Selecione jornais que refletem variedade e equilíbrio. Considere fatores como:

Propriedade: exemplo: privada, pública, estatal.

Posição Política: exemplo: canais que apóiam ou se contrapõem a partidos políticos específicos, governo.

Audiência Alvo: exemplo: jovens, pessoas de meia idade, idosos, elite, popular.

• O que codificar:

Codifique de dez até 12 histórias das páginas principais de cada jornal.

Comece com a página de notícias principal (normalmente página 1). Codifique todas as notícias desta página. Em seguida, vá para a próxima maior página de notícias.

Codifique apenas notícias – não codifique editoriais, comentários, cartas ao editor.

Se uma história começa em uma página e continua em outra, codifique toda a notícia.

Algumas notícias consistem de uma fotografia com um título, legenda ou texto.

Codifique exatamente como as notícias mais longas.

Não codifique:

Editoriais, comentários, cartas ao editor.

Listagem de notícias. Na primeira página de alguns jornais, você encontrará uma listagem de notícias que aparecerão nas páginas internas. Não codifique estas notícias.

Histórias em quadrinhos e piadas.

Previsão do tempo (embora você deva codificar histórias sobre o tempo – uma inundação, ondas de calor, seca, etc – que aparecem nas páginas principais).

Anúncios.



Se você não souber se deve ou não codificar algo, codifique e junte uma nota às tabelas de códigos para descrever o motivo da sua dúvida.

Quais são as páginas das notícias principais?

Cada jornal é diferente, portanto, é impossível dar instruções precisas de como selecionar as páginas das notícias principais. Aqui estão algumas diretrizes:

De um modo geral, as páginas das notícias principais são dedicadas às notícias nacionais, internacionais e, em alguns casos, regionais;

Seções especiais de um jornal, por exemplo, seção de esportes, seção de estilo de vida, negócios, não devem ser codificadas. Geralmente, se as notícias de esportes ou negócios forem consideradas importantes ou de interesse para todos os leitores, serão colocadas nas páginas principais;

Tenha em mente o objetivo do projeto: monitorar a representação das mulheres nas notícias mais importantes do dia. Se você achar que há poucas mulheres nas histórias mais importantes, então é isto: você não deverá “procurar” por reportagens que incluam mulheres.

• Aspectos práticos

Trabalhe em dupla, se possível, para assegurar a codificação precisa;

Coloque claramente toda informação na tabela de códigos;

Use um lápis preto escuro (não uma caneta) para que você possa corrigir erros e tirar cópias mais legíveis.

Verifique cada tabela de códigos que estiver completa para detectar erros e omissões.

Guarde cópias das tabelas caso perca os originais.

• Antes de começar a codificar

Para cada artigo de jornal, você precisará fornecer quatro tipos de informação:

Sobre o jornal;

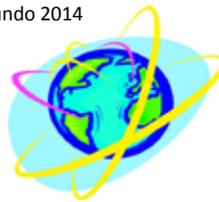
Sobre a notícia;

Sobre as pessoas na notícia;

Análise da notícia.

Na próxima seção deste Manual, o Sistema de Codificação de Jornal detalhará toda informação necessária, bem como uma variedade de possíveis respostas. Você deve escolher um número ou código que corresponda à sua resposta e registrar este código na Tabela de Codificação de Jornal.

Sugerimos que primeiro você leia todo o sistema de codificação para ter uma ideia



geral do que está envolvido. Depois disso, você deve trabalhar com o exemplo que é dado no final desse manual de monitoramento. Ele conduzirá você passo a passo em um artigo de jornal, mostrando exatamente como selecionar seus códigos. Você poderá também achar útil estudar os exemplos nos Manuais de Monitoramento de Televisão e Rádio.

Depois disso, você estará pronto/a para começar a codificar!

SISTEMA DE CODIFICAÇÃO DE JORNAL

A. INFORMAÇÕES BÁSICAS

Registre esta informação uma vez para cada jornal – no canto superior direito da tabela de códigos.

Código do/a Monitor/a: Este é o seu código individual. Você receberá seu código antes do dia de monitoramento.

Nome do jornal: Seja o mais específico possível.

B. NOTÍCIA

Codifique essa informação **uma vez** para cada notícia – na primeira linha codificada para a notícia, nas colunas de 1 a 3.

1. Número da página

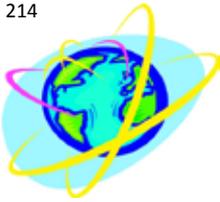
Registre o número da página na qual a notícia começa.

2. Assunto

Desenvolvemos uma lista de 44 assuntos possíveis, os quais estão agrupados em categorias (política e governo, economia, etc). Para cada um dos 44 assuntos, sugerimos um número de tópicos para ajudá-la/o a relacionar a notícia na área apropriada de cada assunto. Por exemplo: se a notícia é sobre pobreza, moradia, bem estar social ou sobre como ajudar aqueles que são necessitados, você codificará com o número 7, mas os tópicos que listamos não são completos. . Então, se a notícia é sobre um assunto relacionado – por exemplo, planos para demolir favelas, um esquema de remanejamento dos cortiços urbanos restantes – você também codificará 7.

Dentro de cada categoria principal, incluímos um código para “outras notícias”. Por favor, use este código **somente como último recurso**.

Escolha **um** assunto que melhor descreve como a notícia é contada. Lembre-se de que um único acontecimento pode ser contado de diferentes maneiras. Por exemplo, o ataque de bombas aos passageiros do trem em Madri, em março de 2004:



Uma reportagem sobre como os ataques foram conduzidos é assunto = 34 Guerra, guerra civil, terrorismo.

Uma reportagem sobre como esse evento pode afetar as relações diplomáticas da Espanha com o Reino Unido e os EUA é assunto = 2 Política Externa/ internacional.

Às vezes, alguns assuntos serão cobertos dentro da mesma notícia. Escolha um que seja apresentado de modo predominante – por exemplo, em termos de quantidade de tempo ou comentário dedicado a ele.

Política e Governo

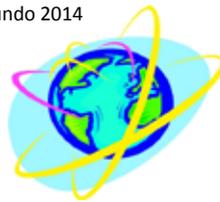
- Política interna/governo (local, regional, nacional), eleições, discursos, o processo político...
- Política Externa/internacional, relações com outros países, negociações, acordos, manutenção da paz nas Nações Unidas...
- Defesa nacional, despesas militares, treinamento militar, paradas militares...
- Outras notícias sobre política e governo (especifique o assunto na seção “Comentários” da tabela de códigos)

Economia

- Políticas econômicas, estratégias, modelos (nacional, internacional)...
- Indicadores econômicos, estatísticas, negócios, comércio, mercado de ações...
- Pobreza, moradia, bem-estar social, ajuda aos necessitados...
- Direitos trabalhistas, greves, sindicatos, negociações, emprego, desemprego...
- Economia rural, agricultura, lavoura, política agrícola, direitos territoriais...
- Direitos do consumidor, proteção ao consumidor, regulamentação, preços, fraude do consumidor...
- Transporte, tráfego, estradas...
- Outras notícias sobre economia (especifique o assunto na seção “Comentários” da tabela de códigos)

Ciência e Saúde

- Ciência, tecnologia, pesquisa, fundos, descobertas, desenvolvimentos...
- Medicina, saúde, higiene, segurança, invalidez, pesquisa médica, fundos (exceto HIV-AIDS)...
- HIV-AIDS, incidência, política, tratamento, pessoas afetadas...
- Outras epidemias, viroses, doenças contagiosas, BSE (Bovine Spongiform Encephalopathy - Encefalopatia Espongiforme Bovina), SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome - Síndrome Respiratória Aguda Grave)...



- Controle de natalidade, fertilidade, esterilização, amniocentese (exame do líquido amniótico que envolve o feto), interrupção da gravidez...
- Meio Ambiente, natureza, poluição, aquecimento global, ecologia, turismo...
- Outras notícias sobre ciência ou saúde (especifique o assunto na seção “Comentários” da tabela de códigos).

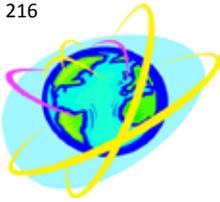
Social e Legal

- Problemas de desenvolvimento, sustentabilidade, desenvolvimento comunitário...
- Educação, educação infantil, berçários, pré-escola à universidade, educação para adultos, alfabetização...
- Relações familiares, conflitos entre gerações, pais solteiros...
- Direitos humanos, direitos da mulher, direitos da criança, direitos dos homossexuais, direitos das minorias...
- Religião, cultura, tradição, controvérsias, ensinamentos, celebrações, práticas...
- Migração, refugiados, busca de asilo, conflitos étnicos, integração, racismo, xenofobia...
- Movimentos feministas, ativismo, eventos, demonstrações, defesa da igualdade dos sexos...
- Mudança de relação entre os sexos, papéis e relacionamentos da mulher e do homem dentro e fora de casa...
- Lei familiar, códigos familiares, lei da propriedade, lei e direito de herança...
- Sistema legal, sistema judicial, legislação (exceto leis da família, propriedade e herança)...

30 Outras notícias de problemas social ou legal (especifique o assunto na seção “Comentários” da folha de códigos)

Crime e Violência

- Crimes não-violentos, suborno, roubo, comércio de drogas, corrupção, (incluindo corrupção política/malversação) ...
- Crimes violentos, assassinato, rapto, sequestro, agressão, violência envolvendo drogas...
- Violência sexual, assédio, violência doméstica, estupro, tráfico, mutilação genital...
- Guerra, guerra civil, terrorismo, violência do estado...
- Motim, manifestação, comoção pública...
- Desastre, acidente, fome, terremoto, enchente, furacão, acidente de avião, acidente de carro...



- Outras notícias de crime e violência (especifique o assunto na seção “Comentários” da folha de códigos)

Celebridade, Artes e Mídia

38 Notícias de celebridades, nascimentos, casamentos, óbitos, pessoas famosas, realizações...

39 Artes, entretenimento, lazer, cinema, teatro, livros, dança...

- Mídia, incluindo a mídia moderna (computadores, internet), fotos masculinas e femininas, pornografia...

41 Concursos de beleza, modelos, moda, dicas de beleza, cirurgia cosmética...

42 Esportes, eventos, jogadores, instalações, treinamento, política, capital...

43 Outras notícias de celebridades, artes e mídia (especifique o assunto na seção “Comentários” da folha de códigos)

Outros

44 Outros assuntos: use **apenas** se o assunto não se encaixar em nenhum código acima (especifique o assunto na seção “Comentários” da folha de códigos)

3. Espaço da notícia

Codifique a maior área geográfica: se o evento tem importância local e regional, codifique regional.

0 Não se sabe

1 **Local:** Importante no Estado, na cidade, comunidade, área.

2 **Regional:** Importante na região

3 **Nacional:** Importante no país

4 **Internacional:** envolve outros países ou o mundo em geral (ex.: aquecimento global)

C. JORNALISTAS E PESSOAS NA NOTÍCIA

Use uma linha na folha de códigos para:

Cada jornalista/repórter que escreveu a notícia e de quem o nome apareceu. Não codifique jornalistas sem nome, (exemplo: repórter empregado: nosso correspondente).

Cada pessoa que é entrevistada na reportagem.

Cada pessoa citada na reportagem, mesmo diretamente ou indiretamente*

Qualquer pessoa que seja o assunto da notícia, mesmo se elas não foram entrevistadas ou citadas.

*Uma pessoa é **citada diretamente** se suas próprias palavras são impressas na



reportagem – exemplo : “Eu estou decepcionado e bravo com o uso contínuo de drogas nos esportes”, disse o presidente do Comitê Olímpico.

Uma pessoa é **citada indiretamente** se suas palavras são paráfrases ou se foram resumidas na reportagem – exemplo: “O presidente do Comitê Olímpico expressou seu aborrecimento sobre o incidente do uso de drogas”.

Codifique **apenas** indivíduos.

Não codifique:

Agências jornalísticas

Grupos (ex. um grupo de enfermeiras, um grupo de soldados)

Organizações, empresas, coletividades (ex. Partidos políticos)

Pessoas que são simplesmente mencionadas ou listadas na reportagem (**a menos que** a reportagem seja sobre eles).

Personagens de novelas e filmes (**a menos que** a notícia seja *sobre* eles)

Figuras históricas falecidas (**a menos que** a notícia seja *sobre* eles)

Intérpretes (Codifique a pessoa entrevistada como se ela falasse sem intérprete).

4. Papel

1 Não utilize este código para os jornais.

2 Repórter, jornalista.

3 Não utilize este código para os jornais.

4 Pessoa na notícia: entrevistados, pessoa que é citada (diretamente ou indiretamente), pessoa cuja reportagem é sobre ela mesma.

5. Sexo

1 Feminino

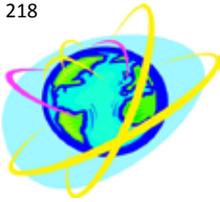
2 Masculino

3 Não se sabe

Complete os códigos restantes somente para pessoas envolvidas nas reportagens. Estes códigos não são utilizados para os repórteres.

6. Idade

Codifique a idade da pessoa **somente se ela é especificamente mencionada na reportagem**. A idade de uma pessoa nem sempre é relevante em uma reportagem. Queremos descobrir se homens e mulheres são igualmente descritos nos termos de suas idades.



Mesmo se você sabe a idade da pessoa mencionada, você tem que codificar com o número 0 se a idade da pessoa não está explicitamente mencionada na reportagem. Embora você possa ser capaz de adivinhar a idade de uma pessoa – por exemplo: há uma foto – você tem que codificar com o número 0, ao menos se realmente a idade dela foi mencionada na impressão.

- 0 Não se sabe (ex. a idade da pessoa não é mencionada)
- 1 12 anos ou menos
- 2 13-18
- 3 19-34
- 4 35-49
- 5 50-64
- 65 anos ou mais

7. Raça/etnia

- 0 Não sabe
- 1 Negra/negro
- 2 Branca/branco
- 3 Indígena
- 4 Outros

8. Orientação Sexual

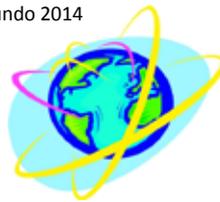
Informe quando for mencionada ou conhecida

- 0 Não sabe
- 1 Homossexual
- 2 Heterossexual
- 3 Bissexual
- 4 Transexual
- 5 Outros

9. Profissão ou posição

Codifique **uma** profissão ou posição para cada pessoa na notícia. Se a pessoa tiver duas ocupações, você terá que escolher. Ex.: escolha a mais relevante no contexto.

O código para trabalhadores/as autônomos/as deve ser o da área de atuação. Ex.: Um/a analista de sistemas autônomo/a recebe código 7, uma pessoa que possui o



próprio negócio, recebe código 10.

No caso de pessoas conhecidas pelo público – Ex.: George W. Bush, Madonna, o presidente do país - coloque código para a profissão mesmo que ela não apareça no conteúdo da notícia.

Para pessoas não conhecidas pelo público, mas que você conheça pessoalmente coloque código 0 mesmo que a profissão não apareça conteúdo da notícia.

0 Não citada. A profissão da pessoa não é descrita na notícia.

1 Realeza, monarquia reinante, monarca destituído, qualquer membro da família real ...

2 Oficial do governo, político/a, presidente/a, ministro/a, líder político/a, funcionário/a de partido político, porta-voz ...

3 Funcionário/a do governo, servidor/a público/a, burocrata, diplomata, oficial de inteligência...

4 Polícia, militar, grupo paramilitar, milícia, oficial de prisão, oficial de segurança, bombeiro...

5 Acadêmico/a, profissional da educação, professor/a ou palestrante universitário (todas as disciplinas), professora de berçário ou jardim de infância, profissional da assistência à infância...

6 Profissional da saúde ou serviço social, médico/a, enfermeira, técnico/a de laboratório, assistente social, psicólogo/a...

7 Profissional de ciências e tecnologia, engenheiro/a, técnico/a, especialista em computação...

8 Profissional da mídia, jornalista, produtor/a de vídeos ou filmes, diretor/a de teatro...

9 Advogado/a, juiz/a, magistrado/a, defensor/a legal, perito/a legal, escrivão/ã...

10 Comerciante, executivo/a, gerente, empresário/a, economista, técnico/a financeiro/a, corretor/a da bolsa...

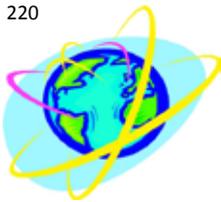
11 Auxiliar de escritório, funcionário/a não-administrativo em escritório, loja, restaurante, serviço de fornecimento de alimentos e bebidas...

12 Comerciante, artesão/ã, operário/a, caminhoneiro/a, funcionário/a de construção, indústria, empregado/a doméstico/a...

13 Trabalhador/a em agricultura, mineração, pesca, ou área florestal ...

14 Religioso/a, padre, monge, rabino, *mullah*, freira...

15 Ativista ou funcionário/a de organização social civil, ou em organização não-governamental, sindicatos, direitos humanos, direitos do consumidor, ambientalista,



agência de cooperação e/ajuda, líder de trabalhadores/as rurais, Nações Unidas...

16 Profissional do sexo, prostituta ...

17 Celebridade, artista, ator/atriz, escritor/a, cantor/a, personalidade de rádio ou TV...

18 Esportista, atleta, jogador/a, treinador/a, árbitro ...

19 Estudante

20 Dona de casa, pai ou mãe. **Codifique apenas se não houver outra profissão**, Ex.: Uma médica que também é mãe recebe código 6.

21 Criança, jovem (até 18 anos)... **Codifique apenas se não houver outra profissão**, Ex.: uma criança que vai à escola, recebe código 19; uma criança que trabalha, recebe código 12.

22 Aldeão/ã ou cidadão/ã com profissão não especificada. **Codifique apenas se não houver outra profissão**, ex. um/a professor/a que também é aldeão/ã recebe código 5.

23 Aposentado/a, pensionista. **Codifique apenas se não houver outra ocupação**, Ex.: um/a policial aposentado/a recebe código 4; um/a político/a aposentado/a recebe código 2.

24 Criminoso/a, suspeito/a. **Codifique apenas se não houver outra profissão**. Ex.: um/a advogado/a suspeito/a de ter cometido um crime recebe código 9; um/a ex-político/a que cometeu um crime recebe código 2.

25 Desempregado/a. **Codifique apenas se não houver outra profissão**. Ex.: um/a ator/atriz desempregado/a recebe código 17; uma pessoa desempregada que comete um crime recebe código 24.

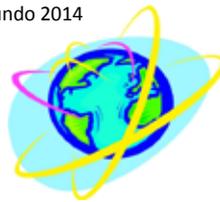
26 Outros. **Use somente como último recurso** (especifique a profissão/posição na seção 'Comentários' da tabela de códigos)

10. Função da notícia no noticiário Em que função ou papel esta pessoa está incluída na notícia?

Escolha **um** código somente para cada pessoa na notícia. Se houver muitas pessoas na notícia, algumas delas podem ter a mesma função. Ex.: a notícia pode ser sobre duas pessoas, neste caso ambas receberiam o código 1; a notícia pode incluir três testemunhas oculares, neste caso todas as três receberiam o código 5.

O código 1 tem prioridade sobre os outros códigos. Ex.: se a pessoa é tanto assunto como um porta-voz, escolha o código 1= Assunto.

0 **Não se sabe:** a função da pessoa não é clara.



- 1 **Assunto:** a notícia é *sobre* esta pessoa, ou sobre algo que a pessoa fez, disse etc
- 2 **Porta-voz:** a pessoa representa ou fala em nome de outra pessoa, grupo ou organização.
- 3 **Perito/a ou comentarista:** a pessoa dá opinião, comentário ou informação adicional, baseada em conhecimento específico ou perícia.
- 4 **Experiência pessoal:** a pessoa opina ou comenta baseada em sua própria experiência; a opinião não pretende necessariamente refletir as opiniões de um grupo maior.
- 5 **Testemunha ocular:** a pessoa dá depoimento ou comentário baseado em observações diretas (Ex.: estar presente a um acontecimento)
- 6 **Opinião popular:** admite-se que a opinião da pessoa reflete a do/a “cidadão/ã comum” (Ex.: em uma entrevista de rua, *vox populi*, etc); supõe-se que o ponto de vista da pessoa seja compartilhado por um grupo maior de pessoas.
- 7 **Outros: Use somente como último recurso** (descreva a função na seção “Comentários” da tabela de códigos)

11. Relacionamentos Familiares As mulheres são muitas vezes definidas nas notícias de acordo com seus relacionamentos familiares (esposa de, filha de, etc.). Os homens são algumas vezes definidos também deste modo (marido de, filho de, etc).

A pessoa é descrita, em algum ponto da notícia de acordo com relacionamentos familiares (Ex.: esposa, marido, filha, filho, tia, tio, avó, avô, etc)?

0 Não

1 Sim. **Codifique “sim” somente se a palavra “esposa”, “marido”, etc for realmente usada para descrever a pessoa.**

12. Vítima A notícia identifica claramente esta pessoa como uma vítima?

Você deve codificar uma pessoa como uma vítima **se** a palavra “vítima” é usada para descrevê-la **ou se** a notícia sugere que a pessoa seja uma vítima – Ex.: por usar palavras ou imagens que evoquem emoções particulares como espanto, horror, pena pela pessoa.

Escolha UM dos códigos abaixo para cada pessoa no noticiário. Às vezes uma pessoa pode ser identificada como sendo vítima de mais de um acontecimento ou circunstância – por exemplo, uma pessoa que esteve envolvida em um acidente de carro e então



foi roubada. Em um caso assim, você terá que tomar uma decisão – Ex.: escolha o acontecimento ou a circunstância que é mais notória na notícia do noticiário.

Nota: uma pessoa pode ser identificada tanto como vítima ou como sobrevivente no mesmo item do noticiário. Codificar uma pessoa como vítima não exclui a possibilidade de codificá-la também como sobrevivente.

- Não é vítima
- Vítima de um acidente, catástrofe natural, pobreza, doença...
- Vítima de violência doméstica (pelo(a) marido/esposa/parceiro(a)/outro membro da família), violência psicológica, agressão física, abuso sexual por parte do marido, assassinato...
- Vítima de violência sexual não-doméstica ou abuso, assédio sexual, estupro, tráfico...
- Vítima de outro crime, roubo, assalto, assassinato...
- Vítima de violação baseada na religião, tradição, crença cultural, mutilação genital...
- Vítima de guerra, terrorismo, tortura, violência de Estado...
- Vítima de discriminação baseada no sexo, raça, etnia, idade, religião...
- Outro tipo de vítima: descreva na seção “Comentários” da tabela de códigos...
- Não se sabe não se pode decidir

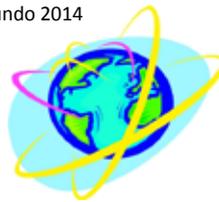
13. Sobrevivente A notícia identifica claramente esta pessoa como sobrevivente?

Você deve codificar uma pessoa como sobrevivente **se** a palavra “sobrevivente” é usada para descrevê-la **ou se** a notícia sugere que a pessoa seja sobrevivente – Ex.: por usar palavras ou imagens que evoquem emoções particulares como admiração ou respeito pela pessoa.

Escolha **um** dos códigos abaixo para cada pessoa no noticiário. Se alguém é identificado como sendo sobrevivente de mais de um acontecimento ou circunstância você terá que tomar uma decisão – Ex.: escolha o acontecimento ou a circunstância que é mais notória na notícia do noticiário.

Nota: uma pessoa pode ser identificada tanto como vítima ou como sobrevivente no mesmo item do noticiário. Codificar uma pessoa como sobrevivente não exclui a possibilidade de codificá-la também como vítima.

- Não é um sobrevivente
- Sobrevivente de um acidente, catástrofe natural, pobreza, doença...
- Sobrevivente de violência doméstica (pelo(a) marido/esposa/parceiro(a)/outro membro da família), violência psicológica, agressão física, abuso sexual por parte do



marido, assassinato ...

- Sobrevivente de violência sexual não-doméstica ou abuso, assédio sexual, estupro, tráfico ...
- Sobrevivente de outro crime, roubo, assalto, assassinato ...
- Sobrevivente de violação baseada na religião, tradição, crença cultural, mutilação genital, recém-casamento ...
- Sobrevivente de guerra, terrorismo, tortura, violência de Estado
- Sobrevivente de discriminação baseada no sexo, raça, etnia, idade, religião ...
- Outro tipo de sobrevivente: descrito na seção 'Comentários' da tabela de códigos ...
- Não se sabe, não se pode decidir

14. Esta pessoa é citada diretamente na notícia?

0 Não

1 Sim

Uma pessoa é **citada diretamente** se suas próprias palavras são impressas. **Ex.: "A guerra contra o terrorismo é nossa prioridade" disse o presidente Bush.** Neste caso, você codificaria 1 na coluna 14.

Se a notícia explica por meio de paráfrase o que a pessoa disse **não é uma citação direta.** **Ex.: O presidente Bush disse que seria dada prioridade ao combate ao terrorismo.**

Neste caso, você codificaria 0 na coluna 14.

15. Há uma foto dessa pessoa?

0 Não;

1 Sim;

2 Não se sabe (Ex.: Há uma foto, mas você não está certo se esta pessoa aparece).

D. ANÁLISE

Quando e como as mulheres se tornam o foco da notícia? Até que ponto a notícia aumenta o entendimento público sobre as desigualdades entre mulheres e homens? Os estereótipos masculinos e femininos são reforçados ou desafiados nas notícias do noticiário? Estas perguntas são feitas na parte final da codificação. Codifique esta informação **uma vez** para cada notícia do jornal na primeira linha de código para a notícia – colunas 16 a 19.



16. As mulheres são o centro desta notícia?

A maior parte dos focos de notícia – as pessoas cujas ações e opiniões são relatadas nas notícias – são homens. Mas as mulheres realmente “fazem a notícia” de um modo significativo. Queremos estabelecer os tipos de notícia em que as mulheres têm um papel central.

Algumas notícias centralizam-se em um grupo de mulheres ou em uma determinada mulher – Ex.: uma notícia sobre um time de futebol feminino ou sobre uma mulher que comete um crime.

Outras notícias tratam de assuntos que afetam as mulheres de um modo particular – Ex.: uma notícia sobre o desemprego entre mulheres ou sobre a incidência do vírus da AIDS (HIV) entre mulheres.

Em todos estes exemplos, as mulheres são o centro da notícia. Se você está em dúvida se as mulheres são o centro da notícia, codifique 3 (“não sei”).

- Sim, as mulheres são o centro da notícia
- Não, as mulheres não são o centro da notícia
- Não sei, não consigo decidir

17. A notícia destaca claramente assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre mulheres e homens?

Notícias em que as mulheres **são** o centro da notícia não destacam necessariamente os assuntos de igualdade ou desigualdade. Por exemplo, um item que retrata uma entrevista com uma ministra da economia pode focalizar seus pontos de vista sobre tarifas de comércio, ou política econômica geral. Esta notícia seria codificada como 2 na coluna 17. No entanto, se a ministra gastasse muito tempo na entrevista descrevendo estratégias governamentais para reduzir o abismo entre os salários das mulheres e dos homens, destacaria de fato questões envolvendo a igualdade. Neste caso, você poderia codificar 1 na coluna 17.

Semelhantemente, notícias em que as mulheres **não são** o centro da notícia podem destacar de fato questões envolvendo a igualdade. Por exemplo, uma notícia sobre o lançamento de um esquema para providenciar empréstimos e subsídios para pequenas empresas poderia examinar se as mulheres e os homens se beneficiarão igualmente do esquema, se a informação sobre o esquema está alcançando um número igual de mulheres e homens, e assim por diante. Neste caso você poderia codificar 1 na coluna 17. Mas uma notícia sobre o lançamento de um esquema como este, que simplesmente



relata a quantidade de dinheiro disponível, ou os tipos de negócio que são elegíveis, poderia ser codificada como 2 na coluna 17.

Se você não tem certeza ou não consegue decidir se a notícia destaca claramente questões de igualdade/desigualdade ou não, codifique 3.

- **Sim**, claramente destaca igualdade/desigualdade.
- **Não**, claramente não destaca igualdade/desigualdade.
- **Não sei**, não consigo decidir.

18. A notícia desafia ou reforça claramente estereótipos femininos e/ou masculinos?

Alguns estereótipos femininos e masculinos são universais. Por exemplo, as mulheres são geralmente conhecidas por não serem ambiciosas, racionais, dependentes e por serem frágeis; os homens geralmente são conhecidos como ambiciosos, racionais, fortes e independentes. Você notará os estereótipos que são normalmente caracterizados pelas mulheres e homens na sua própria cultura.

Algumas das notícias desafiam claramente estes estereótipos; outras nitidamente os reforçam. Outras não desafiam e nem os reforçam de forma clara. A linguagem (escolha de palavras) e imagens (escolha de fotos) no item ajudarão você a decidir qual código usar. Caso não tenha certeza ou não consiga decidir use o código 4.

- Claramente desafia estereótipos
- Claramente reforça estereótipos.
- Não desafia e nem os reforça claramente.
- Não sei, não consigo decidir.

19. Análise adicional

Pretendemos fazer uma análise adicional de algumas das notícias. A análise ilustrará certas tendências na cobertura jornalística – por exemplo, notícias que perpetuam estereótipos e que falham ao incluir as opiniões ou pontos de vista das mulheres; bem como aquelas que desafiam os estereótipos, ou que contribuem para um entendimento de desigualdades entre mulheres e homens. Também serão analisados aspectos relacionados aos estereótipos racistas e de orientação sexual. As coordenadoras do projeto serão responsáveis por esta análise, contudo, precisamos da *sua* ajuda para identificar tais notícias.



Agora que chegamos ao fim da codificação, você acha que esta notícia em especial seria um exemplo útil para uma análise mais detalhada? Pense na introdução ou na manchete, no grupo de pessoas entrevistadas, na linguagem e nas imagens, no leque de pontos de vista incluídos, na posição do item dentro do noticiário, na impressão geral dada pela notícia.

- Sim, útil para análise adicional.
- Não, sem utilidade para análise adicional.
- Não sei.

Lembre-se: Quando você achar uma história que julgar ser útil para análise adicional, você precisará enviar uma cópia do recorte às coordenadoras (pode ser escaneada, via email).

EXEMPLO DE JORNAL

Exemplo retirado de um jornal Mexicano nacional

GOVERNO ESPANHOL É ACUSADO DE “TRIVIALIDADE”

Foto de ministras usando “roupas da moda” causa polêmica.

Ao lado da foto de oito ministras, produzida pela Vogue espanhola, o texto diz: “Oito mulheres entram para a história. Nunca houve tantas mulheres que fizeram história em um golpe. Sete ministras do governo e a vice-primeira-ministra. Um retrato para a Vogue e descendência. Vida Longa à Revolução”.

EFE, Madrid

Oito mulheres que integram o governo espanhol se converteram em alvo de fortes críticas ao posarem para a *Vogue Espanhola*.

A edição de setembro da revista publica uma reportagem fotográfica na qual destacam-se a vice-primeira-ministra e sete mulheres membros do gabinete, todas recentemente nomeadas pelo primeiro-ministro José Luis Rodrigues Zapatero. As ministras aparecem vestidas pelos melhores estilistas espanhóis, nos jardins do Palácio da Moncloa, sede da presidência do Governo.

Elvira Leal, diretora de arte da Vogue, disse que a intenção era séria – comemorar o fato de que pela primeira vez na história da Espanha, há um governo com um número igual de homens e mulheres. Mas o principal partido da oposição, o Partido Popular, anunciou que vai pensar na possibilidade de solicitar que as



ministras compareçam perante o Parlamento para se explicarem. “Por quê?” perguntou um porta-voz do Partido Popular, “elas fariam esta sessão de fotos fúteis com roupas que estão fora do alcance da maioria da população”, quando deveriam estar tentando atingir a completa igualdade para as mulheres?

Ontem a ministra da cultura, Carmen Calvo, respondeu às críticas em nome de suas colegas, alegando que a matéria da Vogue é histórica e séria. A acusação de trivialidade é injustificada e as críticas são exageradas, concordou a ministra da Saúde, Elena Salgado. Os críticos deveriam ler o artigo e as entrevistas, nas quais expomos as ações que planejamos conquistar. Ela disse que não se arrepende de ter posado para a revista.

COMO CODIFICAR O EXEMPLO DO JORNAL

INFORMAÇÕES BÁSICAS

No topo do canto direito da tabela de códigos, coloque:

Seu código de monitoramento

Nome do jornal.

A NOTÍCIA

Nas colunas de 1 - 3, registre os seguintes códigos:

Número da Página. Esta notícia está na página 6. **Código 6;**

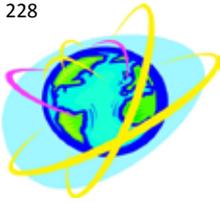
Assunto: Esta é uma notícia sobre a representação da mulher na mídia. **Código 40;**

Local: Este é um jornal mexicano e a notícia se passa na Espanha. Os codificadores no México usariam o **código 4**. Uma notícia semelhante no jornal espanhol seria **codificada 2** nesse país.

OS JORNALISTAS E AS PESSOAS NA NOTÍCIA

Há quatro pessoas para codificar nessa história: Elvira Leal, o porta-voz do Partido Popular, Carmen Calvo e Elena Salgado. Você precisa registrar os códigos relevantes para cada um deles em uma linha separada da tabela de código. Codifique as pessoas na ordem que elas aparecem na notícia.

Nota 1: Só duas das oito ministras são codificadas - Carmen Calvo e Elena Salgado. As outras seis ministras são descritas na história simplesmente como parte



de um grupo (“Oito mulheres que integram o governo espanhol”). Grupos não são codificados.

Nota 2: Uma outra pessoa – o primeiro-ministro Zapatero - é mencionada na história. Mas ele não é entrevistado ou citado, a notícia não é sobre ele. Por esse motivo ele não deveria ser codificado.

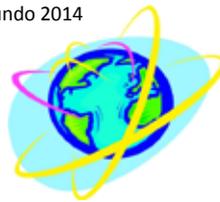
Nota 3: Não há jornalista para codificar nessa notícia. A notícia vem da EFE, agência de notícias espanhola. Agências de notícias não são codificadas.

1. **Elvira Leal.** Nas colunas de 4 a 15, registre os códigos:

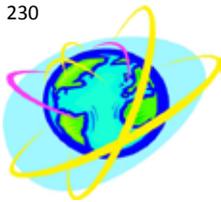
Papel: 4, indivíduo na notícia
Sexo: 1, feminino
Idade: 0, a idade dela não é mencionada na história
Raça/etnia: 2, branca
Orientação sexual: 1, homossexual
Profissão: 8, mídia
Função: 2, porta-voz; ela está falando em nome da Vogue
Família: 0, ela não é descrita em termos de relacionamento familiar
Vítima: 0, ela não é identificada como uma vítima
Sobrevivente: 0, ela não é identificada como uma sobrevivente
Citação direta: ela não faz uma citação direta; (ela faz uma citação indireta; mas suas verdadeiras palavras não são impressas).
Fotografia: 0, ela não aparece em foto.

2. **Porta-Voz do Partido Popular.** Nas colunas de 4 a 15, registre os códigos:

Papel: 4, indivíduo na notícia
Sexo: 4, a história não diz se a pessoa é homem ou mulher
Idade: 0, a idade do indivíduo não é mencionada na história
Raça/etnia: 1, negro
Orientação sexual: 0, não sabe
Profissão: 2, porta-voz de um partido político
Função: 2, porta-voz do Partido Popular
Família: 0, não é descrito(a) em termos de relacionamento familiar
Vítima: 0, não é identificado(a) como vítima



- Sobrevivente:** 0, não é identificado (a) como sobrevivente
- Citação direta:** 1, as verdadeiras palavras do indivíduo aparecem na história
- Fotografia:** 0, não aparece em foto.
- 3. Carmen Calvo.** Nas colunas de 4 a 15, registre os códigos:
- Papel:** 4, indivíduo notícia
- Sexo:** 1, feminino
- Idade:** 0, a idade dela não é mencionada na história
- Raça/etnia:** 2, branca
- Orientação sexual:** 0, não sabe
- Profissão:** 2, ministra do governo
- Função:** 2, ela fala em nome de suas colegas
- Família:** 0, ela não é descrita em termos de relacionamento familiar
- Vítima:** 0, ela não é identificada como vítima
- Sobrevivente:** 0, ela não é identificada como sobrevivente
- Citação direta:** 0, ela não faz uma citação direta; (ela faz uma citação indireta; mas suas verdadeiras palavras não são impressas).
- Fotografia:** 1, ela é uma das oito ministras na foto da Vogue que é reproduzida no artigo
- 4. Elena Salgado.** Nas colunas de 4 a 15, registre os códigos:
- Papel:** 4, indivíduo na notícia
- Sexo:** 1, feminino
- Idade:** 0, a idade dela não é mencionada na história
- Raça/etnia:** 2, branca
- Orientação sexual:** 2, heterossexual
- Profissão:** 2, ministra do governo
- Função:** 4, ela fala em seu nome, dizendo que não se arrepende
- Família:** 0, ela não é descrita em termos de relacionamento familiar
- Vítima:** 0, ela não é identificada como vítima
- Sobrevivente:** 0, ela não é identificada como sobrevivente



Citação direta:

1, suas verdadeiras palavras aparecem na história

Fotografia:

1, ela é uma das oito ministras na foto da Vogue que é reproduzida no artigo

ANÁLISE

Na primeira linha da notícia, nas colunas de 16 a 19, registre os seguintes códigos:

As mulheres são o centro dessa notícia? As mulheres são o foco da notícia aqui.

Código 1

Os estereótipos são claramente reforçados ou desafiados? A história realmente invoca certos estereótipos: que as mulheres – mesmo as mulheres no poder – estão interessadas principalmente na moda e na aparência; que as mesmas são mais “fúteis” do que “sérias”. Por outro lado, as declarações de Elvira Leal, Carmen Calvo e Elena Salgado contestam essas críticas. Além disso, o texto junto à foto da Vogue proclama matéria da revista tem intenção séria e histórica. Considerando tudo, não pode ser dito que a história reforça claramente estereótipos (e nem que desafia claramente estereótipos). **Código 3**

É útil para análise adicional? A notícia relatada dá margem para muitas interpretações diferentes e poderia ser manuseada de muitas maneiras diferentes. Qual foi o incentivo dessas ministras? O que elas conseguiram? O que perderam? Quase nada é dito sobre o conteúdo do artigo ou das entrevistas que acompanharam as fotos. Como é possível o acréscimo dessa informação ter mudado a notícia? A seleção das fontes, o equilíbrio dos pontos de vista, o uso da linguagem surtirá um grande efeito na impressão que é dada em um caso como este. Por essa razão, seria útil analisar e comparar como a notícia foi veiculada numa gama de jornais e na mídia. **Código 1**

